

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ATLAS LINGUÍSTICO DOS FALARES DE MANAUS – ALFAMA

LETÍCIA PINTO CARDOSO

Manaus – 2018

LETÍCIA PINTO CARDOSO

ATLAS LINGUÍSTICO DOS FALARES DE MANAUS – ALFAMA

Dissertação apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso.

Manaus – 2018

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em Letras

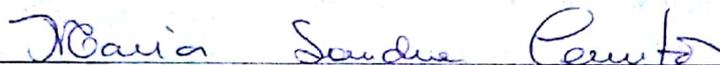
LETÍCIA PINTO CARDOSO

“Atlas linguístico dos Falares de Manaus - ALFAMA”

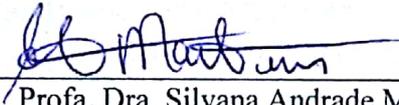
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso - **Orientadora**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM



Profa. Dra. Maria Sandra Campos - **Membro**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM



Profa. Dra. Silvana Andrade Martins - **Membro**
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira - **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profa. Dra. Flávia Santos Martins - **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C268a Cardoso, Letícia Pinto
Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA / Letícia
Pinto Cardoso. 2018
119 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Dialetoлогия. 2. Atlas. 3. Manaus. 4. Fonética/Fonologia. I.
Cardoso, Maria Luiza de Carvalho Cruz II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

In memoriam dos meus avós José, Marina e Paulo, migrantes que ajudaram a construir também esta história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo incentivo aos estudos e à persistência. Obrigada a meu pai pela indicação de ajuda no Educandos, bairro em que trabalhou como diretor de escola durante muitos anos. Um obrigada especial à minha mãe por ter me acompanhado em algumas das incursões da pesquisa de campo, por ter atravessado a cidade, enfrentado as mudanças climáticas propícias de dezembro e os humores inesperados e fortuitos próprios da raça humana, e por nunca abandonar a docência, já que ao final e nos entremeios das entrevistas cumpria seu papel de incentivo à educação dando conselhos e estímulos a todos os entrevistados que conheceu, e acabou, como é costumeiro nessa profissão, alcançando-os afetivamente.

Agradeço à Universidade Federal do Amazonas por sua longa e resistente existência, por todas as lutas que trava para se manter como ponte para a formação e para o saber. Agradeço, ainda, ao Programa de Pós-Graduação em Letras pelas lições não apenas aprendidas em sala de aula, como também para a vida dedicada à pesquisa.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas – Fapeam, pelo auxílio oferecido por meio de bolsa, por incentivar a pesquisa no Estado, por manter a porta para pesquisadores no Amazonas aberta.

Agradeço à professora Maria Luiza Cruz-Cardoso, que é um nome para sempre gravado na história da Dialetoologia brasileira, e especialmente para a pesquisa dialetológica no Estado do Amazonas. Obrigada por ter aceitado orientar a produção deste Atlas e por ter contribuído com conhecimento e cuidado.

Agradeço à Universidade do Estado do Amazonas, minha casa, lugar onde fiz a graduação e dei os primeiros passos, as primeiras palavras como pesquisadora. Foram os anos mais extenuantes e revigorantes para aprender, falhar, e seguir tentando. Foi onde fiz meu chão, meu porto seguro, para onde sempre volto, porque é lar, e sempre haverá alguém para me receber ou algo para me lembrar e ensinar.

Agradeço à *minha Trindade* – professoras Jeiviane, Lorena e Renata. São tantas horas compartilhadas em salas, carros e lanchas, queria ser capaz de poder agradecer-las por tantos ensinamentos, por tantos momentos felizes, especiais, transformadores. Agradeço especialmente à professora Jeiviane por anos antes, em 2012, ter sido minha professora, primeiro na disciplina de Fonética, conquistando, por seu amor, muitos jovens corações para a pesquisa (*Musa*), e em seguida como orientadora nos projetos de extensão e iniciação científica, agradeço, também, por sua presença marcante e constante em minha vida.

Agradeço à Elaine Andreatta pelo apoio nos meses da seleção do mestrado, pelo suporte do primeiro ano, por impedir fugas para a fronteira, por toda atenção e força dispensadas, pelos gestos de amizade, de afeto, por formar com a *Trindade* a minha *Cassiopeia*. Agradeço, também, por ter me apresentado à professora Fátima, que foi de extrema importância para o sucesso da minha pesquisa de campo, quem me indicou vários contatos em todos os pontos de inquérito, seus amigos que, por esse laço afetivo, simplesmente, me ajudaram, abraçaram a causa. Por conta disso, agradeço em especial a um deles, o Paulo de Queiroz Martins, que muito me ajudou a encontrar informantes no São Raimundo. Esses pequenos gestos permeiam a criação do *ALFAMA*, não fosse por eles, seu nascimento teria sido impossível.

Agradeço ao professor Edson Galvão pela disponibilidade, paciência e boa vontade ao me ensinar a manusear o programa SGVCLin. Obrigada também pelos *pitacos* na pesquisa e na produção das cartas, foram extremamente importantes, assim como a indicação do competentíssimo e atencioso cartógrafo Alan Alievi, responsável pela elaboração do mapa básico das cartas do *ALFAMA*.

Agradeço às professoras Sandra Campos e Flávia Martins pela leitura atenta e valiosas contribuições para a execução do *ALFAMA* durante a etapa de qualificação do projeto.

Agradeço à Rebeca Martins, designer, que por amizade me ajudou na primeira formatação das cartas linguísticas. Obrigada pelo apoio e parceria.

Agradeço ao Leandro Babilônia, porque são tantos momentos também de amizade e força que é difícil mensurar. Obrigada por nunca ter abandonado a posição de monitor-chefe, mesmo que isso seja irritante algumas vezes, mas eficiente. Agradeço pela mensagem antes da prova de mestrado ou, no passado disso, pelo incentivo para fazer um atlas linguístico de Manaus. Obrigada pelos livros, pelo gravador, pelas leituras e revisões.

Agradeço ao Paulo pelos dois anos de escuta. Sem seu profissionalismo, essa jornada teria sido mais difícil. Obrigada por usar o botão de sacudidas quando necessário. Obrigada por aparecer com guarda-chuvas e me tirar das tempestades quando não havia mais o que explorar nelas. Obrigada pelo novo sentido de paciência. E pela *tecla f* para quando o sentido se sobrecarrega.

Agradeço à Andressa Farias pelo apoio e companhia em tantas incursões na pesquisa. Pelas histórias que ouvimos, pelas coisas que aprendemos enquanto caminhávamos em busca de informantes.

Agradeço à Andressa Barroso, Brenda Fernandes, Érika Batista e Larine Adorno, por terem atravessado os anos de escola e estarem presentes na minha vida, para qualquer hora, sobre tudo e qualquer coisa.

Agradeço às amigas Olga, Luna (nunca Thaís) e Maiara por não fazerem parte deste meu mundo, por me desopilarem tantas vezes e por se manterem sempre ao meu lado. Meninas, vocês me trouxeram tantos sorrisos, iluminando meus momentos mais difíceis.

Agradeço às parceiras de mestrado, Ketlen Nascimento e Cristiane Nascimento, pela companhia em sala de aula, nos trabalhos, nos estudos. Agradeço pelas mensagens e e-mails trocados, pelos momentos de desespero e dúvida, pelos votos de confiança e fé na pesquisa e na capacidade para concluí-la. Sem vocês, tudo teria sido mais difícil e solitário.

Agradeço às crianças, Luiza, Diana e Miguel, pela leveza, pela alegria, pelas injeções de vida e esperança.

Agradeço também à professora Cleude, à Dineia, à Edith, à Eliana, à Fran, ao Gil do Educandos, à Karen e família, à Keila e família, à Nilva Braga, à Vilma, à Viviane, à Wilson, à Vanileia. Sem eles, este trabalho teria sido impossível de realizar.

Finalmente, agradeço por cada encontro, por cada não, por cada sim, por cada história, por tantas histórias, por cada chuva e dia quente, por cada e qualquer conversa trocada, por tantas experiências, por tudo ter me afetado, atravessado, atingido. Por não se limitar apenas a experiências acadêmicas, mas humanas. Por isso, valeu a pena. E eu sou grata.

RESUMO

Mapear os falares de pontos geográficos previamente delimitados constitui a finalidade dos atlas linguísticos. O presente trabalho, intitulado *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA* – se insere nessa iniciativa de apresentar, a partir da aplicação de questionário fonético-fonológico, os falares de uma região, no caso Manaus, cidade que não havia sido investigada pelo *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Assim, o *ALFAMA*, composto por dois volumes, a partir do aporte da Dialectologia e o enfoque sociolinguístico, selecionou quatro bairros representativos da capital do Amazonas, são eles: Alvorada (Zona Centro-Oeste), São Raimundo (Zona Oeste), Educandos (Zona Sul) e Colônia Antônio Aleixo (Zona Leste), escolhendo seis informantes em cada um deles, homens e mulheres, distribuídos cada um em três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante), com nível de escolaridade baixo, isto é, que fossem iletrados ou que tivessem estudado até a 8ª série do Ensino Fundamental. Ademais, buscou-se aplicar o questionário aos 24 informantes que fossem manauaras ou que para a cidade tivessem se mudado muito cedo, levando-se em consideração que Manaus, como capital e principal centro econômico da região Norte, é composta de muitos fluxos migratórios. A partir desses critérios, foram realizadas 159 questões cujo objetivo era coletar fenômenos fonéticos, ligados a aspectos do vocalismo e consonantismo do português brasileiro. As respostas foram inseridas no programa de geração de cartas linguísticas *SGVCLin (Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas)*, de autoria de Seabra, Romano e Oliveira (2015), e compõem o segundo volume deste atlas. Entre os resultados destacados, ressalta-se a realização fechada das vogais médias pretônicas anterior e posterior; a manutenção do ditongo [ey] e o apagamento do ditongo [ow]; o -R pós-vocálico com realização predominante para a fricativa glotal surda e -S em coda silábica com predominância para as fricativas pós-alveolares. Assim, com a realização deste atlas, pretende-se contribuir para o conhecimento da realidade linguística da região Norte e estimular a produção de outras pesquisas dialetológicas na capital amazonense.

Palavras-chave: Dialectologia, Atlas, Fonética/Fonologia.

ABSTRACT

To map out the speeches of geographical spots previously delimited is the purpose of the linguistics atlas. This paper, entitled Linguistics Atlas of Speeches from Manaus - LASM - introduces itself in the initiative of presenting, with the application of a phonetic-phonological questionnaire, the speeches of a region, Manaus for this matter, a city which had not been investigated by the Amazon Linguistics Atlas – ALA. Thus, the LASM, composed of two volumes, with the assessment of Dialectology and the sociolinguistic approach, has selected four representative districts from the capital of Amazonas, which are: Alvorada (Middle West Area), São Raimundo (West Area), Educandos (South Area) and Colônia Antônio Aleixo (East Area), choosing six informers on each of them, men and women, disposed each one on three age groups (18 to 35 years old, 36 to 55 years old and 56 upward), with low educational level, that is, were illiterate or had an educational level up to the 8th grade on elementary school. Furthermore, it sought to apply the questionnaire to 24 informers who were manauaras or those who had moved to the city early on, considering that Manaus, as capital and main economical center of North Region, is composed of many migratory flows. From these standards, 159 questions were made with the purpose of collecting phonetical phenomenon, connected to the aspects of vocalism and consonantism within the Brazilian Portuguese. The answers were inserted on the linguistics letter generating software SGVCLin (Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas), designed by Seabra, Romano e Oliveira (2015), composing the second volume of this atlas. Among the results, it was made notable the closed execution of the anterior and posterior pretonic middle vowels, the diphthong management [ey] and the diphthong fading [ow]; the -R post-vocal with predominance to the deaf glottical fricative and -S in syllabic coda with predominance to the post-alveolar fricatives. Thus, with the making of this atlas, its purpose is to contribute to the knowledge of linguistic reality of the North Region and to incite the production of other dialectological researches on the Amazonian capital.

Key-words: Dialectology, Atlas, Phonetic/Phonology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Amazônia no final do período colonial	22
Figura 2 – Mapa ilustrativo da divisão dialetal proposta por Nascentes (1922)	37
Figura 3 – Mapa criado para geração das cartas fonéticas do <i>ALFAMA</i>	64
Figura 4 – Exemplo de carta gerada para o <i>ALFAMA</i>	65
Figura 5 –Carta fonético-fonológica do <i>ALFAMA</i>	67
Figura 6 – Carta fonético-fonológica diagenérica do <i>ALFAMA</i>	68
Figura 7 – Carta fonético-fonológica diageracional do <i>ALFAMA</i>	69
Figura 8 – Carta fonético-fonológica diageracional do <i>ALFAMA</i> com ausência de gráficos	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos 1– Origem dos informantes do <i>ALFAMA</i>	24
Gráfico 2 – Nível de escolaridade de mulheres entrevistadas para o <i>ALFAMA</i>	62
Gráfico 3 – Nível de escolaridade de homens entrevistados para o <i>ALFAMA</i>	62
Gráfico 4 – A realização do [e] em vocábulos com vogal tônica alta – Diagenérico	90
Gráfico 5 – A realização do [e] pretônico em vocábulos com vogal tônica alta – Diageracional	90
Gráfico 6 – Realização da vogal média anterior pretônica – Diatópico.....	91
Gráfico 7 – Realização da vogal posterior pretônica em Manaus – Diatópico	93
Gráfico 8 – <i>ALFAMA</i> – A realização da vogal média posterior – Diageracional.....	94
Gráfico 9 – <i>ALFAMA</i> – A realização da vogal média posterior – Diagenérica.....	95
Gráfico 10 – <i>ALFAMA</i> – A realização do ditongo [ow] – Diatópico	95
Gráfico 11 – <i>ALFAMA</i> – A realização do ditongo [ow] – Diagenérico	96
Gráfico 12 – <i>ALFAMA</i> – A realização do ditongo [ow] – Diageracional.....	96
Gráfico 13 – <i>ALFAMA</i> – A realização do ditongo [ey] – Diatópico	97
Gráfico 14 – <i>ALFAMA</i> – A realização do ditongo [ey] – Diagenérico.....	97
Gráfico 15 – <i>ALFAMA</i> – A realização do ditongo [ey] – Diageracional.....	98
Gráfico 16 – <i>ALFAMA</i> – A realização da lateral palatal – Diatópica	99
Gráfico 17 – <i>ALFAMA</i> – A realização da lateral palatal – Diagenérica	100
Gráfico 18 – <i>ALFAMA</i> – A realização da lateral palatal – Diageracional	100
Gráfico 19 – <i>ALFAMA</i> – A realização da nasal palatal – Diatópica.....	101
Gráfico 20 – <i>ALFAMA</i> – A realização da nasal palatal – Diagenérica	101
Gráfico 21 – <i>ALFAMA</i> – A realização da nasal palatal – Diageracional.....	102
Gráfico 22 – <i>ALFAMA</i> – A realização do -R pós-vocálico em contexto final de vocábulo – Diatópico	102
Gráfico 23 – <i>ALFAMA</i> – Realização do -R em final de vocábulo – Diagenérica.....	103
Gráfico 24 – <i>ALFAMA</i> : A realização do -R pós-vocálico em final de vocábulo – Diageracional.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Zonas e datas de fundação dos bairros de Manaus	29
Quadro 2 – Pesquisas dialetológicas realizadas por alunos do Pibic e da especialização	48
Quadro 3 – Realização da vogal média anterior pretônica em contexto de vogal tônica aberta no ALAM e no ALFAMA.....	77
Quadro 4 – Análise percentual da vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta no ALAM e no ALFAMA	78
Quadro 5 – Análise percentual da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica fechada.....	79
Quadro 6 – Análise percentual da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica fechada.....	79
Quadro 7 – Análise da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta	80
Quadro 8– Análise da vogal média posterior pretônica em vocábulos com hiato	80
Quadro 9– Análise da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica nasal	81
Quadro 10 – Análise das ocorrências do ditongo [ey].....	82
Quadro 11 – Análise das ocorrências do ditongo [ow]	83
Quadro 12 – Análise das concretizações da lateral palatal no ALAM e no ALFAMA ..	84
Quadro 13 – Análise da realização da nasal palatal	84
Quadro 14 – Análise referente ao –R pós-vocálico em contexto medial de vocábulo	85
Quadro 15 – Análise do -R pós-vocálico em contexto final de vocábulo	85
Quadro 16 – Análise do -S em coda silábica no ALAM e no ALFAMA	86
Quadro 17 – ALFAMA: Análise dos valores de ocorrência do -S por faixa etária e por sexo	86
Quadro 18– Realização da vogal média anterior pretônica – ALFAMA	88
Quadro 19 – A realização da média anterior pretônica nos bairros investigados por Quara (2012) e pelo ALFAMA	91
Quadro 20 – A realização da vogal média posterior – ALFAMA.....	92

LISTA DE SIGLAS

Abralin – Associação Brasileira de Linguística
AFBAM – Atlas dos Falares do Baixo Amazonas
AGeLO – Atlas Geossociolinguístico de Londrina
ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas
ALECE – Atlas Linguístico do Estado do Ceará
ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALFAMA – Atlas Linguístico dos Falares de Manaus
ALFARiN – Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro
ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
ALiPE – Atlas Linguístico de Pernambuco
ALiPTG – Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar
ALISPA – Atlas linguístico sonoro do Pará
ALPB – Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR – Atlas Linguístico do Paraná
ALS – Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II – Atlas Linguístico de Sergipe II
ALSAM – Atlas Linguístico do Sul Amazonense
AMPER-POR – Atlas Multimédia Prosodique De l’Espace Roman – Português
AMSIMA – Atlas Morfossintático da Região do Madeira
APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos
CIDS – Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística
EALMG – Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
EDUA – Editora da Universidade Federal do Amazonas
FAMAC – Fala Manauara Culta e Coloquial
FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas
HARAS – Homem, Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras
PPGLA – Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes
PPGSC – Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia
QFF – Questionário Fonético-Fonológico

QMS – Questionário Morfossintático

QSL – Questionário Semântico-Lexical

SGVCLin – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas

UCLA – Universidade da Califórnia em Los Angeles

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Unesp – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

Consoantes

- [p] consoante oclusiva bilabial surda
- [b] consoante oclusiva bilabial sonora
- [t] consoante oclusiva alveolar surda
- [k] oclusiva velar surda
- [g] oclusiva velar sonora
- [m] nasal bilabial sonora
- [n] nasal alveolar sonora
- [ɲ] nasal palatal sonora
- [r] vibrante alveolar sonora
- [ʀ] tepe alveolar sonoro
- [f] fricativa labiodental surda
- [v] fricativa labiodental sonora
- [s] fricativa alveolar surda
- [z] fricativa alveolar sonora
- [ʃ] fricativa pós-alveolar surda
- [ʒ] fricativa pós-alveolar sonora
- [h] fricativa glotal surda
- [ɦ] fricativa glotal sonora
- [l] lateral alveolar sonora
- [ʎ] lateral palatal sonora
- [tʃ] africada pós-alveolar surda
- [dʒ] africada pós-alveolar sonora

Vogais

- [i] vogal alta anterior não-arredondada
- [ɪ] vogal alta anterior não-arredondada (final de palavra)
- [e] vogal média alta anterior não-arredondada
- [ɛ] vogal média baixa anterior não-arredondada
- [a] vogal baixa anterior
- [ɐ] vogal baixa central (átona final de palavra)
- [ɔ] vogal média baixa arredondada
- [o] vogal média alta arredondada
- [u] vogal alta posterior arredondada
- [ʊ] vogal alta posterior arredondada (átona final de palavra)

Semivogais:

- [y] semivogal anterior
- [w] semivogal posterior

Diacríticos:

- (') Antecede a sílaba tônica;
- (~) Indica nasalização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 BREVE HISTÓRICO DE MANAUS	22
1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIAIS E ECONÔMICOS	25
2 HISTÓRICO DE CADA BAIRRO	29
2.1 EDUCANDOS (ZONA SUL)	31
2.2 COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO (ZONA LESTE)	32
2.3 SÃO RAIMUNDO (ZONA OESTE)	33
2.4 ALVORADA (ZONA CENTRO-OESTE)	34
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	36
3.1 A DIALETOLOGIA NO BRASIL	36
3.1.1 A primeira fase da pesquisa dialetológica brasileira	36
3.1.2 A segunda fase da pesquisa dialetológica brasileira	36
3.1.3 A terceira fase da pesquisa dialetológica brasileira	38
3.1.4 A quarta fase da pesquisa dialetológica brasileira	38
3.2 OS ATLAS JÁ PRODUZIDOS NO BRASIL	39
3.2.1 Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB	39
3.2.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG	40
3.2.3 Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB	40
3.2.4 Atlas Linguístico de Sergipe – ALS	41
3.2.5 Atlas Linguístico de Sergipe II (<i>ALS-II</i>)	41
3.2.6 Atlas Linguístico do Paraná – ALPR	42
3.2.7 Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS	42
3.2.8 Atlas linguístico sonoro do Pará – ALISPA	43
3.2.9 Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM	44
3.2.10 Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar – ALIPTG	45
3.2.11 Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC	46

3.2.12 Atlas Geossociolinguístico de Londrina – AGeLO	46
3.2.13 Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE.....	46
3.2.14 Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE.....	47
3.2.15 Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo.....	47
3.3 A GEOSOCIOLINGUÍSTICA NO AMAZONAS	48
3.3.1 Pesquisas dialetológicas em programas de iniciação científica	48
3.3.2 Pesquisas dialetológicas em programas de pós-graduação.....	49
3.3.3 Os atlas pós-ALAM	50
3.3.4 O Projeto Fala Manauara Culta e Coloquial – FAMAC	54
3.4 A SOCIOLINGUÍSTICA	55
3.5 A DIALECTOLOGIA E A SOCIOLINGUÍSTICA	56
3.6 OS FENÔMENOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS INVESTIGADOS	58
3.6.1 O vocalismo	58
3.6.2 O consonantismo.....	59
3.6.3 As vogais médias pretônicas na pesquisa de Quara	59
4. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	61
4.1 A LEITURA DAS CARTAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO ALFAMA	66
5 RELATO DA PESQUISA DE CAMPO.....	71
5.1 O COMPORTAMENTO DO PESQUISADOR PARA OBTENÇÃO DE RESPOSTAS	73
6. COMPARAÇÃO ENTRE O ALFAMA E O ALAM.....	76
6.1 VOCALISMO	76
6.1.1 Vogal média anterior.....	76
6.1.2 Vogal média posterior	78
6.1.3 Outros aspectos do vocalismo	81
6.1.4 Ditongo [ey]	82
6.1.5 Ditongo [ow]	82

6.2 CONSONANTISMO	83
7. BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS FALARES DE MANAUS	88
7.1 ASPECTOS DO VOCALISMO EM MANAUS	88
7.1.1 A vogal média anterior – <i>ALFAMA</i>	88
7.1.2 Vogal média posterior	91
7.1.3 Realização do ditongo [ow]	95
7.1.4 Realização do ditongo [ey]	97
7.2 ASPECTOS DO CONSONANTISMO EM MANAUS	98
7.2.1 Lateral palatal.....	99
7.2.2 Nasal palatal.....	100
7.2.3 O -R pós-vocálico em final de vocábulo.....	102
CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	116

INTRODUÇÃO

“As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” diz Calvet (2002, p. 12) nas páginas iniciais de seu livro *Sociolingüística: uma introdução crítica*. De fato, não há língua sem falantes nem o contrário. Ela é um instrumento de comunicação, de normas em comum, mas também, e por tudo isso, um instrumento político. Se na Itália, por exemplo, em 1246, a diversidade dos falares era reconhecida, na Inglaterra da metade do século XVI ela não era permitida, pois se defendia que a língua deveria ser única, sem variações (CARDOSO, 2008).

A questão dos diferentes falares em um mesmo espaço geográfico ou ainda em espaços distintos é o que desperta o interesse para a diversidade linguística e, assim, surgem os estudos dialectológicos. No entanto, com o avanço das pesquisas, tornou-se importante o controle de outras variáveis que não apenas a diatópica (geográfica), visto que: “Todos los dialectos son tanto espaciales como sociales, puesto que todos los hablantes tienen un entorno social igual que una localización espacial”¹ (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 82).

Com isso, surge o entrelaçamento da Dialectologia com a Sociolinguística, cujo enfoque nos falares está condicionado ao controle de variáveis extralingüísticas, conhecidas também como veios sociolinguísticos (CARDOSO, 2010): a variável diagenérica, responsável pelos dados referentes ao sexo dos informantes, se masculino ou feminino; a variável diageracional, cujo controle refere-se às idades dos informantes, a ser delimitadas pelo pesquisador que, geralmente, busca estabelecer pelo menos o contraste entre mais novos e mais velhos; e a variável diastrática, que se volta para questões de classe social. É nesta variável que se inclui, por exemplo, o controle do nível de escolaridade dos informantes.

No Brasil, o estudo dos falares aconteceu de forma progressiva. Inicialmente, no século XIX, publicações de dicionários regionais, glossários e trabalhos a respeito do vocabulário predominaram o período inicial da geolinguística. No século seguinte, com a publicação da pesquisa de Amadeu Amaral (1920) sobre o dialeto caipira e a sua até então avançada metodologia para coleta de dados, assim como a divisão dialetal realizada por Antenor Nascentes (1922) ajudaram a alavancar e tornar seguro o terreno em que a Geolinguística brasileira iria se firmar. É no final desse século que se concretiza o plano de produzir um atlas linguístico brasileiro (o *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*), mas, antes da sua consecução, vê-se que é necessário, devido à extensão territorial do país, iniciar a

¹ Em tradução livre: Todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, porque todos os falantes têm também um ambiente social e uma localização espacial.

produção de atlas regionais. Esses colaboram não apenas com dados para contrastar com o *ALiB*, como também incentivam a realização de congressos, palestras, seminários, divulgando e firmando de uma vez, portanto, a Geolinguística como área de pesquisa.

Quanto ao Amazonas, especificamente, vem se tornando campo fértil para a dialectologia e a sociolinguística na última década. Diversas pesquisas têm surgido a respeito da realização de fenômenos linguísticos, porém, poucas têm abordado a fala da capital do Estado, Manaus. Por isso, faz-se necessário expandir as pesquisas referentes ao falar manauara e, por conseguinte, aos falares do Norte, levando-se em consideração que Manaus é o principal centro financeiro da região, além do seu valor cultural e histórico.

O presente trabalho teve por objetivo realizar o atlas linguístico da capital do Amazonas, o *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA*, isto é, um mapeamento dos falares da cidade de Manaus que partiu da fala e não do léxico. Para isso, investigaram-se alguns dos bairros mais antigos, de acordo com cada zona da cidade, e aplicou-se o questionário fonético-fonológico já testado na execução do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, com fins de comparação entre os atlas, coletando dados relacionados ao vocalismo, como as vogais médias em posição pretônica, a manutenção ou redução das semivogais dos ditongos [ey] e [ow], o abaixamento ou alteamento das vogais átonas, assim como ao consonantismo, por exemplo, as ocorrências de oclusivas alveolares, laterais, nasal palatal, -R em contexto inicial, medial e final, e o -S na posição medial ou final, partindo ainda de critérios extralinguísticos, como nível de escolaridade (informantes iletrados ou que tenham cursado até o Ensino Fundamental), gênero (mulheres e homens) e faixa etária (dividida em três, a saber: a primeira faixa etária, 18 a 35 anos; a segunda, 36 a 55 anos, e a terceira, 56 anos em diante).

O *ALFAMA* é apresentado em dois volumes. O primeiro volume está dividido em sete capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo é uma incursão histórica a respeito de Manaus e seus aspectos geográficos, sociais e econômicos. O segundo capítulo investe na história de cada um dos quatro bairros selecionados (Educandos, Colônia Antônio Aleixo, São Raimundo e Alvorada), destacando seus limites físicos, bem como a sua representatividade para a cidade. O terceiro capítulo apresenta os aspectos teóricos que norteiam o *ALFAMA*, assim discorre-se sobre o campo de pesquisa da Dialectologia, com destaque para seu percurso histórico no Brasil e as suas principais publicações ao longo dos anos. Também é apresentada a Sociolinguística, modelo pelo qual o *ALFAMA* se guia em sua delimitação para seleção de informantes, levando em consideração o controle de variáveis extralinguísticas. O quarto capítulo apresenta os fundamentos metodológicos empregados

pelo atlas, tais como os critérios para a seleção dos informantes e os pontos de inquérito, o questionário e ainda o programa computacional SGVCLin (Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas), utilizado para a elaboração das cartas fonéticas.

Em seguida, há o quinto capítulo, que traz o relato da pesquisa de campo, as vivências e experiências obtidas durante esse período. Por sua vez, o sexto capítulo compartilha quadros comparativos dos resultados encontrados pelo *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* e o *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA*. O sétimo capítulo apresenta breves considerações sobre os falares de Manaus a partir dos resultados obtidos pelo *ALFAMA*, trazendo gráficos para ilustrar a realização dos fenômenos fonéticos e destacar as variáveis extralinguísticas, isto é, as ocorrências linguísticas apontadas também sob a perspectiva da idade e do gênero dos informantes.

O segundo volume do *ALFAMA* apresenta as cartas fonético-fonológicas e orientações para a maneira como se deve lê-las, assim como o questionário e dados dos pontos de inquérito e dos informantes, com atenção ao sigilo de suas identidades.

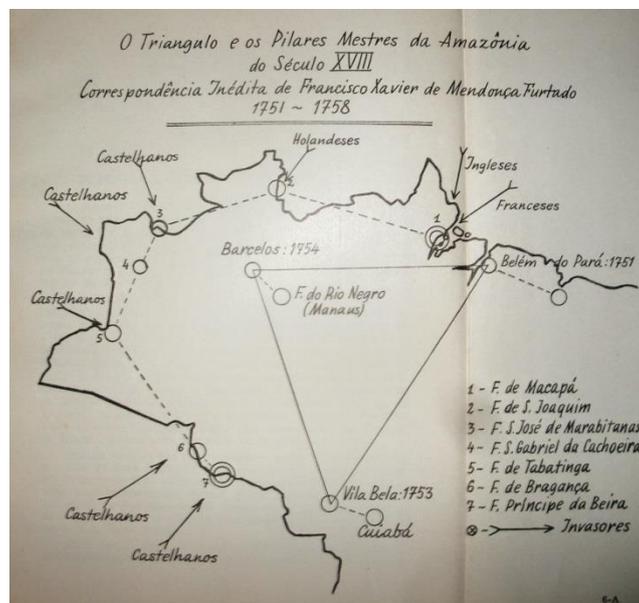
Com a realização deste atlas, espera-se ampliar o incentivo a pesquisas dialetológicas, sociolinguísticas, geossociolinguísticas, de forma que o mapeamento ora realizado em Manaus sirva como ponto de partida para pesquisas centradas nos fenômenos aqui investigados e cujas realizações são apontadas, já que não é a finalidade dos atlas linguísticos a interpretação, mas a exibição das ocorrências da realidade linguística conforme os pontos de inquérito selecionados para comparação e, quando pertinente, da indicação de variáveis extralinguísticas.

1 BREVE HISTÓRICO DE MANAUS

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a história de formação da cidade de Manaus e suas características geográficas e socioeconômicas. Além de pesquisadores e historiadores, foram utilizadas informações coletadas a partir de jornais da cidade para compor esta sucinta apresentação sobre Manaus.

Assim, contar a história da cidade que é a grande capital econômica da Região Norte é falar, também, da fundação do Estado do Amazonas, embora nem sempre tenha sido sua sede, e desvelar, ainda, as negligências políticas e econômicas que atrasaram tanto o desenvolvimento do Estado como da própria Região. O Amazonas foi fundado com o propósito de não permitir invasões, de franceses, holandeses e espanhóis, que vinham através da fronteira com o Suriname. Dessa forma, em 1669, Francisco da Mota Falcão, capitão de artilharia, foi designado a ocupar a região e assim o fez fundando o Forte São José do Rio Negro. Próximo dali, nascia um povoado, cujo nome recebido era de Lugar da Barra.

Figura 1 – Mapa da Amazônia no final do período colonial



Fonte: Blog História de Ariquemes²

Em função da Carta régia, no dia 13 de março de 1755, a antiga missão de Mariuá foi escolhida como capital e recebeu o nome de Barcelos. Mais tarde, a sede foi transferida, por

² Disponível em: <http://historiadeariquemes.blogspot.com.br/2015/01/mapa-da-amazonia-no-final-do-periodo.html>

conta da localização, para o Lugar da Barra, que em 1832 tornou-se Vila da barra. Em 24 de outubro de 1848, dezesseis anos depois, recebeu o título de Cidade da Barra de São José do Rio Negro. Contudo, com a elevação da Comarca à Província, em 1850, a Cidade da Barra ganhou um novo nome em 4 de setembro de 1856: Cidade de Manaus – em referência aos Manaós. Eles formavam uma tribo que se tornou símbolo de resistência contra a colonização e escravatura dos índios; o significado de seu nome, com o qual a cidade foi batizada, é “mãe dos deuses”.

Mesmo com a elevação à Província, não houve alteração no quadro econômico, visto que era ainda muito dependente do Pará. Assim, a atividade manufatureira realizada era insuficiente, além da produção agrícola, iniciada quando da chegada dos colonizadores, que estava em declínio. Com isso, a participação da Província no conjunto de exportações nacionais era inexpressiva (PONTES FILHO, 2000). A situação econômica só mudará no período de surto da borracha.

A partir da segunda metade do século XIX, iniciou-se o desenvolvimento do comércio e exploração do látex *hevea brasiliensis*. O aumento da demanda de exportação do produto traz mudanças significativas para Manaus, no que se refere à economia, demografia e cultura. “Entre 1880 e 1913, período áureo, a região toma outras feições que culminaram na perda de sua face predominantemente indígena” (PONTES FILHO, 2000, p. 131).

Não apenas no segundo período de exportação da borracha, em decorrência da Segunda Guerra Mundial e do fechamento do comércio asiático (concorrência que levou à derrocada a produção brasileira de borracha), mas principalmente durante esse breve surto, que migraram para região muitos brasileiros que vinham do Nordeste. Esses seringueiros ficaram conhecidos como soldados da borracha e por aqui vários continuaram, mesmo após o encerramento da guerra e da nova queda na exportação brasileira da *hevea brasiliensis*.

De acordo com Samuel Benchimol em *Amazônia – Formação social e cultural*, ao longo dos oitenta anos de produção ativa da borracha, a Amazônia foi o destino de muitos migrantes nordestinos, chamados genericamente de “cearenses”. Afirma o autor que eles “Procediam geralmente das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e outros estados nordestinos.” (BENCHIMOL, 2009, p. 153) As migrações ocorriam, dentre outros motivos, por duas razões principais: a seca e a seringa. A primeira está relacionada à fome e à miséria por que esses migrantes passavam, enquanto a segunda razão se explica pela vontade de se aventurar no desconhecido, na vontade de enriquecer por meio da extração e venda da borracha.

O êxodo pode ser notado entre os anos de 1877 e 1878, quando houve o deslocamento de 19.910 retirantes. Conforme o autor:

Em 1892, as entradas registraram uma migração de 13.593 nordestinos. No triênio 1898-1900, nos portos de Belém e Manaus, entraram 88.709 migrantes no auge desse movimento povoador. Contados os números até 1900, teríamos um afluxo de 158.125 nordestinos que vieram *fazer a Amazônia*, cerca de 20% da população amazônica da época. De 1900, passando pelo apogeu de 1910, até a depressão, estimamos que a Amazônia recebeu mais de 150.000 cearenses, totalizando assim 300.000 migrantes nordestinos, no período de 1877 a 1900. No período da II Batalha da Borracha, de 1941 a 1945, o exército dos soldados da borracha incorporou consideravelmente contingentes de cearenses, paraibanos, pernambucanos, rio-grandenses-do-norte e baianos. (BENCHIMOL, 2009, p.154)

Em certo momento de seu livro, Benchimol afirma que é difícil encontrar uma família amazonense que não tenha em seus ancestrais um retirante/migrante do nordeste.

Por constituírem a maioria da população amazônica, esses descendentes de cearenses-nordestinos ocupam a maior parte das posições e lideranças em todos os segmentos da sociedade regional. Por isso, é raro encontrar, ainda hoje, uma família amazonense que não tenha entre os seus pais, avós e ascendentes um flagelado, retirante ou migrante do Nordeste, após haver percorrido longa carreira de vida no interior da Amazônia. (BENCHIMOL, 2009, p.158)

Na pesquisa de campo do *ALFAMA*, por conta da escolaridade pretendida, foi possível encontrar informantes cuja ascendência é nordestina e que ou tinham nascido nas terras de lá e se mudaram para cá cedo ou que já nasceram aqui, sendo mais um fruto de Manaus. Nos gráficos abaixo, é possível ver a origem dos informantes entrevistados para o *ALFAMA*. Destaca-se a utilização do rótulo “Amazonas” para os informantes cujas origens são do interior do Estado.

Gráficos 1 – Origem dos informantes do *ALFAMA*



Fonte: Gráficos elaborados pela autora

Ainda sobre o processo migratório, Samuel Benchimol afirma que, entre 1944 e 1945, houve um novo contingente humano. Tratava-se de cariocas, paulistas, mineiros, capixabas e mato-grossenses de todas as classes e profissões que vinham em busca de um novo horizonte. Segundo Benchimol, essas pessoas eram os “desgarrados”, aqueles que não possuíam família para retornarem nem profissão definida, eram aventureiros.

Vinham à Amazônia pelo simples sabor da aventura, muitos estimulados pela passagem de graça nos navios Lloyd, pelas promessas do governo, dos boatos e anúncios dos outros de imigração e recrutamento, ou como alternativa para fugirem à convocação para a Força Expedicionária Brasileira que lutava na Itália. (BENCHIMOL, 2009, p. 166-167)

Após a borracha, a economia no Estado e, conseqüentemente, na capital, entrou em letargia. Ademais, para que houvesse movimentação no setor financeiro e geração de empregos, foi necessária uma intervenção por parte do governo federal. É assim que na década de 1960 surge a Zona Franca de Manaus, atraindo, por conta de incentivos fiscais, baixos impostos e promovendo a vinda de indústrias para a capital do Amazonas. Com essa iniciativa, Manaus hoje é o maior centro econômico da região Norte, concorrendo, diretamente, com outras regiões industriais, sobretudo com as que residem em São Paulo. Assim, o fluxo migratório tornou-se constante, sendo recorrente a vinda de amazonenses para a capital, seja para buscar empregos no polo industrial, seja para aprofundar seus estudos.

1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIAIS E ECONÔMICOS

Localizada no coração da Amazônia, Manaus possui vegetação dominada principalmente pela Floresta de Terra firme, acarretando em um clima predominantemente equatorial úmido de convergência intertropical. A temperatura oscila entre 24°C, a mínima, e a máxima variando 32°C/34°C. Mas a sensação térmica é a principal causa para as reclamações do calor. Isso se deve ao fato de a região estar localizada em um lugar em que a umidade é muito alta, porém com baixa ocorrência de vento³. “A flutuação sazonal limita-se a duas estações: inverno (estações das chuvas), iniciando em fins de dezembro e terminando em fins de julho, e verão (ou estiagem) no resto do período”, destacam Cauduro *et al.* (2011, p. 15). O calor pode ser diminuído por meio de chuva ou

³ Para maiores informações, ler a matéria realizada pelo jornal D24am (a versão online do *Diário do Amazonas*) em 2010, está disponível em: <http://new.d24am.com/amazonia/meio-ambiente/para-inmet-calor-maior-manaus- apenas-sensacao-termica/7062>

com a entrada na região de frentes frias pelo quadrante sul, como a Massa Polar Atlântica (MPA). Esta ocorre geralmente entre os meses de maio a julho (MOLION, 1988; AGUIAR, 2001), podendo ocorrer até em agosto. Esse Anticiclone Polar, como mencionado anteriormente, aproveitando-se da Depressão do Chaco e Planície Sul-Matogrossense, chega na Amazônia e chega à cidade de Manaus, causando variação nos valores térmicos e o fenômeno conhecido como “Friagem”. (SILVA, 2009)

A respeito da temperatura, na edição comemorativa do aniversário de Manaus em 2017, o *Jornal do Commercio* publicou uma entrevista com o pesquisador Luiz Cândido, do Inpa. O doutor em Meteorologia explicou que, até a década de 1970, a cidade preservava o clima natural. Na época, Manaus era formada apenas por vilas pequenas. De acordo com o entrevistado, a cidade, “no passado, era semelhante com o clima próximo do que se verificava nas zonas rurais.” Ele aponta como fontes de aumento da temperatura o aglomerado de pessoas desenvolvendo atividades em pequenos espaços.

Por encontrar-se em fase de expansão, a cidade está sendo verticalizada. O pesquisador explica que “Se estivéssemos com o PIB dos últimos anos, essa expansão seria muito mais rápida, e o calor aumentaria ainda mais rapidamente. Porque as construções absorvem muita energia e a liberam lentamente também, o que torna o ambiente mais quente.” Assim, a fim de dar conta das mudanças climáticas que vêm ocorrendo na capital, desde 2015 têm sido realizadas pesquisas a respeito de Ilhas de Calor em Manaus. De acordo com o Jornal, o fenômeno, mapeado por universidades e institutos de pesquisa, tem por objetivo apresentar as consequências da urbanização – o aumento das construções de concreto e a redução da vegetação. Isto é, as Ilhas de Calor são áreas modificadas devido à presença do ser humano. Por conta disso, nelas são produzidas mais energia e radiação do que em seu arredor. Assim, bairros como o Alvorada, Dom Pedro e Chapada são tidos como Ilhas de Calor. Segundo o Jornal, a temperatura nesses locais pode ficar até oito graus acima dos demais bairros de Manaus.

Sob os pontos de vistas territoriais e demográficos, conforme os dados do IBGE 2016, Manaus possui 11.401,092 km² de área territorial. Em 2015, a estimativa populacional foi superior à prevista pelo IBGE, quando 37.410 habitantes se mudaram para a capital, representando 1,8% a mais que a previsão do órgão, enquanto que seis municípios, de acordo com a matéria publicada pelo portal de notícias G1⁴, tiveram redução em sua população. Entre as cidades, estão Fonte Boa (-2,5986%), Santo Antônio do Içá (-1,3215%), Tapauá (-0,6245%),

⁴ A matéria encontra-se disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2015/08/populacao-de-manaus-cresce-e-chega-2057711-estima-ibge.html>

Tefé (-0,3481%) e Itamarati (-0,3171%). Em 2017, a cidade de Manaus se confirmou como a mais populosa das regiões Norte e Sul do país, com 2.130.264 habitantes, apresentando um aumento de 1,71% em relação a 2016. Nesse intervalo de um ano, conforme a matéria divulgada em 30 de agosto de 2017 pelo jornal online D24am⁵, oito municípios do Amazonas tiveram redução populacional, sendo Japurá o que mostrou a maior queda, quase 10%. A matéria explica ainda que o aumento populacional de Manaus tem como principal razão o crescimento vegetativo, no qual nascem mais pessoas do que morrem na cidade. Sendo assim, é como se Manaus recebesse anualmente a população inteira de Eirunepé, isto é, 34.888 pessoas.

É importante destacar que a capital do Amazonas é o núcleo da Região Metropolitana de Manaus (RMM), que foi criada em 2007 pela Lei Complementar Estadual nº. 52/07, e pertence à Mesorregião Centro-Amazonense e à Microrregião de Manaus. Além da cidade, outros sete municípios fazem parte da RMM, compreendendo uma área de 101.475 km². São eles: Iranduba, Presidente Figueiredo, Itacoatiara, Careiro da Várzea, Manacapuru, Novo Airão e Rio Preto da Eva. Destaca-se que em 2009, a partir do projeto de Lei Nº 64/2009, outros cinco municípios foram acrescentados à RMM, são eles: Careiro Castanho, Autazes, Silves, Itapiranga e Manaquiri.

Como concentra a produção industrial e grande parte dos lucros dos outros municípios é revertido para serviços que se encontram em Manaus, nos últimos anos o fluxo de migrantes vindos do interior do Estado do Amazonas para a capital aumentou, como já mencionado nas notícias.

Isso se explica, também, por Manaus ser o principal centro financeiro da Região Norte. Porém, esse fator não é um impeditivo para a discrepância de renda entre seus cidadãos. Segundo o *Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras*, lançado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a disparidade de renda *per capita* mensal é significativa, sendo possível encontrar algumas áreas em que os valores ultrapassam R\$ 7 mil, enquanto em outras não chegam a R\$ 170. Na capital, a título de ilustração, o valor mínimo é de R\$ 169,10, já o mais alto é de R\$ 7.893,75. Porém, se comparada com os anos 2000, essa diferença apresenta queda, graças a investimentos de políticas públicas, como o Programa Bolsa Família.

A renda per capita média da RM de Manaus cresceu 48,70% na última década, passando de R\$ 487,67, em 2000, para R\$ 725,17, em 2010. A taxa média anual de crescimento foi de 4,05%, entre 2000 e 2010. A proporção de pessoas pobres, ou

⁵ A matéria pode ser lida neste link: <http://d24am.com/amazonas/com-21-milhoes-de-habitantes-manaus-segure-como-7a-cidade-mais-populosa-do-pais/>

seja, com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00 (a preços de agosto de 2010), passou de 32,75%, em 2000, para 16,37%, em 2010. A evolução da desigualdade de renda nesses dois períodos pode ser descrita através do Índice de Gini, que passou de 0,63, em 2000, para 0,61, em 2010. (JORNAL D24am, do dia 2 de julho de 2015)

Mesmo ocupando o penúltimo lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que considera os levantamentos a partir das variáveis longevidade, renda e educação, Manaus apresentou melhoria, em relação a 2000, quando ocupava a classificação de baixo. Quando comparada com São Paulo, que possui a nota mais alta no índice, a porcentagem cai de 22,1% para 10,3%.

Como se vê, são grandes os desafios enfrentados pela cidade, a exemplo dos que se observa em outras capitais. Manaus conta, porém, com a capacidade de acolher pessoas e ainda ofertar oportunidades. Durante a pesquisa de campo, foi possível encontrar muitos comerciantes recém-chegados à capital e que aqui encontraram seu sustento e estabelecimento financeiro e pessoal. No capítulo a seguir, a apresentação sobre Manaus continua, todavia, dando-se ênfase aos bairros investigados pelo *ALFAMA*.

2 HISTÓRICO DE CADA BAIRRO

Neste capítulo, são apresentadas as datas de fundação dos bairros que compõem a capital do Estado do Amazonas, assim como são vistos os aspectos principais acerca das histórias dos bairros selecionados como pontos de inquérito do *ALFAMA*.

De acordo com o IBGE (2010), a cidade de Manaus está dividida em seis zonas: Oeste, Centro-Oeste, Norte, Sul, Centro-Sul e Leste. Para a construção do *ALFAMA*, foram selecionados os bairros mais antigos para serem os representantes de cada zona em nosso atlas, totalizando, ao final, quatro bairros.

Quadro 1 – Zonas e datas de fundação dos bairros de Manaus

ZONA	BAIRRO	FUNDAÇÃO (cf. Jornal do Commercio, 2006)
Zona Sul	Betânia	1960
Zona Sul	Cachoeirinha	1892 (projeto por Eduardo Ribeiro)
Zona Sul	Centro	1669
Zona Sul	Colônia Oliveira Machado	1855
Zona Sul	Crespo	1940, mas oficialmente em 1950
Zona Sul	Distrito Industrial I	
Zona Sul	Educandos	1856; 1907 (decreto)
Zona Sul	Japiim	1970
Zona Sul	Morro da Liberdade	1892; 1944 (quando recebe grande número de moradores)
Zona Sul	Nossa Senhora Aparecida	1895; 1922 (abertura das primeiras ruas)
Zona Sul	Petrópolis	1951
Zona Sul	Praça 14 de Janeiro	1892
Zona Sul	Presidente Vargas	1894
Zona Sul	Raiz	1964
Zona Sul	Santa Luzia	Década de 1920
Zona Sul	São Francisco	Ocupação a partir de 1947
Zona Sul	São Lázaro	Por volta de 1950
Zona Sul	Vila Buriti	1978
Zona Centro-Sul	Adrianópolis	Início do séc. XX
Zona Centro-Sul	Aleixo	1942
Zona Centro-Sul	Chapada	1958
Zona Centro-Sul	Flores	1891
Zona Centro-Sul	Nossa Senhora das Graças	
Zona Centro-Sul	Parque 10 de Novembro	1938
Zona Centro-Sul	São Geraldo	1893

Zona Leste	Armando Mendes	1987
Zona Leste	Colônia Antonio Aleixo	1930-1942
Zona Leste	Coroado	1971
Zona Leste	Distrito Industrial II	1957
Zona Leste	Gilberto Mestrinho	
Zona Leste	Jorge Teixeira	1989
Zona Leste	Mauazinho	1983
Zona Leste	Puraquequara	Primeira década do séc. XX, sendo reconhecido como bairro em 1990
Zona Leste	São Jose Operário	Final da década de 1970 e início da década de 1980
Zona Leste	Tancredo Neves	Meados da década de 1980
Zona Leste	Zumbi dos Palmares	1986
Zona Oeste	Compensa	Década de 1960
Zona Oeste	Glória	Início do séc. XX, se expandindo em 1953
Zona Oeste	Lírio do Vale	Década de 1960
Zona Oeste	Nova Esperança	Década de 1980
Zona Oeste	Ponta Negra	Em 1650 era habitada por índios, entre 1959 a 1963 foi aberta a estrada que deu acesso ao local
Zona Oeste	Santo Agostinho	1970
Zona Oeste	Santo Antônio	A partir da década de 1950
Zona Oeste	São Jorge	Década de 1950
Zona Oeste	São Raimundo	1849 (ocupado)/1877 (primeiro morador)
Zona Oeste	Tarumã	1657
Zona Oeste	Tarumã-Açu	
Zona Oeste	Vila Da Prata	Década de 1970
Zona Centro-Oeste	Alvorada	Final da década de 1960
Zona Centro-Oeste	Da Paz	Início da década de 1980
Zona Centro-Oeste	Dom Pedro I	1974 (inauguração oficial)
Zona Centro-Oeste	Planalto	1979-1982
Zona Centro-Oeste	Redenção	1974
Zona Norte	Cidade de Deus	—
Zona Norte	Cidade Nova	Década de 1980
Zona Norte	Colônia Terra Nova	1988
Zona Norte	Colônia Santo Antônio	1979, 1983 (oficializada)
Zona Norte	Lagoa Azul	
Zona Norte	Monte das Oliveiras	Final da dec. de 80, oficializado em 1993
Zona Norte	Nova Cidade	
Zona Norte	Novo Aleixo	

Zona Norte	Novo Israel	Final da década de 1980, oficializado em 1987
Zona Norte	Santa Etelvina	1979, oficializado em 1984

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se observa, muitos desses bairros têm as suas fundações datadas nas décadas de 1800 ou início de 1900, ou com oficialização apenas em meados do século XX. A Zona Norte foi excluída da investigação para este atlas, porque possui bairros com anos de fundação bem recentes, impossibilitando a investigação da 3ª faixa etária (composta por pessoas que têm idade a partir dos 56 anos). Assim, segundo os dados do *Jornal do Commercio* (2006), entre os bairros mais antigos inseridos nessa subdivisão de Manaus, tem-se: São Raimundo (Zona Oeste), Alvorada (Zona Centro-Oeste), Educandos (Zona Sul), Flores (Zona Centro-Sul) e Colônia Antônio Aleixo (Zona Leste). Porém, apesar de ser inserido inicialmente como ponto de inquérito, durante a pesquisa de campo, o bairro de Flores foi retirado da lista, visto que não se encontrou informantes que atendessem aos critérios estabelecidos, principalmente em relação ao nível de escolaridade, grande parte das pessoas com quem fiz contato tinha pelo menos o Ensino Médio completo. Além disso, abriga inúmeros conjuntos residenciais. A exemplo, o hoje bairro Parque das Laranjeiras foi anteriormente um conjunto residencial de Flores, reconhecido pelo IMPLURB. Em contrapartida, o Parque das Nações não se tornou independente, embora alguns lugares e pessoas se refiram a ele como bairro. O Parque das Nações foi formado no final da década de 1990, por pessoas vindas das diversas partes da cidade, assim como do interior. Tendo em vista essas dificuldades, os bairros que permaneceram como pontos de inquérito foram os quatro mencionados anteriormente: São Raimundo (Zona Oeste), Alvorada (Zona Centro-Oeste), Educandos (Zona Sul) e Colônia Antônio Aleixo (Zona Leste). Eles serão os representantes dos falares de Manaus que irão compor o atlas linguístico desta cidade.

2.1 EDUCANDOS (ZONA SUL)

O bairro Educandos é um dos primeiros a se formar na zona mais antiga de Manaus, a Sul, que compreende, ao todo, dezoito bairros: Betânia, Cachoerinha, Centro, Colônia Oliveira Machado, Crespo, Distrito Industrial I, Educandos, Japiim, Morro da Liberdade, Nossa Senhora Aparecida, Petrópolis, Presidente Vargas, Praça 14 de janeiro, Raiz, Santa Luzia, São Francisco, São Lázaro e Buriti.

1860	1901	1907
Recebe os primeiros habitantes	Recebe as primeiras ruas	Torna-se bairro oficial

De acordo com o Diário Oficial do Município de Manaus⁶, o Educandos tem como perímetro o Rio Negro com o Igarapé dos Educandos, “deste último até o Ig. do Quarenta; deste até a Av. Leopoldo Péres; desta até a Av. Presidente Kennedy; seguido por esta até o Ig. da Colônia Oliveira Machado; deste até o Rio Negro; deste até o Ig. dos Educandos.”, compreendendo assim uma superfície de 82,83 hectares.

A criação do Educandos se dá por meio da Lei nº 60, de 21 de agosto de 1856, autorizada pelo então presidente da Província, João Pedro Dias Vieira, o que estimulou a ocupação da área. Assim como no restante do país, a intenção de Dias Vieira era criar um modelo avançado de Educação. Dessa forma, foi estabelecido o Educandos Artífices no prédio recém-construído da Olaria Provincial, que se localizava em uma ilha na outra margem do igarapé da Cachoeirinha, como era anteriormente conhecido o igarapé do Educandos. Em 1907, por meio do Decreto n.º 67, de 22 de julho do mesmo ano, expedido pelo superintendente municipal coronel José da Costa Monteiro Tapajós, numa homenagem ao governador do Amazonas, Constantino Nery, o bairro se torna oficial e recebe o nome de Constantinópolis, por lembrar a área que compreendia a capital romana durante o Império Romano. Porém, no ano seguinte, passa a se chamar Educandos.

O Educandos é conhecido por seu comércio, localizado na avenida Leopoldo Péres, espaço onde se encontra geração de empregos diretos e indiretos, visíveis por meio da presença de trabalhadores informais (*Jornal do Commercio*, 2006). É conhecido também por ser um dos principais incentivadores das festas de rua⁷.

2.2 COLÔNIA ANTÔNIO ALEIXO (ZONA LESTE)

O bairro Colônia Antônio Aleixo possui população de 16.602 habitantes e ocupa uma área de 240,32 hectares. Durante a pesquisa de campo, descobri por meio dos moradores que, devido a sua extensão, ele é formado por 14 minibairros, entre eles o conhecido como Favela, nomeado assim por ser considerado como a parte mais precária da Colônia Antônio Aleixo, e a Vila, lugar que era ocupado inicialmente pelos portadores de hanseníase que lá residiam e que já haviam saído do hospital. O perímetro deste bairro, de acordo com o Diário oficial:

Inicia na confluência do rio Negro com o Ig. do Mauá, segue por este até encontrar o Ig. da Fortuna, segue por este até a Av. Cosme Ferreira; segue por esta até a

⁶ Publicado em 14 de janeiro de 2010.

⁷ Todos os informantes entrevistados deste bairro mencionaram o carnaval, principalmente os blocos de rua como atividade cultural do bairro. Os informantes da segunda e terceira faixas etárias são participantes ativos dos festejos e me convidaram para apreciá-los.

projeção de um afluente do Ig. da Colônia Antonio Aleixo; segue por este afluente até o Igarapé da Colônia Antonio Aleixo; segue por este até o Ig. da Colônia Antônio Aleixo; segue por este até o Lago da Colônia Antônio Aleixo; segue por este até a margem esquerda do Rio Amazonas, seguindo por este até encontrar a margem esquerda do Rio Negro, segue por este até o Ig. do Mauá.

O bairro Colônia Antônio Aleixo foi formado na década de 1930, durante o governo do presidente Getúlio Vargas, que ordenou ao então ministro Tancredo Neves a construção, no local, de dezesseis pavilhões, que deveriam abrigar os “soldados da borracha”, nordestinos trazidos para reativar os seringais da Amazônia durante o breve surto de exportação que teve na região. Além do Educandos, os arigós, como eram conhecidos, ficavam alojados no local à espera de serem transferidos até o interior do Estado do Amazonas, onde se encontravam os seringais.

Após a partida dos soldados da borracha nordestinos, o local só voltou a ser ocupado novamente por portadores de hanseníase, uma vez que a região era isolada, sendo o seu acesso realizado por meio do margeamento do rio. Segundo o *Jornal do Commercio*, na rua Menandro Tapajós, responsável por 80% do movimento comercial do local, “existem lojas de autopeças, estivas, bebidas, gêneros alimentícios, legumes e verduras, confecções, restaurantes e lojas de conveniência”.

2.3 SÃO RAIMUNDO (ZONA OESTE)

O bairro São Raimundo ocupa 112 hectares e possui 15.95 habitantes de acordo com levantamento realizado pelo IBGE em 2010. O perímetro deste bairro:

Inicia no Ig. do São Raimundo com o Rio Negro; seguindo pela margem deste até um ponto frontal ao início da rua Cmte. Vicente Cruz; daí por uma linha reta no sentido oeste-leste até a rua Cmte. Vicente Cruz; segue por esta até a Av. Presidente Dutra; segue por esta até a rua da Cachoeira; segue por esta até o Igarapé do Sulamérica; segue por este até o Ig. do São Raimundo; segue por este até o Rio Negro. (DIÁRIO OFICIAL, 2010).

O início do São Raimundo se dá em 1849, quando o governo do Estado fez ao Seminário São José a doação do terreno. Assim, sob direção religiosa, pessoas de baixa renda foram as primeiras a ocuparem os loteamentos de parte da área divididos pelo bispo Dom Lourenço da Costa Aguiar. Os primeiros moradores sanaram as dívidas de apropriação do local, denominadas de “foros da igreja”, em cerca de trinta anos (*JORNAL DO COMMERCIO*, 2006). Posteriormente, na década de 1950, o bairro sofre uma expansão populacional, graças à vinda de migrantes do interior do Amazonas que buscavam fugir da

grande enchente de 1953. Atualmente, com o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM) o bairro passa por novas modificações, inclusive de cunho estético.

2.4 ALVORADA (ZONA CENTRO-OESTE)

Criado na década de 1960, o bairro Alvorada está disposto em uma área de 553,18 hectares e possuía, até 2010, uma população estimada em 64.621 habitantes, conforme os dados divulgados pelo IBGE. Apesar de ser dividido em três partes – Alvorada I, Alvorada II e Alvorada III –, consta apenas Alvorada nos dados oficiais. O perímetro do bairro:

Começa no Ig. dos Franceses com Ig. da Sapolândia; segue por este até a rua Loris Cordovil; seguindo por esta até a rua Alvorada; segue por esta até a Av. D. Pedro I; seguindo por esta até a rua Prof. Abílio Alencar; seguindo por esta até a rua João Paulo; desta até a rua Manoel Borba Gato; seguindo por esta até a Av Domingos Jorge Velho; desta até a rua da Prosperidade; seguindo por esta até o Ig. da Cachoeira Grande; seguindo por este até a rua Antônio Figueiredo; seguindo por esta até a rua Virgílio Ferreira; seguindo por esta até a rua Itiruçu; desta até a rua Prof. Castro Figueiredo; seguindo por esta até a rua Urandi; seguindo por esta até a rua da Anunciação, desta até a rua Hidelbrando Antony; desta até a rua Prof. Aires Marinho; desta até a rua Waldemir Cordeiro; desta até a rua Felismino C. Vasconcelos; seguindo por esta até a Av. Des. João Machado; seguindo por esta até a Av. Constantinopla; seguindo por esta até a rua Campos Bravos; seguindo por esta até a rua Utuiutaba; seguindo por esta até a rua Elias Benzecry; desta até a rua Edmundo de Almeida Nery; desta até a rua Wagner; segue por esta até o Ig. da Paz; deste até a Av. Sen. Raimundo Parente; seguindo por este até o Ig. dos Franceses; deste até o Ig. da Sapolândia. (DIÁRIO OFICIAL, 2010)

O Alvorada é um centro comercial movimentado, principalmente voltado para a construção civil, mas também possui lojas de calçados, roupas e feira, e ainda possui serviços de atendimento básico como Serviço de Pronto Atendimento (SPA), delegacia e bancos.

Em reportagem do *Jornal do Commercio*, a história do bairro é contada por meio dos registros acerca de sua padroeira, Nossa Senhora Auxiliadora. Neles explica-se que o bairro recebeu o nome de Promessa devido a uma promessa feita pelo governador a respeito da ida de moradores que se encontravam em situação de risco na Compensa para este novo bairro. Tal promessa foi cumprida, e os novos habitantes, por recursos limitados, construíram suas casas com palhas, ficando assim o bairro conhecido como Cidade das Palhas. Já o nome atual teria sido dado por um radialista que via nesse espaço um novo alvorecer. Outros moradores eram os trabalhadores que ajudaram na construção do estádio Vivaldo Lima.

Durante muito tempo, o bairro foi associado à violência urbana, devido à atuação de grupos que se reuniam para brigar e praticar atos ilícitos, eles eram popularmente chamados de *galeras*, uma versão manauara das chamadas gangues, que existem ainda mundo afora.

Hoje, além do tráfico de drogas, há muitas brigas relacionadas à bebida, de acordo com o *Jornal do Comercio*. O fato de o bairro possuir muitos bares pode explicar a razão disso. Quanto ao entretenimento, possui algumas quadras poliesportivas, mas é à escola de samba Unidos do Alvorada que alguns moradores recorrem para se divertir no bairro.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão apresentadas a Dialectologia no Brasil e um resumo da Sociolinguística. Além disso, será feita a comparação entre essas duas áreas, bem como a apresentação de atlas linguísticos brasileiros e os trabalhos e projetos produzidos sobre os falares do Amazonas.

3.1 A DIALETOLOGIA NO BRASIL

O estudo pioneiro da dialectologia brasileira foi realizado pelo Visconde de Pedra Branca. Nesse trabalho, foram comparados o português falado no Brasil e o falado na Europa. Escrito em 1826, foi publicado na *Introdução ao Atlas Ethnográfico do Globo*, de Adrien Balbi, um importante pesquisador italiano. Por meio da sua descrição, o Visconde de Pedra Branca mostrou as incorporações e interferências de línguas indígenas faladas ao português do Brasil. Tal estudo integra o período conhecido como pré-geolinguística brasileira. (ARAGÃO, 2008). Além dele há, pelo menos, outras quatro fases, de acordo com Mota e Cardoso (2006).

3.1.1 A primeira fase da pesquisa dialetológica brasileira

A primeira fase inicia-se em 1826 e dura até 1920, com a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. Nesse período, os estudos dialetais se concentraram no léxico. Podem ser vistas, também, durante essa fase, as publicações de “glossários, vocabulários e dicionários regionais populares” (ARAGÃO, 2008, p. 2). A obra de Amaral é considerada a precursora das pesquisas sistemáticas, que permitem que os mesmos métodos sejam aplicados em todos os pontos de inquérito investigados, possibilitando, dessa forma, a comparação entre os diversos dialetos, “levando em conta não apenas a imparcialidade dos pesquisadores como também as formas de buscar os dados diretamente juntos aos falantes, o que já era uma antecipação dos métodos da sociolinguística” (ARAGÃO, 2008, p. 2).

3.1.2 A segunda fase da pesquisa dialetológica brasileira

Esse é um momento de grande efervescência nos estudos dialetais realizados no Brasil. Iniciada com a já referida obra de Amadeu Amaral em 1920, esta fase dura até o ano

de 1952, quando é expedido o decreto 30.643, de 20 de março de 1952, regulamentado pela Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, que determinou à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a publicação do Atlas Linguístico do Brasil.

Outra importante obra publicada nesse período foi *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes. É por meio desse livro que Nascentes propõe uma divisão dialetal do país, denominando os falares do Norte e os falares do Sul, um feito até hoje considerado aceito como o mais coerente, sendo comprovado, inclusive, por pesquisas dialetais (Atlas) realizadas no nordeste do país.

Como se observa no mapa abaixo, cada uma dessas duas grandes regiões compreende subfalares: em relação aos falares do Norte, fazem parte o amazônico – composto por Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás – e o nordestino, formado por Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás. Já em relação ao grupo de subfalares do Sul, há o baiano – formado por Sergipe, Bahia e parte de Goiás –, o fluminense, constituído por parte do Espírito Santo, parte de Minas Gerais, além do Rio de Janeiro e o Distrito Federal –, o mineiro – formado pelo Centro-Oeste e por parte de Minas Gerais –, e o sulista – São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, parte de Minas e o Mato Grosso.

Figura 2 – Mapa ilustrativo da divisão dialetal proposta por Nascentes (1922)



Fonte: <https://alib.ufba.br/divisao-dialetal>

Além dessa divisão, Nascentes também apresenta em sua obra um estudo que trata desde aspectos fonéticos, morfossintáticos, até locuções populares do Rio de Janeiro, apresentadas por meio de um vocabulário criado pelo autor (ARAGÃO, 2008).

É desse período, ainda, a obra *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim, terceiro pesquisador importante para a pesquisa dialetológica no Brasil. Junto aos dois outros mencionados, Marroquim completa a tríade precursora dos estudos dialetais brasileiros. Com seu livro publicado em 1934, tem-se uma importante definição para dialeto, além da descrição de aspectos “fonéticos-fonológicos, léxicos e sintáticos do falar de Alagoas e de Pernambuco”, conforme Aragão (2008, p. 3).

3.1.3 A terceira fase da pesquisa dialetológica brasileira

Iniciada com a atribuição da Comissão da Casa de Rui Barbosa, em 1952 — momento em que, segundo Cruz (2004), houve uma grande profusão de estudos geolinguísticos no país —, perdura até a publicação do primeiro atlas regional brasileiro: o *Atlas Prévio dos Falares Baiano — APFB*, publicado em 1963, sob a orientação de Nelson Rossi.

Essa expansão e a publicação do *APFB* foram o pontapé inicial para que surgissem, em vários pontos do país, equipes que aprofundam e aprimoram os métodos de coleta de dados da fala, além de incorporarem variáveis sociais. Com isso, o projeto de um atlas linguístico do Brasil, interrompido anos antes, devido à dimensão territorial e aos aspectos financeiros que tal empreendimento exigiria, é finalmente retomado em 1996 por professores da Universidade Federal da Bahia, liderados pela pesquisadora Suzana Alice Cardoso. Apenas dezoito anos após a retomada, em outubro de 2014, foram lançados os dois primeiros volumes do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* durante o III Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina. O volume I compreende a Introdução, enquanto que o volume II apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de Estado.

3.1.4 A quarta fase da pesquisa dialetológica brasileira

Em 2005, durante o IV Congresso Internacional da Abralín, Suzana Alice Cardoso e Jacyra Andrade Mota propõem uma quarta fase para a dialetologia brasileira. Ela tem como marco inicial o mapeamento linguístico empreendido pelo *ALiB*, que finalmente começa a se concretizar. A realização do *ALiB*, assim como a inserção de linhas de pesquisa na área da

geolinguística e, por conseguinte, o aumento de congressos, seminários, encontros voltados aos estudos dialetológicos levaram a esta nova fase da dialetologia no Brasil, orientada pela geolinguística contemporânea, que finda a visão monodimensional – da geolinguística tradicional, isto é, a investigação que contempla apenas um informante, geralmente, homem do campo, e na terceira faixa etária – e inicia o tratamento pluridimensional, cujo estudo se amplia para critérios diagenéricos, diastráticos, diafásicos, diarreferenciais, ampliando também o campo de estudo, por meio de pesquisas voltadas para a morfossintaxe, pragmática-discursiva, etnográfica, entre outras.

3.2 OS ATLAS JÁ PRODUZIDOS NO BRASIL

3.2.1 Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB

É o primeiro atlas linguístico produzido no Brasil. Seguindo a classificação de Nascentes, o objeto desse atlas foi o mapeamento dos falares baianos, isto é, dos falares dos Estados da Bahia, Sergipe, norte de Minas, leste de Goiás e do atual Tocantins. Para tanto, entre os anos de 1960 e 1962, sob a coordenação de Nelson Rossi, com financiamento da Universidade Federal da Bahia, foram investigadas 50 localidades, “30 selecionadas com base na proposta de Nascentes (1958) e mais 15 vilas e 5 povoados.” (CRUZ, 2004, p. 21). Com limite de faixa etária estabelecido entre 25 e 60 anos, foram inquiridos 100 informantes, 57 mulheres e 43 homens, entre analfabetos e semianalfabetos. Mesmo assim, em cada localidade investigada, não era necessário que houvesse dois informantes de sexo distinto ou que atendessem a uma idade específica, uma prática que até então era comum nas pesquisas dialetológicas, mas que posteriormente, e por influência da sociolinguística, mudará. No *APFB*, foram geradas 154 cartas linguísticas e 11 cartas introdutórias, registrando-se, no total, 2.808 formas, coletadas e transcritas no momento das entrevistas. Além dos dados linguísticos, podem ser vistos dados etnográficos. O questionário presente neste Atlas é essencialmente léxico-semântico, sendo que os dados fonéticos foram obtidos por meio das transcrições referentes aos itens lexicais, possui ao todo “179 perguntas, numeradas de 1 a 164, com algumas desdobradas em *a*, *b* e *c*, aplicadas de forma indireta, e está dividido em quatro grandes áreas semânticas – Terra, Vegetais, Homens e Animais” (CRUZ, 2004, p. 21).

3.2.2 Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG

O segundo atlas brasileiro é o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG*, realizado por José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio. Estava prevista a publicação de quatro volumes, mas, desde o lançamento do primeiro em 1977, não houve divulgação dos demais. A metodologia do *EALMG* se dividiu em inquéritos realizados pessoalmente, em 116 pontos selecionados, e em outros realizados por correspondência, atingindo 302 localidades, até a publicação da primeira parte do empreendimento. Outra característica do *EALMG* é que não se restringiu apenas aos métodos tradicionais da pesquisa geolinguística, mas buscou conciliá-los com outros derivados da sociolinguística laboviana. Assim, seus informantes não correspondem somente ao HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), mas podem fazer parte de outro tipo de grupo. Diante disso:

Os volumes que se encontram em preparação ampliam consideravelmente os dados sobre o Estado de Minas Gerais e estabelecem uma área de confronto mais ampla com o que se registra no *AFPB*, permitindo, assim, a observação mais aprofundada das questões relativas ao “falar baiano” e à demarcação de limites entre os por Nascentes denominados “falares do Norte” e “falares do Sul.” (CARDOSO, 2010, p. 156-157).

3.2.3 Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB

Terceiro atlas produzido no Brasil, o *ALPB* pertence a um projeto maior, intitulado *Levantamento Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano*, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foi um empreendimento idealizado pelas pesquisadoras Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes. O *ALPB* teve início em 1976 e foi planejado para ser publicado em três volumes, no entanto, apenas dois deles foram lançados, ambos em 1984.

Este atlas conta com 25 pontos de inquérito, nos quais foram entrevistados cerca de um a dez informantes, entre as faixas etárias de 30 a 75 anos de idade. O questionário utilizado nesse empreendimento foi dividido em duas partes: uma geral, com 289 questões, abordando os campos semânticos da terra, homem, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação e atividades sociais; e outra mais específica, contemplando 588 questões, que compreendem os cinco principais produtos da Paraíba, como mandioca, cana-de-açúcar, agave, algodão e abacaxi. Os resultados dessa última parte irão constituir o terceiro volume do atlas (CRUZ, 2004).

Para o primeiro volume, foram utilizadas aproximadamente 149 cartas lexicais e/ou fonéticas que estão presentes na parte geral do questionário. Já no segundo volume do *ALPB*, dá-se preferência para as estruturas linguísticas, sobretudo aos aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

3.2.4 Atlas Linguístico de Sergipe – ALS

O *ALS* deu continuidade ao *Atlas Prévio dos Falares Baiano – APFB*, uma vez que tal área se enquadrava no “falar baiano”, conforme a proposta de divisão dialetal feita por Nascentes (1953). Assim, o *ALS* foi realizado em dois volumes. O primeiro, produzido pela mesma equipe que fez o *APFB*, coordenada pelo professor Nelson Rossi, também teve início em 1963, no entanto, só foi publicado em 1987, mesmo após ter sido finalizado em 1983, por conta de problemas no financiamento da pesquisa (CARDOSO, 2010).

Para o *ALS*, foram realizadas 700 perguntas em seu questionário definitivo, inclusive oriundas do questionário da Bahia, o que levou à geração de 171 cartas linguísticas e 12 duplas, que comparam as cartas de Sergipe e da Bahia.

Quanto às inovações apresentadas pelo *ALS*, Cruz (2004) destaca o controle sistemático em todas as 15 localidades investigadas da variável gênero. Logo, em cada ponto de inquérito foram entrevistados um homem e uma mulher. Ao todo, foram entrevistados 30 informantes, 15 homens e 15 mulheres, entre 35 e 52 anos, cujo nível de escolaridade variava entre analfabetos, semianalfabetos e alfabetizados. Além disso, vale destacar que em cada item dos questionários havia uma orientação sobre como realizar a pergunta a seu respeito. Esse recurso servia para que se diminuíssem possíveis discrepâncias na realização das entrevistas, possibilitando, desse modo, uma homogeneidade nos inquéritos (CARDOSO, 2010).

3.2.5 Atlas Linguístico de Sergipe II (*ALS-II*)

Em contrapartida, o segundo volume do *Atlas Linguístico de Sergipe* (o *Atlas Linguístico de Sergipe II, ALS-II*) foi realizado por meio da tese de doutorado da professora Suzana Cardoso na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2002, e publicado em 2005. Como se mostrou produtiva a área semântica Homem, a pesquisadora deu continuidade à análise desses dados. Com isso, produziu nesse novo volume 108 cartas, sendo que três delas são introdutórias, ao passo que as demais se configuram como semântico-lexicais.

Dentre as inovações apresentadas pelo *ALS-II*, tem-se “um conjunto de comentários às cartas e um índice onomasiológico das formas documentadas, a que se acrescenta um glossário semasiológico.” (CARDOSO, 2010, p. 160), o que insere esse atlas na categoria denominada “atlas de segunda geração⁸”.

3.2.6 Atlas Linguístico do Paraná – ALPR

Este atlas é fruto da tese de doutorado da professora Vanderci de Andrade Aguilera, apresentada na Universidade Estadual Paulista em Assis (Unesp – Assis). Ela percorreu 65 localidades ao longo do Estado do Paraná e ouviu, em cada uma delas, dois informantes, com idades que variavam entre os 30 e 60 anos. Assim, o *Atlas Linguístico do Paraná* (1994) foi dividido em dois volumes. No primeiro, tem-se a descrição das localidades, a caracterização dos informantes e “um glossário das formas cartografadas e registradas em notas às cartas” (CARDOSO, 2010, p. 158). Já o segundo traz 191 cartas linguísticas, sendo que 92 correspondem a itens lexicais, 70 fonéticas e 29 apontam isoglossas. Entre as contribuições do *ALPR*, Cruz (2004) comenta que a preocupação em inserir questões já realizadas por outros atlas facilitou a comparação interdialeto. Outro ponto destacado pela autora é o controle da variável faixa etária, além da sistematização da variável gênero.

Em 2007, também como tese de doutorado, de Fabiana Altino, foi apresentado o segundo volume do *ALPR*. Esse novo volume trouxe a análise das respostas inéditas coletadas para o primeiro atlas, constituindo-se de 175 cartas, sendo 125 lexicais e 50 fonéticas. Com a publicação dos dois atlas, alcançou-se 94,95% dos dados coletados nos 65 pontos de inquérito, enquanto que o restante (5,9%) está servindo como fonte para trabalhos monográficos.

3.2.7 Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS

Iniciado em 1980, o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* teve a publicação de dois de seus três volumes apenas no ano de 2002. Ele tem como autores Walter Koch, Mário Silfredo Klassman e Cléo Vilson Altenhofen. O *ALERS* abrangeu os três Estados do Sul e é por esse motivo o primeiro atlas brasileiro a recobrir toda uma região

⁸ Os atlas de segunda geração, ao contrário dos que pertencem à primeira, possuem, além das informações diatópicas e/ou geossociolinguísticas, com ou sem notas, o acréscimo de estudos interpretativos. Já os de terceira geração são aqueles que permitem ouvir as respostas de cada informante presente nas cartas, por isso são denominados de “atlas sonoros” (CARDOSO, 2010).

administrativa. Para isso, os pesquisadores basearam-se na divisão de Nascentes (1958) e na importância histórica dos municípios. Assim, foram selecionadas 275 localidades para a área rural, sendo 100 pontos de inquérito pertencentes ao Paraná, 95 ao Rio Grande do Sul e 80 a Santa Catarina. Quanto à rede urbana, foram escolhidos 19 pontos: 6 do Paraná, 6 de Santa Catarina e 7 do Rio Grande do Sul. Para cada ponto de inquérito visitado, vale ressaltar, foram entrevistados um homem e uma mulher, com idades entre 28 e 58 anos, analfabetos ou com formação até a 4ª série do Ensino Fundamental.

Os dois volumes publicados em 2002 apresentam, no primeiro volume,

um conjunto de informações relativas à origem, natureza e objetivos do atlas, a que se seguem dados de natureza metodológica e atinentes aos questionários utilizados, à rede de pontos, aos informantes e inquiridores e ao tratamento cartográfico que receberam os dados coletados. O segundo volume contempla resultados dos questionários fonético-fonológico e morfossintático, merecendo destacar-se o conjunto de informações relativas às áreas de colonização. (CARDOSO, 2010, p. 160)

Já o terceiro volume do ALERS foi publicado em 2011 pelas editoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse volume apresenta 374 cartas semântico-lexicais que abrangem todas as áreas semânticas do questionário.

3.2.8 Atlas linguístico sonoro do Pará – ALISPA

Iniciado em 1996 e publicado em 2004, o *Atlas linguístico sonoro do Pará – ALISPA* pertence a um projeto maior: o *Atlas Geossociolinguístico do Pará*. Sob a coordenação de Abdelhak Razky, a equipe de professores produziu o primeiro atlas sonoro do Brasil, porque ele informatiza os dados obtidos nas entrevistas e possibilita que as pessoas ouçam os registros coletados.

Assim, os dados foram coletados em 10 cidades do Pará por meio do questionário fonético-fonológico desenvolvido para o *ALiB*. Com isso, 157 questões foram feitas a informantes de duas faixas etárias (18 a 30 anos e 40 a 70 anos), um homem e uma mulher, no total, portanto, de quatro informantes por localidade. Cruz (2004) destaca que o objetivo principal do *ALISPA* é, dado o armazenamento dos registros, construir uma fonoteca dos falares paraenses.

3.2.9 Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM

O *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* foi elaborado por Maria Luiza de Carvalho Cruz no espaço quatro anos como produto de seu doutorado, apresentado em 2004, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e está em fase de publicação. Cruz observou que o Amazonas, por ser o maior Estado brasileiro, devido a sua vastidão territorial, constitui campo notável para pesquisas dialetológicas.

Para exequibilidade da pesquisa no espaço de tempo proposto, a pesquisadora selecionou os municípios de maior representatividade para o Estado, “segundo critérios de natureza histórica, geográfica, demográfica e sócio-econômica” (CRUZ, 2008, p. 50). Assim, em sua seleção, ela levou em consideração os seis pontos de inquéritos apontados por Nascentes (1958) e duas localidades das cinco sugeridas pelo *ALiB*. A pesquisadora escolheu nove municípios mais representativos das nove microrregiões do Amazonas, conforme a divisão político-administrativa estabelecida em 5/10/1989⁹.

Os municípios escolhidos como inquéritos de pesquisa para o *ALAM* foram: Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (Microrregião do Juruá-Solimões-Juruá), Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Humaitá (Microrregião do Madeira), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas) e Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas).

Para cada ponto de inquérito do *ALAM*, sob a perspectiva da Geolinguística e o aporte metodológico da Sociolinguística variacionista, foram selecionados seis informantes, totalizando 54, de acordo com os seguintes critérios: um homem e uma mulher, entre 18 a 35 anos (primeira faixa-etária), 36 a 55 anos (segunda faixa-etária) e 56 anos em diante (terceira faixa etária). Obedecendo aos critérios metodológicos da dialetologia, o *ALAM* contou com informantes que eram “naturais das localidades selecionadas e tinham pais e cônjuges da região em estudo. Observou-se também o fato de não terem se afastado da localidade por mais de 1/3 de suas vidas”. (CRUZ, 2008, p. 51). Além disso, eles possuíam nível de escolaridade até a 4ª série do Ensino Fundamental.

Quanto ao questionário utilizado nas entrevistas, ele tinha uma parte específica sobre pesca e agricultura, além de embasamento em outros atlas já publicados, bem como em algumas questões do *ALiB*. A partir disso, foram elaboradas 483 questões dispostas em duas

⁹ Em 2007, uma nova divisão político-administrativa foi realizada no Estado do Amazonas e foi explicada no capítulo 1, que se refere à cidade de Manaus.

seções: questionário fonético-fonológico (QFF), com 156 questões, e questionário semântico-lexical (QSL), composto por 327 perguntas.

No questionário fonético-fonológico, a observação se deu quanto aos fenômenos vocálicos, principalmente aos relacionados às vogais mediais pretônicas. Questões que privilegiavam a redução dos ditongos /ey/ a /e/ e /ow/ a /o/ ou /u/ foram elaboradas para análise. A pesquisadora destaca que foram registradas poucas ocorrências do alteamento da vogal tônica /o/ para /u/ (independente da posição ocupada no vocábulo), investigadas anteriormente por Leite de Vasconcelos, Mário Ypiranga Monteiro e por uma pesquisa realizada *in loco* por Corrêa (1980). Quanto aos fonemas consonantais, deu destaque à análise das vibrantes, das laterais e do /S/, em todos os contextos.

O questionário semântico-lexical, além de realizar elocuições livres para posteriores análises morfossintáticas e prosódicas, ocupou-se dos seguintes campos semânticos: (I) Meio Físico: (a) a terra e os rios; (b) Fenômenos atmosféricos (astros, climas, etc). (II) Meio biótico: (a) Fauna (aves, peixes, répteis, quelônios e mamíferos); (b) Flora (aquática e terrestre); (III) Meio antrópico: (a) O Homem (características físicas, relações familiares, alimentação e saúde, habitação, vestuário e calçados, crenças, superstições e lendas, relações sociais – ciclos de vida, vida social, expressões populares); (b) Atividades de Produção: (i) Agricultura (a roça, o cultivo da juta, o cultivo da mandioca); (ii) Caça e Pesca; (iii) Meios de Transporte Fluvial.

Para armazenamento de dados do ALAM, foi elaborado um programa computacional específico, denominado *MVL (Mapeamento de Variação Linguística)* que inseria em um banco de dados os conceitos, informações dos informantes, das localidades e todas as respostas obtidas, sejam elas fonéticas ou lexicais.

O *ALAM* é composto por dois volumes. O primeiro é uma introdução de caráter metodológico e o segundo apresenta 107 Cartas Fonéticas (enumeradas de 1 a 107) e 150 Cartas Semântico-lexicais (enumeradas de 1 a 150), totalizando, dessa forma, 257 cartas linguísticas somadas a outras três de apresentação (enumeradas em números romanos de I a III).

3.2.10 Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar – ALiPTG

No ano de 2007, o *ALiPTG*, tese de doutorado de Maria das Neves Pereira defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi apresentado em dois volumes. Ele

constituiu-se de 35 cartas fonéticas, 10 morfossintáticas e 35 cartas léxicas, totalizando 80 cartas linguísticas. Para a realização delas, esse atlas utilizou os questionários do Projeto *ALiB* (questionário fonético-fonológico, questionário semântico-lexical, questionário morfossintático) e entrevistou 24 informantes, distribuídos em cinco municípios dos onze pontos de inquérito do Projeto *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte*, são eles: Natal (capital do Estado), Canguaretama, Touros, Macau, e Areia Branca.

3.2.11 Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC

Em 2007, foi publicada na Universidade de São Paulo (USP) a tese de doutorado de Adriana Cristina Cristianini, que tinha como intuito resgatar o falar da região do Grande ABC. Assim, a pesquisadora selecionou nove pontos (Santo André, Santo André – Paranapiacaba, São Bernardo do Campo, São Bernardo do Campo – Zona Rural, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra) e 36 informantes, homens e mulheres distribuídos nas faixas etárias 18 a 30 e 50 a 65 anos de idade, e aplicou o Questionário Semântico-Lexical do Projeto *ALiB*, produzindo, ao final, 202 cartogramas linguísticos para o *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC*.

3.2.12 Atlas Geossociolinguístico de Londrina – AGeLO

O *Atlas Geossociolinguístico de Londrina – AGeLO* foi apresentado em 2012 como dissertação de mestrado de Valter Pereira Romano na Universidade Estadual de Londrina (UEL). O atlas investiga mudanças em tempo real e aparente. O *AGeLO* seguiu os preceitos do *ALiB* e fez uso do questionário do Atlas Linguístico do Paraná, a fim de coletar aspectos fonéticos e lexicais dos falares de Londrina. Dessa forma, realizou a análise da fala de 44 informantes que estavam distribuídos em dez pontos de inquérito.

3.2.13 Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE

Após pouco mais de três décadas, o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE* é publicado em 2010, na Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação José Rogério Fontenele Bessa. Formado por 256 cartogramas contemplando dados lexicais e fonéticos coletados em 70 localidades, com quatro informantes por pontos de inquérito, dois homens e

duas mulheres, nas faixas entre 30 e 60 anos de idade, analfabetos ou com até o Ensino Fundamental completo, o *ALECE* é constituído por dois volumes. O primeiro volume é composto por Introdução, antecedentes históricos, postulados teóricos e procedimentos metodológicos. Já o segundo volume traz as cartas lexicais e um glossário, além das referências bibliográficas.

3.2.14 Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE

O *Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE* é uma tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba e publicada em 2013. O *ALiPE* surgiu com o objetivo de minimizar a escassez de trabalhos de cunho dialetológico a respeito dos falares de Pernambuco. Para isso, selecionou, dentre os 185 municípios do Estado, vinte pontos de inquéritos, incluindo a capital, e aplicou o questionário do *ALiB*, além de questionários com questões semântico-lexicais que se referiam à cultura pernambucana (frevo, maracatu, renascença e barro), resultando, assim, em 461 questões. Foram entrevistados, ao todo, 84 informantes, divididos em duas faixas etárias: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos. Eles possuem formação escolar até a quinta série do Ensino Fundamental, porém, na coleta de dados da capital, foram acrescentados informantes com ensino superior completo. Ao final, o *ALiPE* produziu 6 cartas introdutórias e 105 cartas linguísticas, que estão divididas em 50 cartas fonéticas, 47 cartas semântico-lexicais e 8 cartas morfossintáticas.

3.2.15 Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo

Também como tese de doutorado, defendida em 2010 na Universidade de São Paulo (USP), o *Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo* utilizou o questionário semântico-lexical do *ALiB* e o aplicou em cada um dos pontos já referidos. Assim, foram entrevistados homens e mulheres, pertencentes às faixas etárias de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, que tivessem estudado apenas até a 8ª série do Ensino Fundamental, gerando, ao final da coleta, 208 cartogramas linguísticos. Desse modo, obteve-se 148 lexias com alta frequência ($\geq 50\%$) e distribuição regular que revelam a fala do litoral norte de São Paulo.

3.3 A GEOSOCIOLINGUÍSTICA NO AMAZONAS

Nos últimos anos, incentivados pela realização do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, os estudos geossociolinguísticos no Estado do Amazonas vêm crescendo. São pesquisas que perpassam a graduação – desde trabalhos de conclusão de curso (TCCs), até artigos oriundos de projetos e/ou programas de iniciação científica –, alcançando os programas de pós-graduação, sendo a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) a principal matriz dessas pesquisas.

Mas os primeiros passos para a realização da dialetologia neste Estado iniciam na década de 1980, quando Hydelvídia Correa apresentou sua dissertação de mestrado intitulada *O falar “caboco” amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves* – na dimensão da Dialetologia monodimensional –, cuja principal contribuição, além do pioneirismo, é a indicação do alteamento da vogal média posterior /o/ em posição tônica – que não se mostrou mais tão produtivo de acordo com as análises do *ALAM*. A seguir, será apresentado um panorama dos trabalhos geossociolinguísticos realizados no Amazonas.

3.3.1 Pesquisas dialetológicas em programas de iniciação científica

Apoiando-se nos levantamentos já realizados pelo *ALAM*, as seguintes pesquisas foram realizadas por alunos da graduação (Pibic) e da especialização:

Quadro 2 – Pesquisas dialetológicas realizadas por alunos do Pibic e da especialização

2006 (Projetos de Pibic)	A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, em Parintins e Tefé, por Flávia Martins.
	Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar dos municípios de Itacoatiara e Manacapuru. Projeto PIBIC, por Edson Galvão Maia.
2007 (Projetos de Pibic)	A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant. Projeto PIBIC, por Flávia Martins.
	Comportamento fonético-fonológico do –S pós-vocálico, nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas, por Hariele Regina Quara.
	Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá, por Daniele Dias.

2008 Especialização (UFAM)	Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número, no falar dos habitantes do município de Benjamin Constant, por Flávia Martins.
	Estudos dialectológicos e sociolinguísticos do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas, por Edson Maia.

Fonte: Adaptado a partir de Cruz-Cardoso (2015)

3.3.2 Pesquisas dialetológicas em programas de pós-graduação

Outra pesquisa que contribuiu com a dialetologia no Estado do Amazonas foi a tese de doutorado, defendida em 2009, de Maria Sandra Campos, que investigou um fenômeno bastante produtivo em Borba, o alçamento das vogais posteriores. A pesquisadora publicou um livro com os dados e resultados de seu estudo: *O alçamento das vogais posteriores tônicas na fala de Borba* (EDUA, 2011).

Ademais, desde 2009, Campos participa do Projeto AMPER-POR¹⁰ (Atlas Multimédia Prosódica De l’Espace Roman – Português), cujo objetivo, para o Amazonas, é o mapeamento da prosódia da fala de Humaitá, Maués, Manaus, Manacapuru, Borba, sob a Coordenação da Profa. Dra. Lurdes de Castro Moutinho da Universidade de Aveiro. Tal projeto está ligado a universidades europeias e sul-americanas e tem como propósito o estudo da organização prosódica das variedades faladas no espaço dialetal românico, de modo a investigar os aspectos entoacionais de intensidade, duração e frequência fundamental das distintas variedades geoprosódicas de frases assertivas e interrogativas das línguas românicas.

Sandra Campos é coordenadora ainda do projeto “Dialeto amazônicos: descrição para a revitalização da autoestima ribeirinha”. Iniciado em 2013, o projeto tem por objetivo “descrever os dialetos amazônicos sob o ponto de vista fonético-fonológico, atendendo à necessidade de criação de um banco de dados suficiente para o registro dessas variações dialetais que, por influência especialmente da mídia televisiva, estão sob ameaça de anulação.”¹¹

Em 2009, também, duas dissertações pertencentes ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSC foram apresentadas, conforme Cruz-Cardoso (2015): *A realização das variantes palatais /ʃ/ e /ɲ/, nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas)*, por Francinery Gonçalves Lima, e *Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, nos municípios de Itapiranga e Silves*, por Lúcia Helena Ferreira da Silva.

¹⁰ Informações verificadas na dissertação de Suzana Pinto do Espírito Santo (2014).

¹¹ Informação obtida por meio do currículo Lattes da pesquisadora.

Já em 2012, por meio do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, foi apresentado o trabalho intitulado *As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)*, dissertação desenvolvida por Hariele Quara. A pesquisa teve como objetivo, seguindo a proposta de Nascentes (1953), estudar as vogais médias em contexto pretônico na cidade de Manaus. Vale destacar que é o primeiro trabalho dialetológico realizado, nesse nível, na cidade manauara.

Outra dissertação apresentada nesse ano, e também pertencente ao PPGL da UFAM, é a *Realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*, pesquisa produzida por Edson Galvão Maia.

No ano seguinte, em 2013, é apresentada a tese de doutorado *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)*, realizada por Flávia Santos Martins, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Já em 2014, *A realização da fricativa glotal na fala manauara*, dissertação de Shanay Freire Berçot-Rodrigues, teve como objetivo investigar a ocorrência do fenômeno fonético-fonológico de substituição das consoantes fricativas pela fricativa glotal [h, fi] na fala manauara.

Em 2015, *Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do estado do Amazonas: um estudo de geolinguística*, dissertação de mestrado produzida por Sandra Maria Godinho Gonçalves, teve como objetivo investigar o léxico de migrantes interioranos que passaram a residir em Manaus, buscando verificar, a partir de um questionário semântico-lexical, se o léxico desses migrantes sofreu modificações perante o contato com falantes da capital.

3.3.3 Os atlas pós-ALAM

Desde o nascimento do *Atlas Linguístico do Amazonas*, outros atlas foram produzidos no Estado do Amazonas e seguiram a mesma metodologia adotada pelo *ALAM*.

- *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*

O segundo atlas linguístico sobre os falares amazonenses, o *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*, foi apresentado como dissertação de mestrado por Roseanny de Melo Brito em 2010. O *AFBAM* ampliou a rede de inquiridos investigada pelo *ALAM* na região do Baixo Amazonas, com a exceção do município de Parintins, porque já tinha sido

contemplado pelo *Atlas Linguístico do Amazonas* em 2004. Assim, o *AFBAM* compreendeu os demais municípios dessa região, são eles: Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará.

Em cada uma dessas localidades foram entrevistados seis informantes, isto é, um homem e uma mulher entre as seguintes faixas etárias: 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 anos em diante. O *AFBAM* utilizou o questionário fonético-fonológico desenvolvido para o *Atlas Linguístico do Amazonas* e também adotou o mesmo programa computacional *MVL* utilizado para a geração de cartas fonéticas do *ALAM*. Dentre os resultados, Brito (2010, p. 92-93) elenca:

- (1) Ao contrário do que foi detectado por Antenor Nascente com relação às vogais médias pretônicas, as quais, segundo o dialetólogo, realizavam-se como abertas [e, o] no Falar do Norte, verificou-se, na presente pesquisa, uma maior frequência das variantes fechadas [e, o];
- (2) Como já havia sido constatado por Cruz (2004), o alteamento, em contexto tônico, da vogal posterior média fechada /o/, que tem sido considerado um fenômeno típico do Amazonas e Pará, mostrou-se pouco expressivo no Baixo Amazonas: apenas 04 (quatro) ocorrências;
- (3) Ao contrário do que já foi registrado pelo *ALAM*, observou-se que os falantes do Baixo Amazonas, como na maior parte do Brasil, tendem a monotongar;
- (4) Quanto ao -S, em final de sílaba e em final de vocábulo, só se realizou como variante pós-alveolar [ʃ];
- (5) É predominante o uso da fricativa glotal surda [h] em início de vocábulo, início de sílaba, final de sílaba e final de vocábulo;
- (6) Também como constatado por Cruz (2004), a lateral alveolar /l/ e vogal medial /o/, quando em contexto pós-vocálico, realiza-se como semivogal posterior /w/, já as dentais /t/ e /d/ manifestam-se como as africadas pós-alveolares [tʃ, dʃ] diante de [i];
- (7) Quanto à lateral palatal /ʎ/, verificou-se que se realiza, em sua grande maioria, como [ʎ], mas foi possível encontrar também o cancelamento [ø] desse segmento e o uso das variantes [l] e [y];
- (8) Pôde ser constatado ainda que não houve a redução do grupo -nd a [n].

- *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN*

Como Cruz (2004) havia selecionado nove municípios, um representante de cada microrregião, por causa da extensão do Estado e a exequibilidade do projeto, o *ALFARiN* surgiu com o propósito de atender ao registro dos falares dos outros dois municípios não investigados pelo *ALAM* na região do Alto Rio Negro, a saber: Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. Esse último, apresentado por Nascentes (1958) e pelo *Atlas Linguístico do Brasil* como ponto de inquérito, é caracterizado pelo seu caráter plurilíngue (JUSTINIANO, 2012).

Vale destacar que o *ALFARiN*, assim como o *AFBAM*, adotou o mesmo questionário fonético-fonológico utilizado pelo *ALAM*. Foram selecionados seis informantes por ponto de inquérito, um homem e uma mulher, totalizando doze. Além disso, os critérios de seleção do

ALFARiN delimitaram o nível de escolaridade de seus informantes como até a 5ª série do Ensino Fundamental, enquanto que para as faixas etárias foram determinadas: primeira (18-35 anos); segunda (36-55 anos) e terceira (56 anos em diante). Como resultados encontrados em Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, Justiniano (2012, p. 106) destaca, em relação ao vocalismo:

- 1) Há o predomínio de vogal média anterior e posterior pretônica fechada, mesmo em contextos linguísticos favoráveis ao alçamento;
- 2) Revelou também a presença significativa da monotongação, principalmente do [ow];
- 3) Não ocorreu caso de alçamento de [o] e abaixamento de [u] em situação de tonicidade.

Em relação ao consonantismo:

- 1) As realizações de /t/ e /d/ são categoricamente pós-alveolares diante de [i];
- 2) A lateral alveolar /l/, em contexto pós-vocálico, apresenta-se semivocalizada [w];
- 3) A lateral palatal mostra-se predominantemente como [lʲ];
- 4) A nasal palatal /n/ apresenta baixos índices de ocorrência, caracterizando-se como [i] ou [y];
- 5) O –R, em contexto inicial e intervocálico, ocorreu como fricativa glotal surda;
- 6) –R em meio de vocábulo, em contexto pós-vocálico, também ocorreu majoritariamente como fricativa glotal, apresentando também índices expressivos de cancelamento e da vibrante múltipla;
- 7) O –S em coda silábica apresenta-se, de forma majoritária, como palatalizado. (JUSTINIANO, 2012, p. 106)

No que se refere às variáveis extralinguísticas:

- 1) Processo de concorrência da vogal média anterior fechada e aberta, embora com destaque para a primeira, em Santa Isabel do Rio Negro (SIRN) e São Gabriel da Cachoeira (SGC);
- 2) Em se tratando de vogal posterior fechada, a terceira faixa etária e as mulheres tendem a realizá-la mais;
- 3) Quanto ao ditongo [ey], SIRN tende a monotongar mais que SGC, 59% contra 47%, respectivamente;
- 4) A redução desse ditongo é destacável também na primeira e segunda faixas etárias, enquanto que, na terceira, há concorrência entre manutenção e redução;
- 5) Encontra-se nas mulheres índices percentuais maiores de manutenção do ditongo [ey];
- 6) Em SGC, presencia-se discreta concorrência entre [lʲ] e [ʎ];
- 7) O –R, em contexto medial pós-vocálico, apresenta-se de forma expressiva como [r] no gênero masculino e na primeira faixa etária;
- 8) Em relação ao –S, as poucas ocorrências de [s/z] são encontradas em SGC, no gênero masculino e na primeira faixa etária. (JUSTINIANO, 2012, p. 107)

- *Atlas Morfossintático da Região do Madeira – AMSIMA*

Ancorado nos pressupostos da dialetologia pluridimensional e da sociolinguística variacionista, o *Atlas Morfossintático da Região do Madeira – AMSIMA* foi desenvolvido por Liliane Tavares e apresentado como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação

em Letras da UFAM em 2017. O *AMSIMA* teve como objetivo registrar os falares de cinco municípios pertencentes à microrregião do rio Madeira: Borba, Novo Aripuanã, Manicoré, Apuí e Humaitá. A pesquisadora aplicou o Questionário Morfossintático (QMS) composto por 49 questões provenientes do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, além de ter realizado elocuições livres. O critério para seleção dos informantes foi o mesmo utilizado pelo *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, isto é, em cada município, foram entrevistados seis informantes, totalizando trinta (30), sendo um homem e uma mulher, dispostos em três faixas etárias: de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante, todos nascidos nos municípios pesquisados, com pais e cônjuges também nascidos na região, analfabetos ou com escolaridade até o 5º ano do ensino fundamental. Ao final, foram produzidas 134 cartas morfossintáticas, originadas pelo programa computacional *SGVCLin*, de autoria de Rodrigo Duarte Seabra, Valter Pereira Romano e Nathan Oliveira, que também será adotado pelo *ALFAMA*.

- *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*

Em 2018, fruto da tese de doutorado de Edson Galvão Maia na Universidade de Londrina, o *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM* é apresentado. Tal estudo investigou o falar de seis municípios da mesorregião do Sul amazonense – Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba – a partir de aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos. Para isso, apoiou-se nas dimensões da dialetologia pluridimensional, isto é, nos níveis diastrático, diassexual e diageracional, selecionando 48 informantes, cujas faixas etárias estavam separadas em dois grupos (20 a 35 anos e 50 a 65 anos). O nível de escolaridade também foi dividido: 4 a 7 anos e 10 a 13 anos de estudo. Ao final, foram geradas 449 cartas linguísticas na versão impressa e 644 na versão estendida, entregue em CD.

Como resultados do *ALSAM*, destacam-se: o ditongo [ey] apresenta índices expressivos de manutenção, com exceção do contexto antecedente formado por tepe e fricativa alveopalatal; o ditongo [ow] apresenta valores significativos para a redução, mas em Humaitá a realização da semivogal [w] foi prioritária; o /S/ em coda silábica apresentou-se como alveolar em Boca do Acre, Lábrea, Tapauá e Humaitá, enquanto em Manicoré e Borba os registros apontaram para realização expressiva de alveopalatais; A nasal palatal, mantendo a nasalidade, apresentou registros para semivocalizada ou apagada em Boca do Acre, Lábrea, Tapauá e Humaitá, porém, em Manicoré e Borba a pronúncia que prevaleceu foi a palatal [ɲ].

Na perspectiva lexical, foram confirmadas as influências indígena e nordestina no falar, sendo a primeira na área referente à flora e fauna, a crenças, superstições e lendas e atividades de produção, enquanto a segunda influenciou vestuários e acessórios, alimentação e cozinha, habitação, relações e comportamentos sociais e expressões populares.

Atualmente, encontra-se em fase de produção o *Atlas Morfossintático de Parte da Microrregião do Rio Negro-Solimões – AMPRINES*, de Josué Cordovil, na Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

3.3.4 O Projeto Fala Manauara Culta e Coloquial – FAMAC

Há que se destacar também, quanto aos estudos realizados na capital amazonense, o projeto *Fala Manauara Culta Coloquial* (FAMAC). Ele é coordenado pela professora Silvana Andrade Martins, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que, em parceria com alunos da graduação e pós-graduação, investiga, desde 2009, a variedade culta do falar manauara, por meio de entrevistas com falantes manauaras que possuem formação universitária.

Deste projeto, podem-se citar como trabalhos já desenvolvidos os artigos “Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil” (MARTINS; MARTINS, 2014); “A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara” (BRANDÃO; MARTINS, 2011) e “A realização do sujeito anafórico de 3º pessoa na fala culta de Manaus” (JUSTINIANO, 2011); e também os trabalhos de conclusão de curso (TCCs): *A expressão do futuro do presente na fala manauara culta: motivações linguísticas e variações* (ANDRADE, 2012) e *Um estudo dos mecanismos de concordância de ‘nós’ e ‘a gente’ na fala culta manauara* (KOSSOSKI, 2012).

Além desses trabalhos, há as dissertações de mestrado de Ana Augusta de Oliveira Simas, cujo trabalho tem como título “O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara”, e o de Jussara Maria Oliveira de Araújo, com a pesquisa “A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista”. Esses dois trabalhos foram apresentados em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Como se pode observar, o Amazonas vem se tornando um campo fértil para o desenvolvimento dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos. Tarefa, no entanto, árdua e

com grandes percalços, visto que o Estado possui dimensões continentais e o tráfego por ele é, em grande parte das vezes, complexo e caro. Em se tratando da cidade de Manaus, é imperativo também expandir as pesquisas referentes ao falar manauara, uma vez que a cidade é o principal centro financeiro da região Norte, além do seu inestimável valor cultural e histórico. Para isso, o presente *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA* propôs-se a investigar os bairros mais antigos de Manaus, a fim de obter um panorama do falar manauara, observando tanto questões fonéticas, quanto extralinguísticas, e assim colaborar com o desenvolvimento da dialetologia em Manaus e a construção da identidade linguística manauara.

3.4 A SOCIOLINGUÍSTICA

A primeira vez que o termo “sociolinguística” foi utilizado ocorreu em um evento na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) em 1964. Nesse congresso, vários pesquisadores, entre eles William Labov, William Bright e Joshua Fishman, se reuniram para falar sobre seus mais recentes trabalhos, que tratavam da heterogeneidade linguística e da importância de não se desvincular sociedade e falantes.

William Labov, dois anos antes desse evento, defendeu a tese *The social history of sound change on the island of Martha’s Vineyard*, que se tornou um clássico, cuja proposta foi a de analisar um fenômeno de mudança fonética a partir da fala de habitantes da ilha de Martha’s Vineyard – uma ilha americana que recebe grande fluxo de turistas e onde era possível encontrar realização do inglês arcaico em uso. É Labov, considerado o precursor da Sociolinguística, responsável por não apenas tratar da diversidade linguística, como também sistematizar as variações e correlacionar as mudanças da estrutura linguística à estratificação social.

Faz-se oportuno lembrar que o nascimento de qualquer teoria perpassa pelo confronto e aprimoramento dela em relação a suas antecessoras. Assim, é preciso localizar as origens dos caminhos que levaram ao nascimento da Sociolinguística. Labov teve como mentor Uriel Weinreich, dialetólogo conhecido por seus estudos acerca do contato linguístico. Weinreich, que havia sido orientado por André Martinet, importante linguista estruturalista conhecido por apontar a dupla articulação da linguagem, influencia a mentalidade dialetológica presente em Labov, que a aplica no meio urbano. Além disso, é necessário observar que naquele período o que estava em uso era a teoria gerativista de Noam Chomsky (1957). Essa teoria é uma atualização do estruturalismo – as descrições estruturalistas passaram a ser deixadas de lado

para que análises mais profundas da linguagem, consideradas como inatas, fossem feitas. Labov, ao construir o modelo sociolinguístico, portanto, teve como mérito a retomada ao modelo estruturalista de sistematização, porém, como resposta a esse modelo e ao gerativismo, e considerando a diversidade linguística não mais como variação livre e por isso descartável de qualquer análise (estruturalismo), aliar em sua teoria os resultados que a pesquisa dialetológica estava obtendo. Assim, tem-se o início do empreendimento sociolinguístico variacionista/laboviano.

Uma das tarefas da Sociolinguística, segundo William Bright (1974), é demonstrar que a variação ou a diversidade não é livre e nem se dá de forma desordenada, como havia afirmado Saussure, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas. A variação linguística se dá por dois eixos principais: o diatópico e o diastrático. O primeiro diz respeito às variações observadas do ponto de vista geográfico, os regionalismos. Já o segundo é ligado à sociedade e à sua estratificação, seja a relacionada aos falantes (origem, etnicidade), seja a relacionada ao ambiente (as situações de uso). Além da língua, para os sociolinguistas, a sociedade consiste em um modelo estrutural. Portanto, as variações linguísticas podem ser associadas à diversidade social, já que os falantes fazem parte de redes sociais, que implicam em modos de dizer, de comportamento, em atitudes avaliativas da fala, por exemplo.

Com o advento da Sociolinguística, a Dialectologia passa a ter mais uma aliada na descrição da fala e adota alguns de seus procedimentos, como maior controle e sistematicidade de variáveis extralinguísticas em suas recolhas dos falares. É por meio dela, também, que a dialectologia urbana se expande e possibilita um panorama mais próximo do contexto de uso real da língua, uma vez que descrições sociais passam a ser levadas em conta nos mapeamentos da realidade linguística.

3.5 A DIALECTOLOGIA E A SOCIOLINGUÍSTICA

Compreender a dialectologia e a sociolinguística se faz extremamente importante, não para diferenciá-las e distanciá-las, mas para reconhecer suas contribuições aos estudos linguísticos e os subsídios proporcionados por essas áreas de pesquisa no que concerne à valorização da língua.

Concentradas na análise da fala, a dialectologia e a sociolinguística por vezes se confundem (ou são confundidas). Ao compartilharem o mesmo objeto de estudo e permitirem o uso de critérios extralinguísticos, tais como a delimitação quanto à formação educacional dos informantes, a definição de faixas etárias e classes sociais, ambas convergem para o

mesmo propósito: o estudo dos falares. Todavia, as ênfases que dão para análise de seus dados diferenciam-se, como mostra Cardoso (2010, p.26):

A dialetologia [...] tem como base da sua descrição a localização dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

Enquanto a dialetologia se configura pelo registro dos falares a partir do reconhecimento do espaço geográfico, a sociolinguística privilegia as influências que fatores não linguísticos exercem sobre a fala, conforme explicam Cezario e Votre (2012, p. 141), “para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação”.

Além dos fatores mencionados, há ainda outra causa para que a dialetologia e a sociolinguística se cruzem, a geolinguística pluridimensional. Esse ramo linguístico é um desdobramento da conhecida geolinguística monodimensional, que, no século XIX, a partir de trabalhos como o de Wenker sobre os registros linguísticos da Alemanha, e o de Gilliéron e Edmont com a produção do Atlas Linguístico da França (CARDOSO, 2010), contribuíram significativamente para os avanços dos estudos dialetológicos, já que

As diferenças espaciais ganham destaque, de início, em relação às demais porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolinguísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento, o que explica a expansão de projetos que levaram à construção de atlas linguísticos com diferenciados enfoques espaciais. (CARDOSO, 2008, p.20)

Como a análise dos falares passou a ser demarcada através de cartas geográficas, tornou-se rigoroso o método de recolha de dados, pois, segundo Cardoso (2002, p.11), passa a se perceber também o falante “como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções”, ligadas aos avanços tecnológicos e políticos do mundo. Dessa forma, nasce o interesse em sistematizar outras variáveis, além das linguísticas e espaciais, desenvolvendo, portanto, uma nova fase nos estudos dialetológicos, a geolinguística pluridimensional, a qual leva em consideração o controle estatístico de variáveis extralinguísticas (QUARA; JUSTINIANO, 2010).

Por isso, com a adoção do método da geografia linguística, ou geolinguística, a dialetologia ganhou ainda mais traços comuns com a sociolinguística, visto que a análise dos dados tornou-se ainda mais detalhada, segundo explica Justiniano (2012, p.55):

Um método da dialetologia que, para ser completo, procura evidenciar os falares/dialetos de cada localidade, analisando-os à luz também de outros ramos científicos, tais como o social, o histórico, o antropológico, entre outros. Tem como tarefa a organização dos registros da variação da língua em determinada área, a fim de delimitar e demarcar fronteiras que serão representadas por meio de atlas linguístico. Nestes, registram-se, ponto por ponto, as formas, as palavras e os tipos de construção avaliados durante o processo investigativo.

Diante de tantas similaridades, é compressível que haja tantas confusões na definição de tais ciências. Fazem-se necessárias as distinções, pois elas orientam o foco das pesquisas e o que se espera delas. Por isso, a depender do pesquisador, ele poderá tanto analisar fenômenos linguísticos a partir de demarcações geográficas, quanto sociais, dando maior prioridade a uma ou outra forma de análise, como arremata Justiniano (2012, p. 59): “A distinção, portanto, está na base metodológica: a dialetologia é geolinguística, o estudo da fala no espaço geofísico; a sociolinguística é social, explica a variação no interior de uma dada sociedade”.

3.6 OS FENÔMENOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS INVESTIGADOS

3.6.1 O vocalismo

Ao propor uma divisão do país em áreas dialetais, Nascentes (1953) ressaltou que as vogais pretônicas distinguem os falares do Norte dos presentes no Sul. No primeiro caso, as vogais seriam realizadas de forma aberta /ɛ/ e /ɔ/, enquanto no segundo a pronúncia ocorreria fechada /o/ e /e/. Esse aspecto, segundo Brandão (2015), foi fator determinante para a delimitação das áreas linguísticas. Com isso, nos atlas linguísticos e demais pesquisas geossociolinguísticas, busca-se averiguar se a divisão de Nascentes é ainda produtiva, válida, nos falares presentes no português brasileiro.

Dessa forma, neste *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA* foi investigada a realização das vogais médias pretônicas, a fim de verificar se a delimitação de Nascentes também pode ser aplicável para a capital amazonense. Além disso, são observados fatores relacionados à harmonização vocálica, se há o alteamento das vogais médias ou o abaixamento das vogais altas, isto é, a alternância na emissão da vogal, por exemplo, passando de vogais médias ([e/o]) para baixas ([ɛ/ɔ]) ou altas ([i/u]).

No aspecto vocálico também são investigados os ditongos /ey/ e /ow/ por serem itens que despertam desde sempre discussões quanto à manutenção da semivogal ou a sua queda, conhecida como processo de monotongação. Procurou-se confirmar se há, por exemplo, a

consolidação do apagamento da semivogal [w] em relação ao ditongo [ow], como vem sendo demonstrado por várias pesquisas geossociolinguísticas, enquanto, em relação ao [ey], examinar em que medida está o processo de apagamento da semivogal ou se continua concorrendo sua manutenção.

3.6.2 O consonantismo

Quanto aos aspectos consonantais, seguiu-se a outros atlas linguísticos. Foram investigadas as oclusivas alveolares, o -S medial e final; as laterais e suas realizações, observando se há velarização ou vocalização, além da nasal palatal, do -R em contexto inicial, medial e final. Ademais, buscou-se verificar, também, os contextos propiciadores para palatalização e nasalização, levando em consideração a influência de vogais altas.

3.6.3 As vogais médias pretônicas na pesquisa de Quara

Apresentada como dissertação de mestrado em 2012, composta por dois volumes, a pesquisa desenvolvida por Hariele Quara investigou as vogais médias pretônicas em Manaus. Para isso, ela selecionou quatro bairros antigos, das seis zonas que a cidade possui, resultando em 24 informantes, seis por ponto de inquérito, analfabetos ou com grau de escolaridade até o 9º do Ensino Fundamental, isto é, 12 homens e 12 mulheres, distribuídos nas faixas etárias de 18-35 anos, 36-55 anos e 56 anos em diante. A pesquisadora aplicou parte do questionário fonético-fonológico utilizado no *ALAM*, além de tomar como base também o questionário adotado por Silva (2009).

Como resultados, obteve 96 cartas linguísticas que indicaram a predominância das variantes fechadas [e] e [o], porém, houve, em contextos intralinguísticos específicos, uma realização superior das variantes [ɛ] e [ɔ] e das altas [i] e [u]. O que contraria, segundo a pesquisadora, a hipótese de Nascentes quanto ao predomínio da realização das vogais pretônicas de modo aberto no Norte do país, por outro lado, corrobora os resultados encontrados pelo *ALAM* no que se refere a esse contexto linguístico.

O emprego da variante fechada [e] foi proeminente na primeira faixa etária investigada, seguida pela segunda faixa etária. Do ponto de vista diatópico, o São Raimundo apresentou ocorrência maior para o emprego da vogal fechada [e], ao passo que o Centro mostrou o índice mais baixo. Como o *ALFAMA* investigou o primeiro bairro, objetiva-se comparar os resultados com o trabalho de Quara e confirmar ou não essa predominância.

Da mesma forma, a vogal média posterior [o] contrariou a proposta de Nascentes para o subfalar amazônico. A pesquisadora encontrou no São Raimundo o maior índice de ocorrência para realização fechada enquanto que a Colônia Antônio Aleixo apresentou a maior ocorrência da variante alta [u]. Assim, também se espera comparar esses valores com os dados obtidos pelo *ALFAMA*.

4. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se dividiu em dois momentos. O primeiro momento foi dedicado ao levantamento bibliográfico, que consiste na busca e leitura de referências tanto de pesquisas dialectológicas e/ou sociolinguísticas voltadas para Manaus e Amazonas, quanto dos dados históricos, culturais e socioeconômicos dos bairros que foram pesquisados. O segundo momento foi dedicado à pesquisa de campo. Nesta fase, estabeleceram-se os critérios para seleção dos informantes e localidades.

De acordo com levantamento realizado para execução deste projeto, em relação às localidades que são investigadas, foi observado que a cidade de Manaus está dividida em seis (6) zonas (IBGE, 2010): Oeste, Centro-Oeste, Norte, Sul, Centro-Sul e Leste. A Zona Norte não foi selecionada porque seu tempo de fundação é menor que cinquenta anos, impossibilitando, portanto, a investigação da 3ª faixa etária. Em contrapartida, a Zona Centro-Sul foi retirada porque seu bairro mais antigo, Flores, não atendeu aos requisitos da pesquisa, principalmente pelo problema de delimitação do bairro e encontrar informantes que a ele pertencessem um tempo considerável, sendo de preferência manauaras, e, principalmente, a maior dificuldade foi encontrar pessoas com formação escolar até o Ensino Fundamental. Assim, os bairros antigos escolhidos para o *ALFAMA* foram: São Raimundo (Zona Oeste), Alvorada (Zona Centro-Oeste), Educandos (Zona Sul) e Colônia Antônio Aleixo (Zona Leste).

A pesquisa foi realizada a partir de seis informantes em cada bairro, totalizando 24 entrevistados. Aplicou-se o questionário fonético-fonológico elaborado para a execução do *ALAM* e fez-se perguntas abertas a respeito do dia a dia no bairro, questões de segurança, moradia, as razões de permanência, entre outros assuntos.

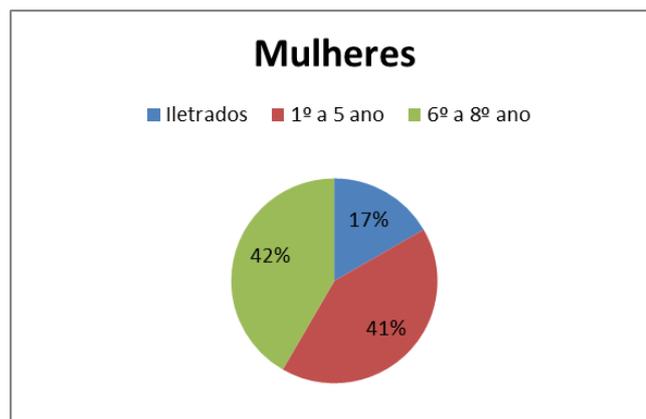
Escolheu-se adotar os princípios da Dialectologia, através do método da geolinguística e com o enfoque da Sociolinguística variacionista, visto que se buscou, neste trabalho, a realização de um atlas geossociolinguístico dos falares de Manaus. Dessa forma, realizou-se o mapeamento dos falares da cidade, comparando e contrastando as áreas em estudo, de acordo com a idade e o sexo dos informantes.

Quanto ao perfil dos entrevistados, aplicou-se o questionário com moradores que fossem iletrados ou que possuíssem formação escolar até o 5º ano do Ensino Fundamental. No entanto, tal desejo se mostrou uma tarefa árdua, visto que há hoje muitas pessoas com o Ensino Médio completo. Iniciativas públicas como *Amazonas Alfabetizado*, da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (Seduc), e o *Programa Brasil Alfabetizado (PBA)*,

promovido pela Secretaria Municipal de Educação (Semed), podem ser responsáveis por isso. A título de ilustração, em 2014, o *Amazonas Alfabetizado*, cujo objetivo foi atender a pessoas com idade superior a 15 anos que não conseguiram se dedicar aos estudos no tempo convencional, iria atender a 31 municípios, entre eles Manaus, prevendo alcançar 26 mil pessoas.

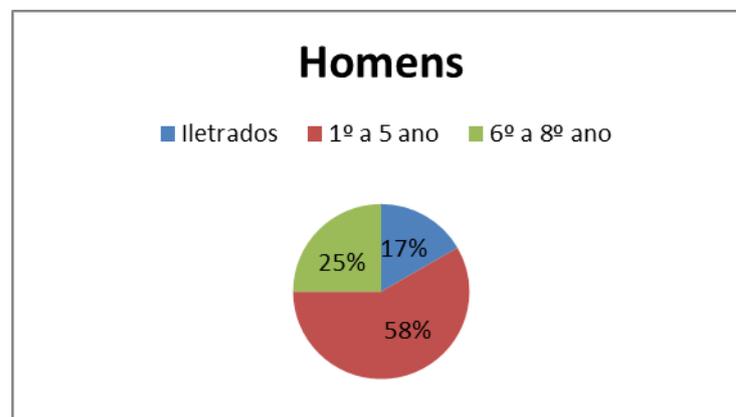
Assim, selecionou-se, quando não havia outra possibilidade, informantes que haviam estudado até a 8ª série do Ensino Fundamental e que depois tinham abdicado dos estudos. Desse modo, no São Raimundo, por exemplo, foram encontradas apenas mulheres que tinham estudado até a 8ª série. Nos gráficos abaixo, tem-se o perfil de escolaridade dos informantes do *ALFAMA*.

Gráfico 2 – Nível de escolaridade de mulheres entrevistadas para o *ALFAMA*.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 3 – Nível de escolaridade de homens entrevistados para o *ALFAMA*.



Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, obedecendo aos critérios dialectológicos, foi dada preferência, sempre que possível, para aqueles que possuem naturalidade em Manaus, com pais e cônjuges também pertencentes à mesma localidade, e que não tenham se afastado por mais de 1/3 de sua vida da capital, apresentando ainda boas condições de fonação.

Do ponto de vista sociolinguístico, quanto à faixa etária e ao gênero, como o estudo busca realizar um levantamento acerca dos falares de Manaus, partindo, para isso, dos bairros antigos de quatro zonas da cidade, foram entrevistados um homem e uma mulher pertencentes às três faixas etárias, são elas: 1ª faixa etária, 18-35 anos; 2ª faixa etária, 36 anos a 55 anos e 3ª faixa etária, 56 anos em diante.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de junho e dezembro de 2017. Nesse período, a pesquisadora fez uso de uma prancheta, canetas, lápis, cliques de papel. O gravador utilizado para as entrevistas foi o da marca COBY, modelo CXR190 - 4G, que funciona a partir de duas pilhas pequenas. Assim que retornava da pesquisa de campo, transferia os áudios gravados para o notebook através de um cabo USB. Salvos no computador, fazia cópias e salvava-os na “nuvem”, isto é, no armazenamento virtual, tanto da *Microsoft*, o *OneDrive*, quanto da *Google*, o *Google Drive*. É importante destacar ainda que foram padronizados os nomes do arquivo de áudio de modo que indicassem o ponto de inquérito, a faixa etária e o sexo. Com isso, um informante homem da terceira faixa etária no São Raimundo tem o seguinte rótulo: SR_3F_H. Igualmente, os demais bairros receberam siglas: Educandos (ED), Colônia Antônio Aleixo (CAA) e Alvorada (AL).

Foram realizadas também gravações a partir do *smartphone* da pesquisadora. Por meio dele, foi utilizado principalmente o aplicativo Áudio Recorder para gravar, porém, apesar de reduzir ruídos, o áudio ficou um pouco abafado. Por isso, as transcrições das entrevistas foram feitas a partir das gravações do gravador COBY, os arquivos do celular foram usados em raras e pontuais ocasiões, terminando por usar mesmo os áudios do gravador. A utilização do *smartphone* foi mais como um “seguro emocional” – caso perdesse o gravador ou o áudio, poderia-se contar com a gravação extra do celular. Felizmente, não foi um recurso necessário.

Enquanto era realizada a pesquisa de campo, também era realizada a transcrição fonética das entrevistas. Foi utilizado o IPA (*International Phonetic Alphabet*) para transcrever as respostas e o programa de edição de áudio *Audacity*, por conta da necessidade de ouvir momentos específicos, as respostas, várias vezes. Assim, ele foi o que melhor atendeu às exigências para a tarefa de transcrever. A pesquisadora contou com o amigo Leandro Babilônia para revisar as transcrições que foram feitas. Ele é graduado em Letras – Língua Portuguesa e já é mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina

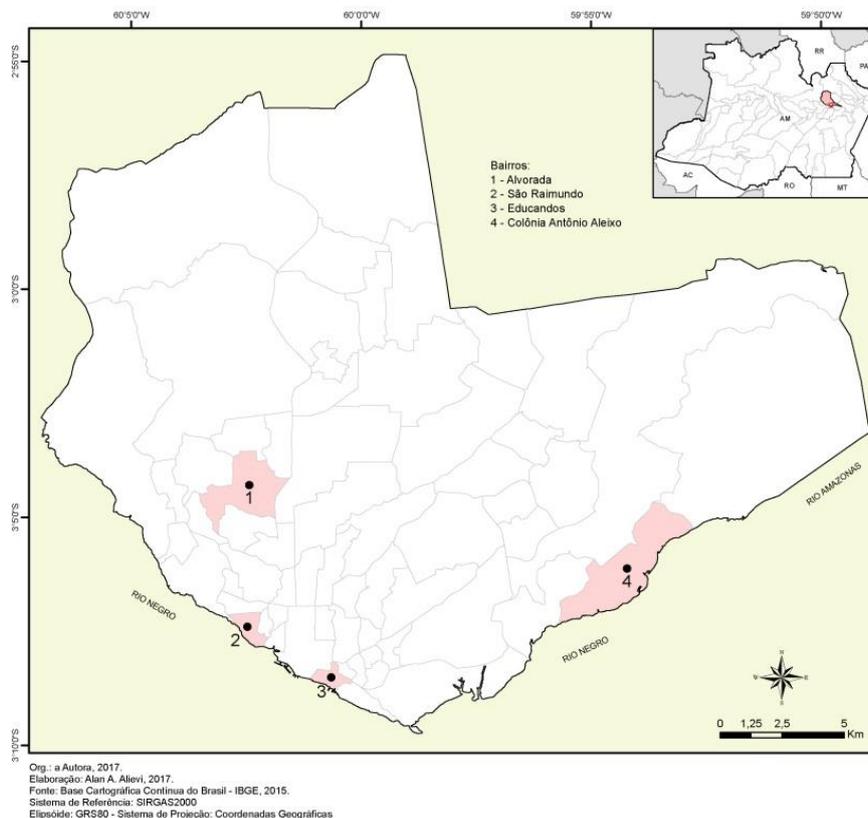
– UFSC, com o trabalho “Eu falo tu. E você? – Os pronomes de segunda pessoa na fala manauara”.

Após as revisões, incluindo as da autora, foram inseridas as respostas no *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (SGVCLin)*, de autoria de Rodrigo Duarte Seabra, Valter Pereira Romano e Nathan Oliveira (2015), o que constituiu a parte final do banco de dados do ALFAMA.

Anteriormente, havia sido cadastrado no *SGVCLin* o mapa de Manaus com apenas os bairros investigados em destaque, assim como havia-se criado e preenchido a ficha dos informantes e o questionário com as perguntas e possíveis respostas, o que após as revisões sofreu alterações (correções, apagamentos e acréscimos). Somente depois de cumpridas essas etapas é que se podem gerar as cartas fonéticas.

Além desse software para a elaboração das cartas do *ALFAMA*, foi preciso criar um mapa da cidade de Manaus destacando os pontos de inquérito. A elaboração dele é responsabilidade do cartógrafo Alan Alievi, indicado pelo professor e pesquisador Edson Galvão durante um curso que ministrou no PPGL da UFAM a respeito de como utilizar o *SGVCLin*. Abaixo, o mapa produzido para as cartas fonéticas do *ALFAMA*.

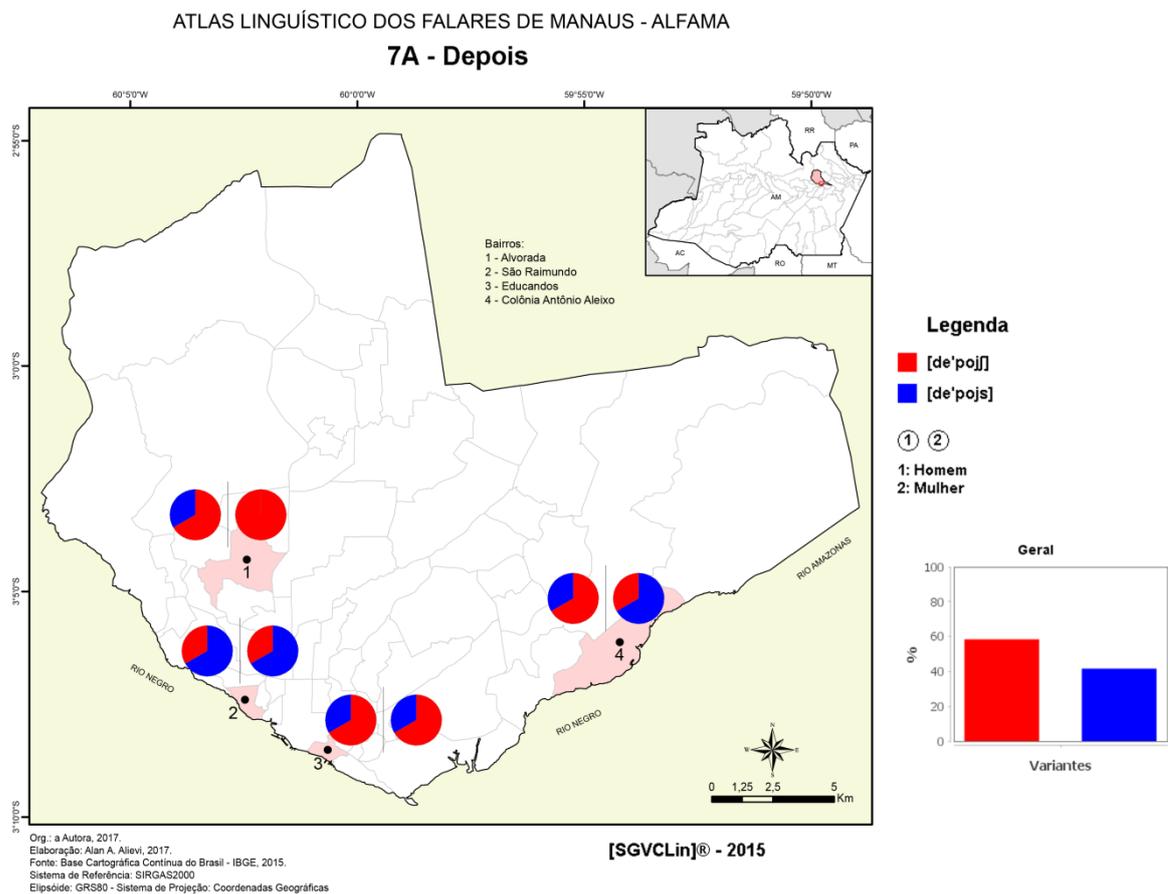
Figura 3 – Mapa criado para geração das cartas fonéticas do *ALFAMA*



Fonte: Elaborado por Alievi (2017).

Com as perguntas, o mapa e as respostas inseridos, procedeu-se à geração de relatórios gerais, com a opção de selecionar as variáveis sexo e idade, assim como os pontos de inquérito. Tal recurso foi bastante útil, visto que o programa apresenta a porcentagem das ocorrências de respostas do questionário. Com elas, foram criados os gráficos acerca dos fenômenos ora investigados, gerados manualmente no Software Excel, e que são apresentados nos próximos capítulos. A parte mais difícil do programa é em relação à criação das cartas, já que se gera individualmente, assim como sua formatação, manual, conta apenas com a possibilidade de ampliar e reduzir títulos, legendas e gráficos. Abaixo, vê-se um exemplo de carta fonética gerada para o *ALFAMA*.

Figura 4 – Exemplo de carta gerada para o *ALFAMA*



Fonte: *ALFAMA* (2018)

4.1 A LEITURA DAS CARTAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO ALFAMA

As cartas fonéticas constituem instrumento indispensável para os atlas, pois a partir delas é possível verificar os fenômenos linguísticos pesquisados de maneira diatópica, ou seja, permitem visualizar pontos de inquérito, bairros, municípios, Estados, localizando-os espacialmente para distinguir suas confluências e discrepâncias linguísticas.

É importante destacar que as cartas geradas e apresentadas no volume II partiram do questionário fonético-fonológico utilizado pelo *ALAM*. Tal questionário é composto por 159 perguntas, no entanto, o número de cartas apresentadas ultrapassa esse valor, visto que foram desenvolvidos até três tipos de modelos. Eles destacam as variáveis extralinguísticas sexo e idade, além da variável diatópica. Por conta disso, em muitos casos, serão apresentados os três tipos para um mesmo vocábulo. Essa apresentação ocorre em sequência, obedecendo, também, uma ordem de posição e nomenclatura. Por exemplo, o vocábulo *tomate*, resposta nº 5 do questionário, como ele apresentou variações nas respostas dadas pelos informantes, gerou os três tipos de cartas. Assim, tendo em vista a organização, apresenta-se esse vocábulo da seguinte maneira:

- a) Quando se destacam as realizações nos bairros, coloca-se o número da resposta decorrente do questionário, hífen e o vocábulo pesquisado (5 - Tomate), dessa maneira, tem-se uma carta apenas diatópica;
- b) Quando se destacam as realizações das variantes conforme o sexo, homens e mulheres, coloca-se a letra “A” após o número da resposta decorrente do questionário, em seguida hífen e o vocábulo pesquisado (5A - Tomate), dessa maneira, tem-se uma carta diagenérica;
- c) Quando se destacam as realizações das variantes conforme a faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante), coloca-se a letra “B” após o número da resposta decorrente do questionário, em seguida hífen e o vocábulo pesquisado (5B - Tomate), dessa maneira, tem-se uma carta diageracional.

Ressalta-se, também, que as distinções para cada carta, ou subtipo de carta, também estão expressas por extenso na parte lateral direita dela, como se pode ver na Figura 5 a seguir:

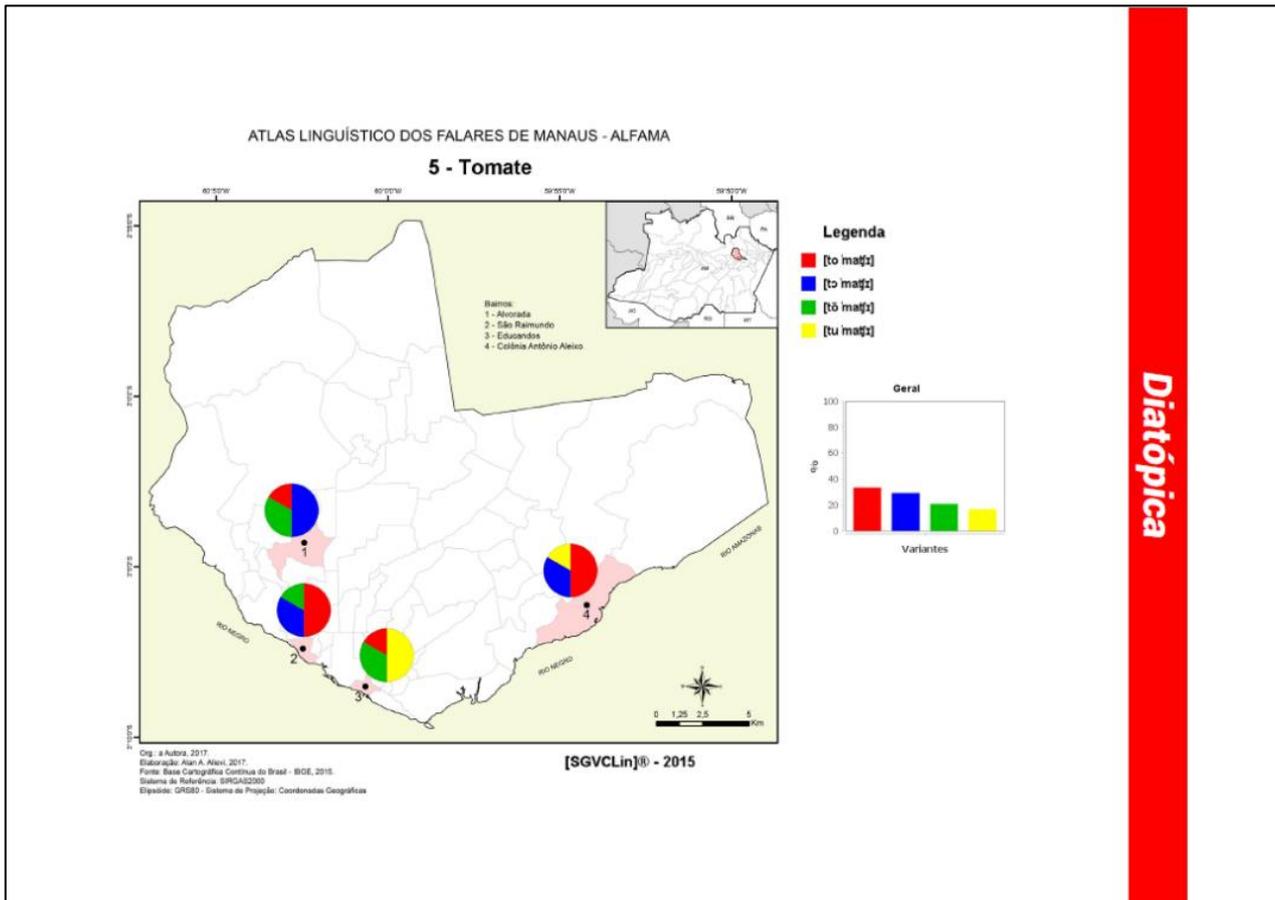


Figura 5 – Carta fonético-fonológica do ALFAMA.

Como pôde ser visto na figura acima, tem-se o mapa de Manaus com os pontos de inquérito numerados de 1 a 4, sendo 1 o Alvorada, 2 o São Raimundo, 3 o Educandos e 4 o Colônia Antônio Aleixo. Em cada ponto, há presença de gráficos no modelo pizza. Conforme o tipo de vocábulo, eles irão indicar a pronúncia por meio de cores distintas, que podem ser discriminadas na legenda localizada do lado direito da carta fonética. Nela, além das cores, há a correspondência do que cada uma representa a partir de transcrição fonética. Em cartas diatópicas, esses são os aspectos que precisam ser levados em consideração para a compreensão delas. Entretanto, nas cartas diagenéricas e diageracionais há outros elementos que devem ser observados a fim de possibilitar a leitura das cartas. A Figura 6, por exemplo, é uma carta diagenérica:

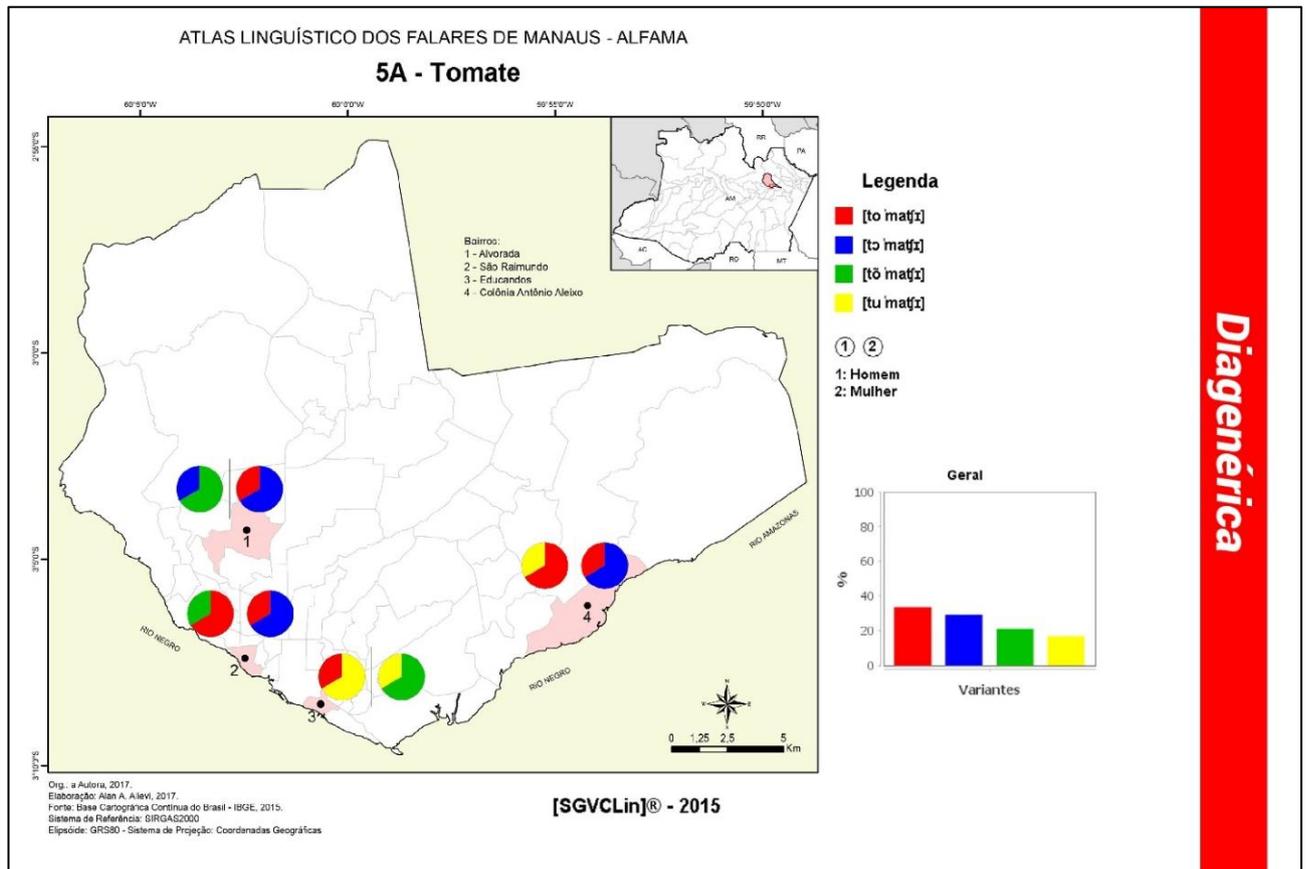


Figura 6 – Carta fonético-fonológica diagenérica do *ALFAMA*.

Por ser uma carta diagenérica, as informações nela referem-se às respostas dadas por homens e mulheres em cada ponto de inquérito. Por isso, abaixo da legenda, no lado direito, há duas circunferências rotuladas com os números um e dois, respectivamente. Embaixo delas, há sua legenda, a circunferência 1 indica homens e a 2, mulheres. Logo, ao se visualizar os gráficos das cartas diagenéricas em cada ponto de inquérito, tem-se, do lado esquerdo um gráfico representando as respostas dos homens e do lado direito um gráfico apresentando as respostas das mulheres. É preciso observar, também, que há uma linha levemente marcada que separa os dois gráficos em cada ponto de inquérito. Portanto, os números da legenda das circunferências vistos no lado direito da carta não tem relação com os números dos bairros, mas sim com a posição dos gráficos e o que isso significa em termos de leitura das cartas. Quando se tratar de cartas diageracionais, serão vistos três gráficos em cada ponto de inquérito e a legenda, ao lado direito da carta, agora apresentará três circunferências, conforme pode ser visto na figura abaixo:

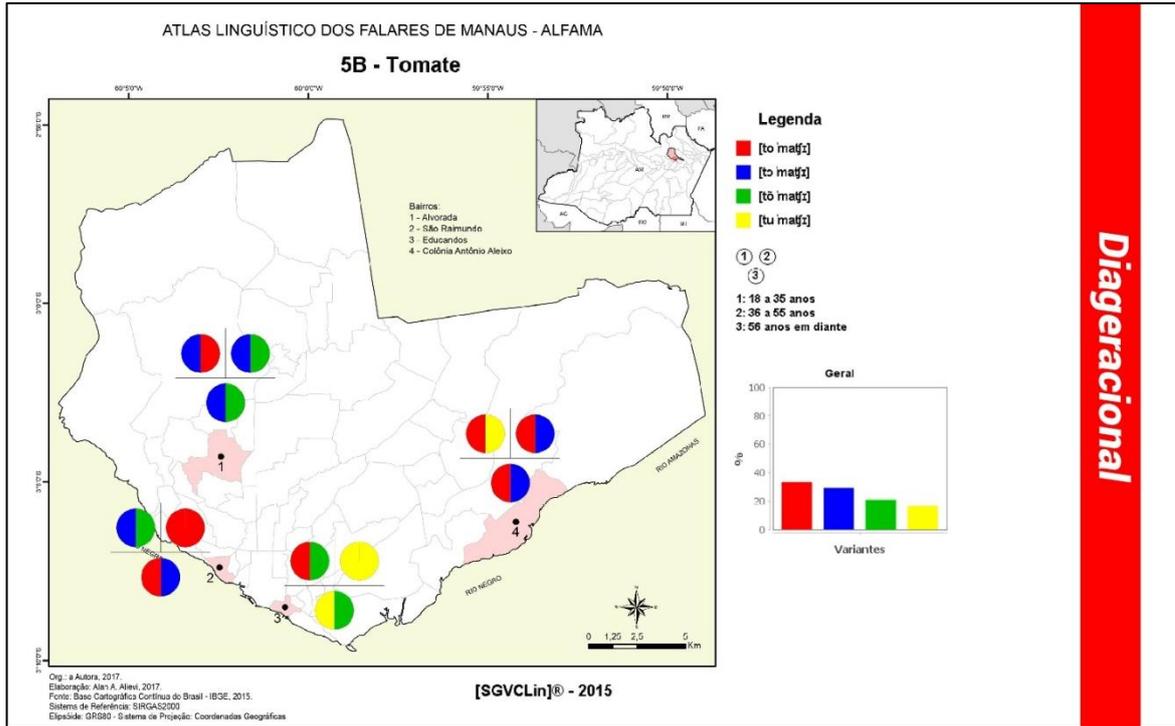


Figura 7 – Carta fonético-fonológica diageracional do ALFAMA.

A circunferência de número 1 irá indicar os informantes da primeira faixa etária, a circunferência de número 2, a segunda faixa, enquanto a 3, a da terceira faixa etária, como se observa nas figuras 7 (acima) e 8 (abaixo).

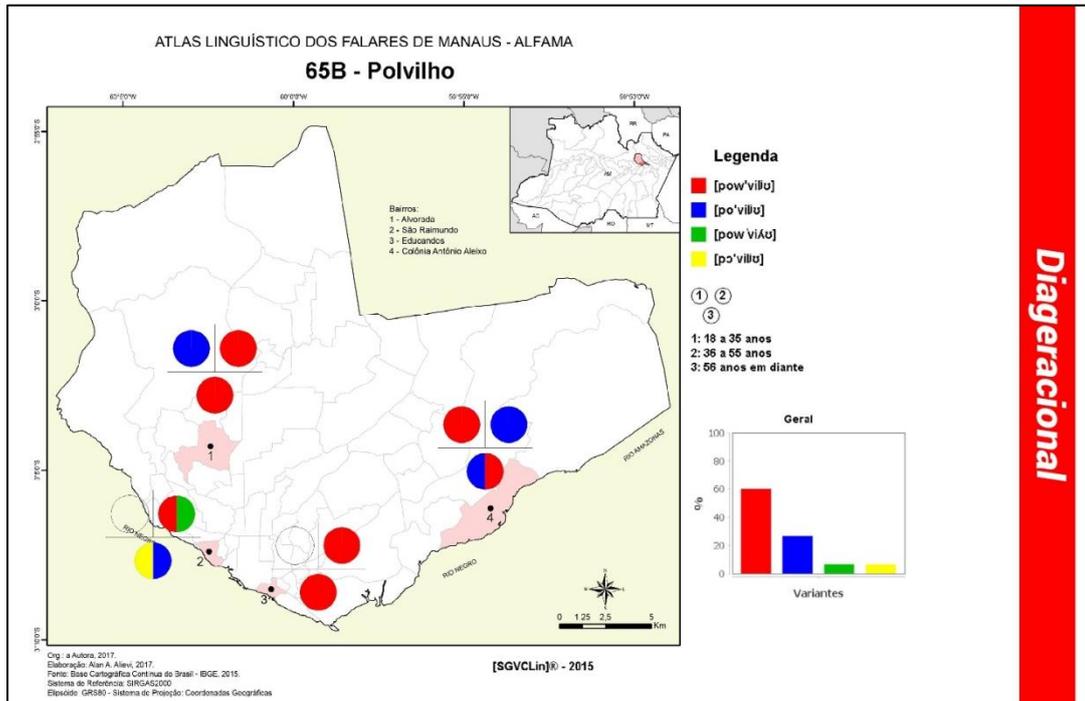


Figura 8 – Carta fonético-fonológica diageracional do ALFAMA com ausência de gráficos

Em relação a esse tipo de carta, é preciso ainda afirmar que se um informante não tiver produzido resposta concernente ao vocábulo, a ausência será mostrada pelo não preenchimento do gráfico no lugar que ele deveria ocupar, como pode ser observado nas faixas etárias 1 dos pontos de inquérito 2 e 3 da figura 8.

5 RELATO DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, a pesquisadora irá apresentar algumas de suas vivências, percepções, acerca da pesquisa de campo que por ela foi experienciada. Por isso, o relato será feito na primeira pessoa do singular, a fim de tornar o texto mais subjetivo, demonstrando assim o seu caráter pessoal.

Durante a minha vivência na pesquisa de campo, aprendi muito, principalmente em relação a etiquetas sociais. Nas oportunidades em que pude contar com o auxílio de moradores do bairro para encontrar os informantes, as experiências foram diferentes do que as vezes em que tive que andar pelas ruas e bater de porta em porta, visitar comércios, igrejas e academias. Isso me fez recordar um texto que li na disciplina Etnolinguística, ministrada pela professora Raynice Geraldine da Silva no segundo semestre de 2016. O artigo apresentado por ela foi o *Treinando a observação participante*, de Foote-Whyte. Nele, o pesquisador compartilha em seis páginas a sua experiência de quando iniciou o empreendimento etnográfico. Para isso, buscou primeiramente tentar integrar-se no bairro de Corneville. Ele contou com a ajuda de uma pessoa pertencente ao lugar e que foi a responsável não só por sua inserção, mas também em orientá-lo a respeito de como deveria se comportar, com quem deveria se relacionar, entre outras coisas.

Ao longo de seu mergulho experiencial em Corneville, Foote-Whyte percebeu que: 1) não se deveria tirar o chapéu enquanto estivesse entre homens; 2) as exigências sociais para moças e rapazes eram diferentes – sair com garotas, bem como ir a um jantar na casa delas, levaria a um único fim, o casamento (porém, o pesquisador conseguiu se desobrigar disso). Essa última percepção mostra o primeiro sinal de que ao outro é perdoável, até certo ponto, a ignorância do regimento cultural de determinado grupo, porém, ele não fica isento de uma punição. No caso, a limitação de por onde deve circular e seu comportamento ficaram mais claros e ele trouxe para si, ainda que brevemente, uma atenção que para seu trabalho etnográfico, de pesquisador de outras culturas, não é necessária, visto que torna evidente a sua participação como elemento exterior, que interferiu num costume.

Outra anotação importante feita por Foote-Whyte é que se relacionar com indivíduos influentes seria um ponto essencial para que a sua movimentação em Corneville se desse mais fácil. Ele foi apresentado como alguém que queria escrever um livro sobre o bairro, mas as entrevistas e mesmo estar em lugares que fossem significativos na rotina dos moradores de lá dependiam muito mais da confiança e do modo como o pesquisador era visto por eles, como ressalta: “Descobri que a minha aceitação no bairro dependia muito mais das relações

peçoais que desenvolvesse do que das explicações que pudesse dar” (FOOTE-WHYTE, 1975, p.2).

Com o tempo, e após alguns deslizes, Foote-Whyte aprendeu também que um pesquisador deve perceber sobre a quem deve perguntar, o quê, quando e como. Ele também teria que ter consciência de que não era igual, que mesmo tendo participado de atividades consideradas locais, ele continuaria sendo um elemento diferente naquele meio, e isto era o seu atrativo, dele deveria fazer um bom proveito para conseguir as informações que desejava.

O paradoxo do observador, já discutido por Labov (1972), era algo com que também me preocupava. Assim, sempre me apresentava como aluna da UFAM e que estava fazendo uma pesquisa acerca da capital amazonense, explicava que fazia perguntas muito simples, ligadas a nossa cultura, ao dia a dia da região. Mantive-me sempre atenta às observações dos informantes e das pessoas que me ajudavam a encontrá-los e adotei uma fala mais coloquial, a fim de demonstrar que não era um momento formal, que era apenas uma pesquisa comum, sem grande pressão ou expectativas no que eles tinham a me oferecer, e dessa forma tentei alcançar as respostas às perguntas mais próximas do que aquelas pessoas poderiam usar em seu cotidiano.

Assim, guardadas as restrições alimentares e as diferenças com o trabalho de Foote-Whyte, aceitei sempre que pude as ofertas oferecidas, seja de sucos da fruta plantada no quintal, cafés com pão torrado, longos e pequenos copos d’água, breves incursões pela casa, para apreciar as melhorias das reformas do espaço em constante aprimoramento, até a apreciação de quintais e vistas para a varanda. Compartilhei pensamentos sobre a (in)segurança na capital, agravada após a rebelião ocorrida no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) em janeiro de 2017, e ainda conversei sobre o clima, fiz perguntas sobre trajetos e pontos importantes do bairro, como escolas, praças, igrejas, quadras. Tentei ao máximo me aproximar dos informantes em todas as situações e posso dizer que consegui ter sucesso em boa parte delas, alcançando assim a informalidade que buscava.

Apenas com três pessoas tive dificuldades. No Educandos, uma delas por sofrer preconceito por conta das tatuagens que têm mostrou-se retraída nos primeiros momentos da pesquisa, mas ao final já estava compartilhando comigo suas inquietações, estava também mais relaxada para responder o questionário, oferecendo até possibilidades para perguntas quando eu fosse entrevistar outra pessoa. Sugeriu-me: “Em ‘leilão’, você pode falar da venda de casas que a Caixa Econômica realiza.” Ajuda que foi útil pelo menos em duas outras ocasiões. No Alvorada, a resistência ocorreu porque a cōnjuge não teria avisado a respeito da minha ida naquele dia. Porém, percebendo meu esforço para chegar até ali e meu estado

(havia pegado um aguaceiro sem fim para estar na casa no horário combinado), a pessoa a ser entrevistada cedeu e se mostrou totalmente disposta a participar. Ao final, chegou até a me oferecer lugar no almoço em família junto com eles, o que não pude aceitar, visto que tinha outra possível entrevista no São Raimundo. Na Colônia Antônio Aleixo, acredito que o distanciamento tenha se dado por conta da idade da pessoa e pelo seu desejo em querer conversar sobre outros assuntos com as pessoas que me acompanhavam. Foi a entrevista em menor tempo realizada com alguém acima de 56 anos. Tal questionário também se destacou por ter sido muito produtivo. O curioso é que, no mesmo ponto de inquérito e na mesma faixa etária, outra pessoa estava mais do que disponível, sendo necessários vários esforços e estratégias para manter a “concentração” nas perguntas e respostas do questionário, assim como a abertura para respondê-lo de forma tão tranquila.

Considero todos esses momentos não apenas como ganho profissional, acadêmico, mas principalmente pessoal. Compartilhar experiências, ver o mundo, a cidade, a mesma cidade em que eu nasci, cresci e vivo, a partir das experiências, olhares e posicionamentos de outras pessoas com quem até então não tinha vínculo, me afetou de forma profunda, de tal maneira que ainda não sei mensurar, porém, sei que me modificou permanentemente.

5.1 O COMPORTAMENTO DO PESQUISADOR PARA OBTENÇÃO DE RESPOSTAS

O vocábulo “polvilho” foi um dos mais difíceis para obter dos informantes. Muitos respondiam goma, amido, e quando eu citava e mostrava a foto do biscoito, alguns respondiam “sequilho” ou até mesmo “pão de queijo”, o que me causou grande surpresa e um imenso esforço para ver as possíveis semelhanças entre o biscoito e o pão. Em casos de dificuldade para ter a resposta, uma das estratégias foi tentar associar a palavra a outras similares, de modo que pudessem rimar ou até conter um começo ou final parecido em sua estrutura. No Educandos, ocorreu o seguinte diálogo:

Doc: Você sabe o mar?

Info: Sei!

Doc: Pois é, lá tem um animal enorme, cheio de tentáculos, qual o nome dele?

Info: Polvo!

Doc: Isso, então o nome do biscoito é biscoito de...?

Info: Biscoito de polvo?! Polvilho! Biscoito de polvilho!

Em contrapartida, há casos em que a falta não somente do acesso à escola, propriamente dito, em que se aprende, além de calcular e ler, fazer expressões numéricas e resumos, mas também a conhecer, questionar e ponderar, é uma lacuna que se faz perceptível, principalmente por a escola ser um lugar de troca de experiências, conviver com outras pessoas nos ajuda a avançar em nossos conhecimentos, a nos enriquecer intelectualmente. Assim, ocorreu de uma pessoa não saber responder o nome de determinado animal, já que, segundo ela, “nunca o tinha visto”. Outra pessoa não teve sua entrevista utilizada, apesar de atender a todos os critérios extralinguísticos, porque não correspondeu satisfatoriamente ao questionário. Em determinado momento, quando buscava a palavra “cinema”, essa pessoa me respondeu que não fazia ideia do que era, porque sua vida era em casa. Essa mesma pessoa, com quem eu compartilhava a mesma faixa etária, não conseguiu responder a palavra “educação”, tendo respondido “amor, carinho” quando tentei fazer outras perguntas para obter a resposta. Grande parte das vezes, ela me respondia com as perguntas que eu fazia ou dizia “isso, isso, essa coisa aí” para, por exemplo, a pergunta “Aquilo que a gente usa também para escorrer o macarrão, coar o suco?”, respondendo ao final “panela” ao invés de “peneira”.

Essas questões sociais, de acesso à cultura, a bens básicos, me fizeram refletir bastante enquanto caminhava pelas ruas de Manaus. No Educandos, o meu guia daquele dia me levou atravessando becos a casas de madeira que existem no bairro e que ficam em cima da água, sendo elevadas à medida que o nível do rio sobe. Ele me disse que muitas daquelas pessoas, especialmente as mais velhas, passam anos, décadas sem ir até a rua, por conta da falta de acessibilidade – e descaso político.

No Brasil, jovens abandonam a escola pela busca de trabalho, pela necessidade de ajudar no sustento, seja o seu próprio e/ou de seus familiares. Porém, ainda é evidente o número de mulheres que abandonaram os estudos por conta de afazeres domésticos. Em matéria publicada em dezembro de 2017, o jornal *O Globo*¹², a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), mostrou que entre as razões da evasão escolar há a marca dos estereótipos de gênero. De acordo com o jornal, 26% das mulheres responderam que não estão estudando por conta da necessidade de cuidar da casa e/ou de outras pessoas, enquanto que apenas 0,8% dos homens alegaram essa razão. Muitas das mulheres entrevistadas para o *ALFAMA* abandonaram os estudos porque se casaram cedo, e fizeram isso geralmente por estarem grávidas. Assim, foram priorizando a família, os filhos, os maridos, deixando-os em primeiro plano em relação a sua formação escolar.

¹² Matéria disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/evitar-evasao-escolar-um-dos-principais-desafios-do-pais-dizem-especialistas-22220342>

Uma das informantes, ao final da entrevista, contou que agora os filhos já são adultos e que ela está no processo de “deixar o marido”, pensa em voltar a estudar, e por conta disso se permitiu a perguntar e deixar a ser incentivada por minha mãe, que estava me acompanhando na pesquisa de campo naquela manhã, e que possui quase 30 anos de magistério. Ela aproveitou a oportunidade para estimulá-la a ir às secretarias de educação, retornar os estudos, além de elevar sua autoestima. Ambas também usaram o questionário fonético-fonológico como uma espécie de atestado de inteligência. Essa ação eu pude notar igualmente em outros informantes ao afirmarem, após a aplicação do questionário, “parece que sei bastante coisa”. A verdade é que eles sabem mais do que aquilo que supõem. Fico imensamente contente ao pensar que, depois das entrevistas, os informantes possam ter acrescentado pesos a mais na vontade de ingressar ou retornar ao espaço escolar.

Por tais razões é que afirmo que o *ALFAMA* foi para além das minhas inquietações na área de Dialectologia, alcançando as emoções humanas, de pensamento cultural, social, coletivo. E ainda me rendeu momentos engraçados memoráveis:

Doc: Se eu me sinto mal e perco os sentidos, eu tenho um...?

Info: Desmaia!

Doc: Sim, mas aí você me diz: Ela teve um...?

Info: Derrame!!

No próximo capítulo, são apresentados quadros comparativos entre os resultados encontrados pelo *ALFAMA* e pelo *ALAM*.

6. COMPARAÇÃO ENTRE O ALFAMA E O ALAM

Neste capítulo, são feitas comparações entre os resultados encontrados pelo *ALAM* e pelo *ALFAMA* a respeito de aspectos do vocalismo e do consonantismo. Por terem feito uso do mesmo questionário fonético-fonológico, selecionando informantes pertencentes a três faixas etárias e que tivessem estudado até o Ensino Fundamental, espera-se que com a comparação possa se ter um panorama ampliado sobre os falares do Amazonas, isto é, com a inclusão de sua capital na análise de fenômenos fonético-fonológicos.

6.1 VOCALISMO

Inicialmente, faremos a comparação de fenômenos no âmbito do vocalismo. Veremos as realizações de vogais médias em contexto pretônico, assim como dos ditongos [ey] e [ow].

6.1.1 Vogal média anterior

Nos vocábulos cuja vogal tônica é aberta, o *ALAM* observou a forte tendência ao abaixamento em – [ɛ] –, realizado de forma absoluta em r[ɛ]al e r[ɛ]ais, e significativo em r[ɛ]sultado (92%) e em m[ɛ]lhor (68%), que também foi produzido como m[e]lhor (32%). Não houve para esse vocábulo nenhum alteamento. Isso só ocorreu em *desovar* (76%) e *devagar* (69%), cujos índices de vogal alta foram maiores do que a vogal média. Mas, para esse caso, Cruz (2004) ressalta: “O caso de *desovar* não surpreende, tendo em vista que trabalhos variacionistas (CALLOU et alii, 1995) têm indicado a presença da média anterior no prefixo *des-* como um dos fatores condicionantes da elevação da vogal”. (CRUZ, 2004, p.123).

No *ALFAMA*, o abaixamento foi igualmente o mais expressivo (60,12%), seguido das realizações da vogal média fechada (20,83%) e da vogal alta (19,05%). Para esse caso de alteamento, chama atenção o realizado pelo vocábulo *devagar* (83,33%). Apenas ele e o vocábulo *desovar* apresentaram índices para o alteamento, totalizando em 19,05%. Outras ocorrências significativas para o abaixamento da vogal também se deram em vocábulos como *melhor*, *real*, *reais* e *remédio*, cuja realização foi categórica. O maior índice para a vogal média ocorreu em *resultado* (75%), conforme pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 3 – Realização da vogal média anterior pretônica em contexto de vogal tônica aberta no *ALAM* e no *ALFAMA*.

Percentuais de vogal média anterior pretônica em vocábulos de vogal tônica aberta									
ALAM					ALFAMA				
Carta Nº	Vocábulo	[e]/[ẽ]	[ɛ]	[i]	Carta Nº	Vocábulo	[e]/[ẽ]	[ɛ]	[i]
21	Melhor	0%	68%	32%	26	Melhor	4,17%	95,84%	0%
32	Real	0%	100%	0%	43	Real	0%	100%	0%
33	Reais	0%	100%	0%	44	Reais	0%	100%	0%
47	Desovar	24%	0%	76%	61	Desovar	50%	0%	50%
82	Resultado	92%	8%	0%	113	Resultado	75%	25%	0%
101	Devagar	31%	0%	69%	152	Devagar	16,67%	0%	83,33%
103	Remédio	63%	37%	0%	155	Remédio	0%	100%	0%
Percentuais gerais		30%	44,71%	25,29%			20,83%	60,12%	19,05%

Fonte: Elaborado pela autora.

No *ALAM*, quando a vogal tônica é fechada, há o predomínio da média fechada, o que se deu de forma absoluta nos vocábulos *dir[e]tora* e *p[e]scoço*. A vogal fechada foi a mais frequente ainda em *t[e]soura* – 68% –, que se realizou também como alta, *t[i]soura* (32%). No vocábulo *depois*, a prevalência foi da média fechada (90%), com realização ainda para o alteamento (7,5%). No *Alfama*, esse vocábulo apresentou a média fechada de forma categórica, assim como *diretora* e *pescoço*. Em *tesoura*, ocorreu a predominância da vogal média (54,17%), porém, também houve um índice expressivo para o alteamento (45,83%).

Em relação à vogal média que antecede ao -S em coda silábica, seja em qual variante ele se produzir ([s] [z] ou [ʃ] [ʒ]), a tendência é resultar no alteamento, apresentado expressivamente em *estragada* (97%), *esgoto* (87%) e *espinha* (74%). (CRUZ, 2004, p. 124). No *ALFAMA*, a média percentual geral (69,02%) apontou para o alteamento da vogal média quando antecedita de -S em coda silábica. A realização da vogal alta [i] teve grandes índices em *esgoto* (69,57%) e em *espinha* (79,17%), cujas outras ocorrências foram para a vogal média fechada [e], 30,43% e 20,83%, respectivamente. O vocábulo *estragada* não teve diferença tão expressiva como o *ALAM* teve em relação à produção da vogal alta, embora esse tenha sido o percentual maior – foram 58,33% para a vogal alta e 37,50% para a vogal média fechada no *ALFAMA*.

Em relação aos vocábulos cuja vogal tônica é alta, observou-se, no *Alfama*, um índice mais elevado para a vogal média aberta (54,17%), seguido da vogal fechada (42,50%). No *ALAM*, ocorreu a predominância da vogal fechada (53%), enquanto a vogal aberta teve 42% de realização. A vogal alta em ambos os atlas se realizou no vocábulo *bebida* e, conseqüentemente, teve pouca expressão no aspecto geral, sendo 5% de ocorrência para o *ALAM* e cerca de 3 % para o *ALFAMA*, conforme pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 4 – Análise percentual da vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta no *ALAM* e no *ALFAMA*.

Vogal média anterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta									
ALAM					ALFAMA				
Carta Nº	Vocábulo	[e]\[ê]	[ɛ]	[i]/[î]	Carta Nº	Vocábulo	[e]\[ê]	[ɛ]	[i]/[î]
6	Bebida	81%	0%	19%	6	Bebida	79,17%	4,17%	16,67%
20	Melancia	8%	82%	0%	25	Melancia	0%	100%	0%
22	Perfume	70%	30%	0%	27	Perfume	8,33%	91,67%	0%
23	Perdido	45%	55%	0%	28	Perdido	75%	25%	0%
	Medicina	57%	43%	0%	157	Medicina	50%	50%	0%
Médias Percentuais		53%	42%	5%	Médias Percentuais		42,50%	54,17%	3,33%

Fonte: Elaborado pela autora.

O *ALAM* apontou, ainda, que no caso do vocábulo *mentira* o alteamento da média nasalizada foi maior, 43%. No *ALFAMA*, foi de 45,83%, consolidando a predominância da média fechada, 54,17%.

Resultados similares houve em relação aos vocábulos cuja vogal tônica é fonologicamente nasal, encontrou-se: no *ALAM*, o vocábulo *presente* registrou 83% das ocorrências para a vogal aberta [ɛ] contra 17% de [e]. No *ALFAMA*, os resultados foram 91,67% para a vogal aberta [ɛ] e 8,33% para [e]. Em *educação*, o *ALAM* apresentou 67% para [e], 28% para [ɛ] e 2,5% para [i], além de mostrar um cancelamento da vogal (2,5%). Já no *ALFAMA*, o vocábulo *educação* teve 65,22% de frequência para [e] e 34,78% para [ɛ]¹³.

6.1.2 Vogal média posterior

Como é possível observar no quadro a seguir, no *ALAM*, os vocábulos que apresentam vogal tônica aberta mostraram como tendência geral a pretônica média aberta (61,70%), em especial em duas ocorrências que se deram de forma categórica (*afogar* e *advogado*) ou com índice elevado (desovar). No *ALFAMA*, nesse sentido, não houve nenhuma

¹³ Tais valores do *ALFAMA* podem ser encontrados no próximo capítulo.

ocorrência categórica, com a exceção de *soldado*. Ademais, observa-se que em *comadre*, vocábulo que no ALAM apresentou alteamento significativo, no ALFAMA mostrou-se concorrente com a vogal média.

Quadro 5 – Análise percentual da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica aberta

Percentuais da Vogal Média Posterior Pretônica em vocábulos com vogal tônica aberta									
ALAM					ALFAMA				
Carta N°	Vocábulo	[o]/[õ]	[ɔ]	[u]/[ũ]/[w]	Carta N°	Vocábulo	[o]/[õ]	[ɔ]	[u]/[ũ]/[w]
5	Tomate	64%	8%	28%	5	Tomate	54,16%	29,17%	16,67%
54	Obrigado	23%	72%	5%	54	Obrigado	65,21%	34,79%	0%
55	Afogar	0%	100%	0%	55	Afogar	29,17%	70,83%	0%
61	Desovar	3%	97%	0%	61	Desovar	20%	80%	0%
72	Goiaba	70%	30%	0%	72	Goiaba	41,67%	58,33%	0,00%
103	Comadre	30%	10%	60%	103	Comadre	47,83%	0,00%	52,17%
126	Soldado	23%	77%	0%	126	Soldado	0,00%	100,00%	0,00%
146	Advogado	0%	100%	0%	146	Advogado	8,34%	91,66%	0,00%
Médias percentuais		26,60%	61,70%	11,70%	Médias percentuais		33,10%	58,10%	8,61%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à vogal tônica fechada, a regra é que a pretônica se realize igualmente fechada. Ademais, fatores como a presença de consoante labial ou velar em contexto precedente são um forte indicativo para o alteamento da vogal média posterior. No quadro abaixo, vejamos os índices de ocorrência encontrados tanto para o ALAM quanto para o ALFAMA nesse contexto:

Quadro 6 – Análise percentual da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica fechada

Percentuais da Vogal Média Posterior Pretônica em vocábulos com vogal tônica fechada									
ALAM					ALFAMA				
Carta N°	Vocábulo	[o]/[õ]	[ɔ]	[u]/[ũ]/[w]	Carta N°	Vocábulo	[o]/[õ]	[ɔ]	[u]/[ũ]/[w]
38	Colheita	91%	0,00%	9%	38	Colheita	95,83%	4,17%	0%
58	Conheço	75%	6%	19%	58	Conheço	91,66%	0,00%	8,34%
59	Comer	68%	0,00%	32%	59	Comer	82,60%	0,00%	17,40%
67	Morreu	100%	0,00%	0,00%	67	Morreu	83,33%	16,67%	0,00%
99	Orelha	90%	0,00%	10%	99	Orelha	91,67%	0,00%	8,33%
Médias percentuais		85%	1,20%	14%	Médias percentuais		89,02%	4,17%	7%

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar acima, nos dois atlas houve a predominância da vogal média fechada. Em ambos, o alteamento foi mais expressivo apenas no vocábulo *comer*, com 32% de ocorrências para o ALAM, e 17,40% para o ALFAMA.

Em vocábulos com a vogal tônica alta, a predominância da vogal média ocorreu nos dois atlas, sendo que no ALFAMA a taxa foi maior (64%). No ALAM, apesar de ter sido alta (49,34%), a concorrência com o alteamento se fez mais expressiva (45,16%) do que no ALFAMA (35%), como se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 7 – Análise da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta

Percentuais da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica alta									
ALAM*					ALFAMA				
Carta Nº	Vocábulo	[o] \ [õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]	Carta Nº	Vocábulo	[o] \ [õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]
52	Botinho	100%	0,00%	0%	52	Botinho	100%	0,00%	0%
53	Notícia	46%	0,00%	64%	53	Notícia	91,66%	0,00%	8,34%
60	*Mosquito	30%	0,00%	54%	60	Mosquito	25%	0,00%	75%
65	Polvilho	75%	25%	0,00%	65	Polvilho	93,33%	6,67%	0,00%
104	Bonito	18%	0,00%	82%	104	Bonito	16,67%	0,00%	83,33%
120	*Assobio	27%	0,00%	71%	120	Assobio	56,52%	0,00%	43,48%
Médias percentuais		49,34%	4,16%	45,16%	Médias percentuais		64%	1,11%	35%

Fonte: Elaborado pela autora

* É preciso destacar que para os vocábulos mosquito e assobio o ALAM encontrou uma baixa incidência do timbre intermediário entre [o] e [ɔ], representado por [ɔ], cuja média percentual de ocorrência foi 1,34%, tendo sido individualmente 6% para mosquito e 2% para assobio.

Em casos nos quais a média posterior está em contexto de hiato, o alteamento é o que prevalece normalmente. Porém, no caso do ALFAMA, houve o predomínio da vogal média fechada, o mesmo ocorreu, por exemplo, com o Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – Alfarin (JUSTINIANO, 2012). Em contrapartida, o ALAM mostrou-se fiel à regra, como podemos observar na comparação das ocorrências dele com o ALFAMA.

Quadro 8 – Análise da vogal média posterior pretônica em vocábulos com hiato

Percentuais da Vogal Média Posterior Pretônica em vocábulos com hiato									
ALAM					ALFAMA				
Carta Nº	Vocábulo	[o] \ [õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]	Carta Nº	Vocábulo	[o] \ [õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]
42	Leiloeiro	36%	0,00%	64%	42	Leiloeiro	52,84%	0,00%	23,81%
69	Soalho	24%	5%	71%	69	Soalho	69,56%	13,04%	17,40%
70	Coador	14%	6%	74%	70	Coador	54,17%	0,00%	45,83%

73	Proibido	72%	22%	3%	73	Proibido	86,37%	13,64%	0,00%
75	Magoado	16%	0,00%	84%	75	Magoado	70,83%	0,00%	29,17%
84	Canoinha	97,5%	0,00%	2,5%	84	Canoinha	100,00%	0,00%	0,00%
101	Joelho	31%	0,00%	69%	101	Joelho	16,67%	0,00%	83,33%
Médias percentuais		41,50%	4,70%	52,50%	Médias percentuais		63,89%	3,81%	28,51%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em vocábulos cuja vogal tônica é fonologicamente nasal, a pretônica apresenta-se como vogal aberta nos dois atlas, sendo 43,50% para o ALAM e 51,30% para o ALFAMA, com destaque para *chorão* que se realizou categoricamente nessa variante. Continuando a análise individual, em *trovão*, o ALAM apresentou significativo índice para o alteamento, isto é, 57% das ocorrências. Mas no ALFAMA, a ocorrência do alteamento foi menor (29,17%), tendo sido a predominância em Manaus, para este vocábulo, da realização da vogal média fechada. Ocorrências comuns absolutas nos dois atlas aconteceram em *oitenta* e *coração*, que se realizaram exclusivamente como fechada e aberta, respectivamente, de acordo com o quadro de valores a seguir:

Quadro 9 – Análise da vogal média posterior pretônica em vocábulos com vogal tônica nasal

ALAM					ALFAMA				
Carta Nº	Vocábulo	[o] \ [õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]	Carta Nº	Vocábulo	[o]\[õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]
62	Trovão	39%	2%	57%	62	Trovão	70,83%	0%	29,17%
64	Inocente	27,5%	27,5%	45%	64	Inocente	39,13%	56,52%	4,35%
66	Chorão	12%	88%	0%	66	Chorão	0,0%	100%	0%
74	Oitenta	100%	0,00%	0%	74	Oitenta	100%	0,00%	0%
100	Corção	0%	100,0%	0%	100	Corção	0%	100%	0%
Médias percentuais		35,70%	43,50%	20,40%	Médias percentuais		41,99%	51,30%	6,70%

Fonte: Elaborado pela autora

6.1.3 Outros aspectos do vocalismo

No ALAM, os vocábulos *boto*, *proa*, *popa*, *canoa*, *caboclo*, *roupa/ropa*, *burro*, não mostraram a tendência para o alteamento do /o/ e o abaixamento do /u/ em contexto tônico. Houve apenas quatro ocorrências de alteamento em *proa*. Já no ALFAMA, não houve alteamento nesses casos, ocorreu apenas um abaixamento em *burro*, realizado por um informante da segunda faixa etária, sexo masculino, pertencente ao ponto de inquérito número 4, Colônia Antônio Aleixo.

6.1.4 Ditongo [ey]

Os dados do quadro a seguir mostram os percentuais de realizações do ditongo [ey] em nove vocábulos. Nos atlas, a média geral foi maior para a manutenção do [ey]. No entanto, observa-se que, no *ALFAMA*, a discrepância foi menor. Houve discrepância expressiva nos contextos que favoráveis à redução, a fricativa e o tepe, como em *madeira*, *peixe*, *peixinho* e *leiloeiro* (sufixo), e ainda no vocábulo *peneira*, cuja ocorrência foi igual ao de *madeira*, porém, não foi colocado no quadro abaixo por não estar presente no *ALAM*. Outro fato a ser observado é o vocábulo *manteiga*. Em ambos os atlas, o índice de monotongação do ditongo foi expressivo. Chama a atenção por não ser um contexto fonético seguinte propiciador ao apagamento, mas tal redução do ditongo deve ocorrer por conta do uso recorrente da palavra no dia a dia de nossas vidas.

Quadro 10 – Análise das ocorrências do ditongo [ey]

ALAM				ALFAMA			
Carta Nº	Vocábulo	[ey]	[e]	Carta Nº	Vocábulo	[ey]	[e]
2	Madeira	19%	81%	2	Madeira	0%	100%
12	Manteiga	49%	51%	12	Manteiga	33,33%	66,67%
14	Peixe	30%	70%	14	Peixe	12,50%	87,50%
15	Peixinho	55%	45%	15	Peixinho	12,50%	87,50%
38	Colheita	46%	54%	38	Colheita	62,50%	37,50%
39	Feitiço	92%	8%	39	Feitiço	95,33%	4,17%
40	Queimar	86%	14%	40	Queimar	95,83%	4,17%
41	Leilão	73%	27%	41	Leilão	100%	0%
42	L(ei)loeiro	73%	27%	42*	L(ei)loeiro	71,44%	4,76%
	Leilo(ei)ro	75%	25%		Leilo(ei)ro	14,29%	61,91%
Médias percentuais		59,80%	40,20%	Médias percentuais		50%	46%

Fonte: Elaborado pela autora.

* No *ALFAMA*, houve outras realizações para o vocábulo *leiloeiro*, ocasionando as seguintes variantes: [leyloa'doh] (9,52%), [leyloa'doh] e [leylo'ista] (4,76%), que resultam em 23,8%.

6.1.5 Ditongo [ow]

Com relação ao ditongo [ow], os atlas apresentaram diferenças. Enquanto o *ALAM* mostrou a manutenção concorrendo com a redução do ditongo, o *ALFAMA* apresentou a monotongação expressiva dele (71,42%), resultado similar ao que se tem mostrado nacionalmente a respeito da realização do [ow]. No quadro abaixo, as ocorrências dos dois atlas:

Quadro 11 – Análise das ocorrências do ditongo [ow]

ALAM*						ALFAMA			
Carta Nº	Vocábulo	[ow]	[o]	[u]	[ɔ]	Carta Nº	Vocábulo	[ow]	[o]
18	Tesoura	36%	58%	2%	4%	22	Tesoura	29,17%	70,83%
71	Roupa	67%	33%			93	Roupa	45,83%	54,17%
72	Ouro	45%	55%			94	Ouro	8,33%	91,66%
73	Lavoura	38%	62%			95	Lavoura*	47,06%	52,94%
74	Outubro	60%	40%			97	Outubro	12,50%	87,50%
Médias percentuais		49,30%	49,40%	0,40%	0,80%	Médias percentuais		28,58%	71,42%

Fonte: Elaborado pela autora.

* É preciso destacar que no ALAM houve o alteamento em *tesoura*, com frequência irrelevante, e ainda nesse mesmo vocábulo a realização da vogal de timbre intermediário entre [o] e [ɔ]. No ALFAMA, o vocábulo *lavoura* apresentou duas realizações que foram contabilizadas como redução do ditongo, são elas *lavoera* e *lavroera*.

6.2 CONSONANTISMO

- 1) Tanto no ALAM quanto no ALFAMA, as oclusivas alveolares /t/ e /d/ foram absolutas, quando diante da vogal alta [i] se realizaram como africadas [tʃ] e [dʒ], e nos outros contextos como [t] e [d]. A seguir, a lista das cartas fonéticas referente aos vocábulos coletados sobre esses casos:
 - a) Vocábulos referentes a /t/: 10 - Mentira, 12 - Manteiga, 13 - Teia, 16 - Estragada, 18 - Esgoto, 24 - Presente, 31 Certo, 38 - Colheita, 51 - Boto, 52 - Botinho, 53 - Notícia, 60 - Mosquito, 62 - Trovão, 64 - Inocente, 74 - Oitenta, 86 - Diretora, 87 - Agricultores, 97 - Outubro, 104 - Bonito, 113 - Resultado, 135 - Santo Antônio, 142 - Três.
 - b) Vocábulos referentes a /d/: 2 - Madeira, 6 - Bebida, 7 - Depois, 28 - Perdido, 45 - Hóspede, 54 - Obrigado, 57 - Conversando, 61 - Desovar, 70 - Coador, 73 - Proibido, 75- Magoado, 86 - Diretora, 103 - Comadre, 126 - Soldado, 140 - Vidro, 146 - Advogado, 152 - Devagar, 155 - Remédio, 156 - Paredes, 157 – Medicina.
- 2) A lateral alveolar, nos dois atlas, em contexto pós-vocálico realizou-se como semivogal posterior [w] de forma categórica, conforme pode ser consultado nas Cartas Fonéticas seguintes do ALFAMA, presentes no volume II: 43 - Real; 65 - Polvilho; 87 - Agricultores; 113 - Resultado; 126 - Soldado.
- 3) A lateral palatal mostrou-se expressiva nos dois atlas como [ʎ]. Ao contrário do que ocorreu no ALAM, em que só no vocábulo *mulher* ocorreu a despatalização e

iotização, o *ALFAMA* apresentou apenas um índice muito baixo para [l], ocorrido graças ao vocábulo *colheita*. Em ambos os atlas, o [lʲ] concorreu com a lateral palatal [λ], sendo no *ALAM* uma diferença maior entre elas, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 12 – Análise das concretizações da lateral palatal no *ALAM* e no *ALFAMA*

ALAM							ALFAMA				
Carta Nº	Vocábulo	[λ]	[lʲ]	[l]	[j]	[ø]	Carta Nº	Vocábulo	[λ]	[lʲ]	[l]
21	Melhor	43%	57%	0%	0%	0%	26	Melhor	50%	50%	0%
26	Grelha	25%	68%	0%	0%	7%	35	Grelha	12,5%	87,5%	0%
28	Colheita	92%	8%	0%	0%	0%	38	Colheita	58,32%	33,34%	8,34%
50	Polvilho	0%	100%	0%	0%	0%	65	Polvilho	6,66%	93,34%	0%
53	Soalho	7%	93%	0%	0%	0%	*69	Soalho	17,39%	78,28%	0%
61	Folha	10%	90%	0%	0%	0%	81	Folha	17,39%	82,61%	0%
68	Piolho	8%	92%	0%	0%	0%	88	Piolho	54,16%	45,84%	0%
75	Orelha	16%	84%	0%	0%	0%	99	Orelha	8,34%	91,66%	0%
77	Joelho	10%	90%	0%	0%	0%	101	Joelho	25%	75%	0%
91	Mulher	42%	48%	6%	4%	0%	127	Mulher	79,16%	20,84%	0%
Médias percentuais		25,30%	73%	0,60%	0,40%	0,70%	Médias percentuais		33%	66%	1%

Fonte: Elaborado pela autora.

* No *ALFAMA*, um informante respondeu [aso'adu], correspondendo a 4,33%.

- 4) Em relação à nasal palatal, vemos no quadro a seguir que o *ALAM* apontou para a predominância da sua não ocorrência, com altos índices principalmente para *espinha*, *pamonha*, *peixinho* e *botinho*, enquanto os resultados do *ALFAMA* mostram a ocorrência da nasal palatal como predominante, com destaque para as realizações categóricas de *conheço*, *pamonha* e *amanhã*.

Quadro 13 – Análise da realização da nasal palatal

ALAM				ALFAMA			
Carta Nº	Vocábulo	Ocorrência da nasal palatal	Não ocorrência da nasal palatal	Carta Nº	Vocábulo	Ocorrência da nasal palatal	Não ocorrência da nasal palatal
16	espinha	26%	74%	19	espinha	62,50%	37,50%
44	conheço	45%	55%	58	conheço	100%	0%
69	pamonha	20%	80%	89	pamonha	100%	0%
93	amanhã	30%	70%	134	amanhã	100%	0%
13	peixinho	15%	85%	15	peixinho	16,67%	83,33%
39	botinho	13%	87%	52	botinho	4%	95,84%
64	canoinha	17,50%	82,50%	84	canoinha	87,50%	8,34%
Médias Percentuais		24%	76%	Médias Percentuais		67,26%	32,14%

Fonte: Elaborado pela autora.

- 5) Quanto ao -R pós-vocálico em contexto medial de vocábulo, vemos que há predominância nos dois atlas para a realização da fricativa glotal surda, como se pode observar no quadro a seguir.

Quadro 14 – Análise referente ao -R pós-vocálico em contexto medial de vocábulo

ALAM						ALFAMA					
Carta Nº	Vocábulo	[h]	[x]	[r]	[ø]	Carta Nº	Vocábulo	[h]	[x]	[r]	[ø]
4	Órfão	96%	4%	0%	0%	4	Órfão	95,83 %	0%	4,17%	0%
22	Perfume	82%	0%	7%	11%	27	Perfume	95,83 %	0%	0%	4,17 %
23	Perdido	78%	22%	0%	0%	28	Perdido	100%	0%	0%	0%
24	Certo	96%	4%	0%	0%	31	Certo	100%	0%	0%	0%
35	Árvore	52%	4%	0%	44%	47	Árvore	95,83 %	0%	0%	4,17 %
36	Virgem	65%	4%	0%	31%	48	Virgem	100,00 %	0%	0%	0%
43	Conversando	63%	2%	6%	29%	57	Conversando	100,00 %	0%	0%	0%
Médias percentuais		76%	5,72 %	1,85%	16,43 %	Médias percentuais		98,21 %	0%	0,60%	1%

Fonte: Elaborado pela autora.

- 6) Já no contexto final de vocábulo, o -R pós-vocálico no ALAM mostrou a tendência para o apagamento, enquanto no ALFAMA foi para manutenção, com a ressalva para os vocábulos *melhor*, *flor* e *devagar* que mostraram índices significativos para o esvaziamento do -R em posição final, conforme pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 15 – Análise do -R pós-vocálico em contexto final de vocábulo

ALAM						ALFAMA					
Carta Nº	Vocábulo	[h]	[x]	[r]	[ø]	Carta Nº	Vocábulo	[h]	[x]	[r]	[ø]
4	Melhor	49%	0%	0%	51%	26	Melhor	25%	0%	0%	75%
22	Queimar	46%	0%	0%	54%	40	Queimar	79,16%	0%	0%	20,84%
23	Afogar	20%	0%	0%	80%	55	Afogar	83,33%	0%	0%	16,67%
24	Comer	29%	0%	0%	79%	59	Comer	78,26%	0%	0%	21,74%
35	Desovar	5%	0%	0%	95%	61	Desovar	65%	0%	0%	35%
36	Coador	29%	0%	3%	68%	70	Coador	95,83%	0%	0%	4,17%
43	Flor*	18%	4%	0%	78%	92	Flor*	39,13%	0%	0%	56,52%
91	Mulher	2%	0%	0%	98%	127	Mulher	50%	0%	0%	50%
95	Plantar	67%	0%	0%	33%	136	Plantar	75%	0%	0%	25%
101	Devagar	40%	0%	0%	60%	152	Devagar	37,5%	0%	0%	62,5%
Médias percentuais		30%	0,4%	0,3%	70%	Médias percentuais		63%	0%	0%	37%

Fonte: Elaborado pela autora.

* Tanto no ALAM quanto no ALFAMA houve ocorrências para a forma [ˈfro].

- 7) O -S em coda silábica está presente tanto no contexto medial quanto para o final do vocábulo. Ele pode se realizar das seguintes formas: [s] [z] [ʃ] [ʒ]. No *ALAM*, para ambos os casos, houve predominância para as fricativas alveolares. No *ALFAMA*, porém, a predominância foi para as fricativas pós-alveolares, conforme pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 16 – Análise do -S em coda silábica no *ALAM* e no *ALFAMA*

ALAM					ALFAMA				
Carta Nº	Vocábulo	[s] / [z]	[ʃ] / [ʒ]	[ø]	Carta Nº	Vocábulo	[s] / [z]	[ʃ] / [ʒ]	[ø]
14	estragada	0%	100%	0%	16	Estragada	0%	100%	0%
15	Esgoto	68%	30%	2%	18	Esgoto	34,79%	65,22%	0%
16	Espinha	57%	43%	0%	19	Espinha	45,84%	54,16%	0%
17	Pescoço	63%	37%	0%	20	Pescoço	29,17%	70,83%	0%
34	Hóspede	47%	53%	0%	45	Hóspede	33,38%	66,67%	0%
46	Mosquito	57%	43%	0%	60	Mosquito	45,84%	54,16%	0%
80	Fósforo	66%	34%	0%	105	Fósforo	33,00%	66,67%	0%
100	Caspa	60%	40%	0%	150	Caspa	41,67%	58,33%	0%
Médias percentuais		52,25%	47,50%	0,25%	Médias percentuais		33%	67%	0%

Fonte: Elaborado pela autora.

No *ALAM*, estabeleceu-se a hipótese de isofonia em relação às ocorrências das variantes pós-alveolares em três localidades, a saber, Barcelos (Alto Rio Negro), Itacoatiara (Médio) e Parintins (Baixo Amazonas), se mostraram produtivas em diferentes contextos. No todo, isto é, averiguando as nove localidades, o Atlas apontou que os falantes pertencentes a primeira faixa etária (18 a 35 anos) tendem a utilizar as pós-alveolares. No *ALFAMA*, isso também se confirmou, tendo as mulheres da primeira faixa o índice de maior realização, como pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 17 – *ALFAMA*: Análise dos valores de ocorrência do -S por faixa etária e por sexo

	alveolares (s/z)		pós-alveolares (ʃ/ʒ)		
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
1ª faixa	44%	16%	1ª faixa	56%	84%
2ª faixa	44%	41%	2ª faixa	56%	59%
3ª faixa	34%	19%	3ª faixa	63%	81%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados aqui contrastados buscaram aproximar ainda mais os dois atlas a fim de se obter uma melhor compreensão acerca dos falares do Amazonas. Espera-se que a partir disso outras pesquisas nasçam aprofundando as ocorrências dos fenômenos investigados pelo Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e pelo Atlas Linguístico dos Falares de Manaus (ALFAMA). A seguir, serão apresentados mais dados obtidos pelo atlas de Manaus.

7. BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS FALARES DE MANAUS

Neste capítulo, são apresentadas ocorrências encontradas pelo *ALFAMA* por meio de seu questionário fonético-fonológico e que geraram as cartas fonéticas presentes no segundo volume desta dissertação. Enfatiza-se que tais fenômenos não são categóricos da cidade de Manaus, nem formam um perfil absoluto da fala manauara, mas são um recorte panorâmico da cidade a partir de um grupo que não avançou em seus estudos para além do Ensino Fundamental, mas que tem grande relevância para a compreensão dos falares da capital amazonense.

7.1 ASPECTOS DO VOCALISMO EM MANAUS

Nesta seção serão desdobradas as ocorrências referentes ao vocalismo e que já foram apresentadas, em termos gerais, no capítulo anterior, quando se realizou comparações com o *ALAM*. É preciso destacar ainda que há aqui uma breve comparação com o trabalho dialetológico realizado por Quara em 2012, a respeito das vogais médias pretônicas a fim de se estabelecer uma melhor visão acerca da realização delas em Manaus.

7.1.1 A vogal média anterior – *ALFAMA*

Em Manaus, a vogal média anterior pretônica se realiza predominantemente como fechada (42,22%), também apresentando ocorrências para a aberta (32,72%) e para a alta (25,06%), conforme pode ser visto no quadro abaixo.

Quadro 18 – Realização da vogal média anterior pretônica – *ALFAMA*

Carta Nº	Vocábulo	[e] [ẽ]	[ɛ]	[i] [ĩ]
6	Bebida	79,17%	4,17%	16,67%
7	Depois	100%	0%	0%
8	Educação	65,22%	34,78%	0%
9	Enchente	18,18%	0%	81,82%
10	Mentira	54,17%	0%	45,83%
11	Peneira	100%	0%	0%
16	Estragada	37,50%	0%	62,50%
17	Esquecer	8,34%	0%	91,66%
18	Esgoto	30,43%	0%	69,57%
19	Espinha	20,83%	0%	79,17%
20	Pescoço	100%	0%	0%

Carta Nº	Vocábulo	[e] [ẽ]	[ɛ]	[i] [ĩ]
22	Tesoura	54,17%	0%	45,83%
24	Presente	8,33%	91,67%	0%
25	Melancia	0%	100%	0%
26	Melhor	4,17%	95,83%	0%
27	Perfume	8,33%	91,67%	0%
28	Perdido	75%	25%	0%
43	Real	0%	100%	0%
44	Reais	0%	100%	0%
61	Desovar	50%	0%	50%
86	Diretora	100%	0%	0%
113	Resultado	75%	25%	0%
152	Devagar	16,67%	0%	83,33%
155	Remédio	0%	100%	0%
157	Medicina	50%	50%	0%
Médias percentuais		42,22%	32,72%	25,06%

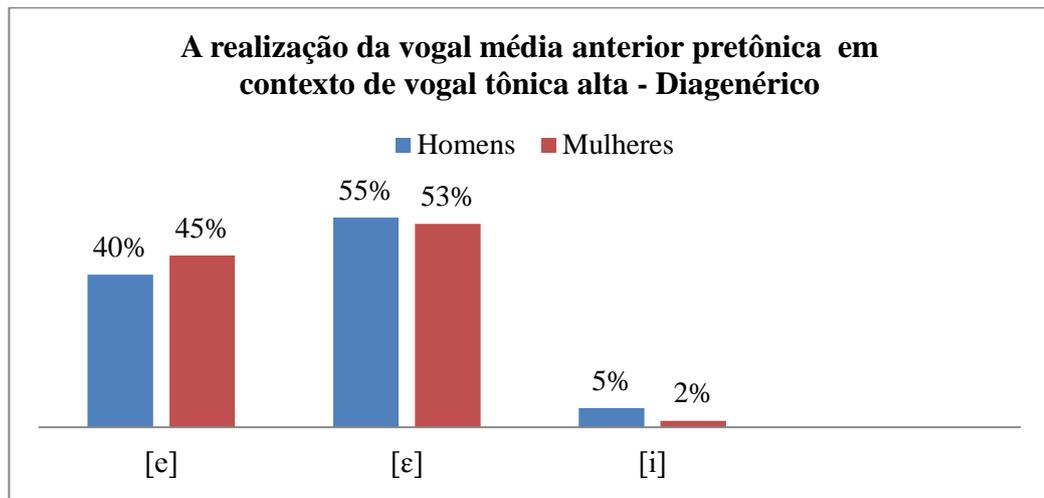
Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro acima, observamos ainda que a vogal média pretônica realiza-se fechada categoricamente quando o contexto apresenta vogal tônica fechada. Assim, temos *pescoço* e *diretora* para expressar tal caso.

Em relação ao alteamento, isto é, a passagem da vogal média para a alta, observamos a sua realização significativa em dez vocábulos, com destaque para seis deles: enchente (81,82%), estragada (62,50%), esquecer (91,66%), esgoto (69,57%), espinha (79,17%) e devagar (83,33%). Mas, como vimos no capítulo anterior, em contexto de vogal tônica alta, a realização da pretônica mantém-se como aberta (54,17%), sendo a realização da alta quase inexpressiva (3,33%). Quara (2012) encontrou igualmente a predominância para vogal aberta (46%), porém, sua taxa para o alçamento foi maior do que o *ALAM* e, conseqüentemente, maior do que o *ALFAMA*, apresentando 14,4%. É importante destacar que, diferentemente do atlas de Manaus, a pesquisadora tinha em seu questionário o vocábulo *menino*. Este, de amplo uso na fala, apresentou em sua pesquisa alta ocorrência para o alçamento (68,4%).

A seguir, podemos observar que a realização da vogal aberta em contexto de vogal tônica alta é expressiva para ambos os sexos no *ALFAMA*, sendo 55% para homens e 33% para mulheres. Observamos, também, que as mulheres tendem a realizar a fechada (45%), enquanto os homens apresentam mais o alçamento da vogal (5%), como se pode ver no gráfico abaixo.

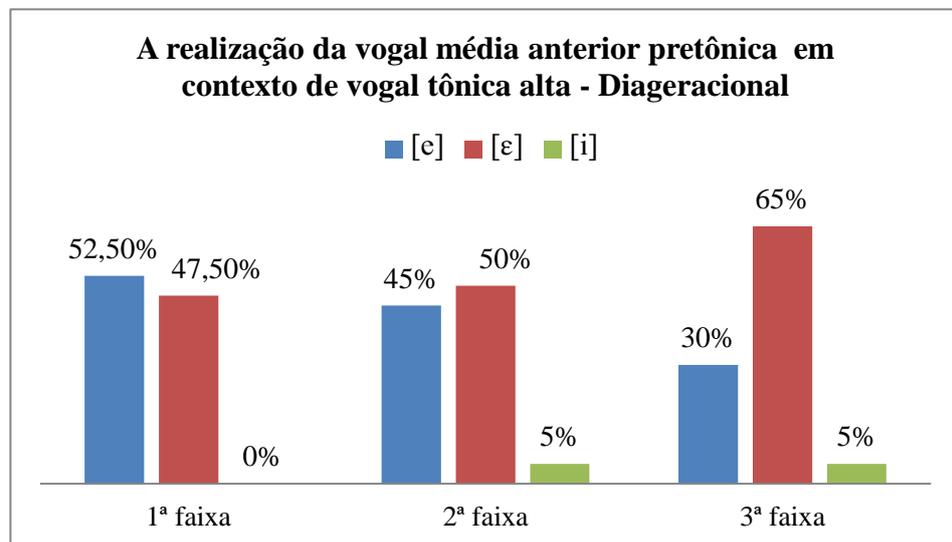
Gráfico 4 – A realização do [e] em vocábulos com vogal tônica alta – Diagenérico



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a faixas etárias, inicialmente, chama-nos atenção predominância da vogal média fechada produzida pela primeira faixa etária, ao passo que o alteamento foi nulo nessa categoria, conforme pode ser visto no gráfico:

Gráfico 5 – A realização do [e] pretônico em vocábulos com vogal tônica alta – Diageracional

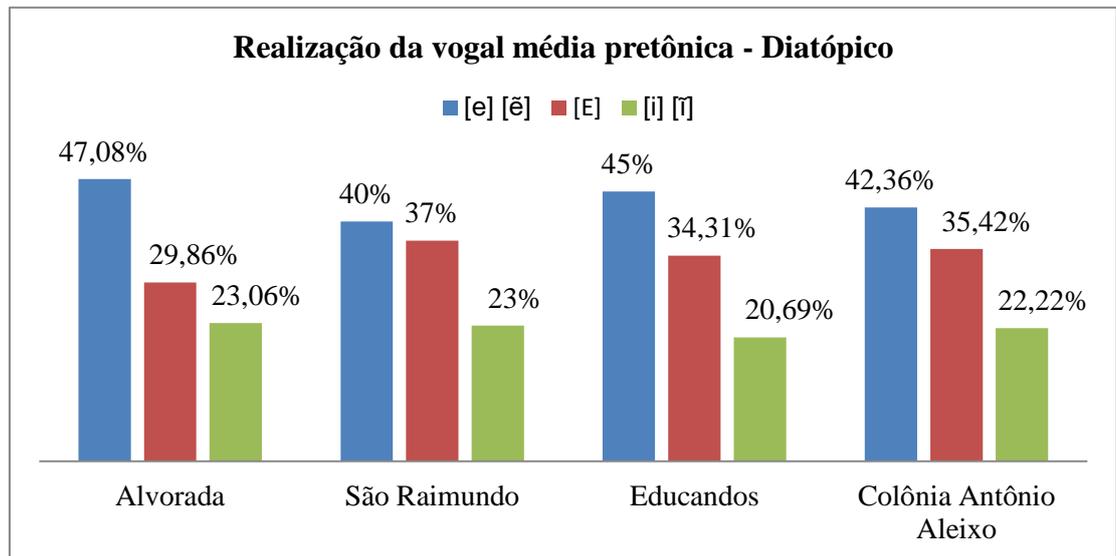


Fonte: Elaborado pela autora.

Ademais, no gráfico acima, observa-se ainda que a segunda e a terceira faixas etárias produzem as três variantes. Contudo, a terceira tem destaque por apresentar maior índice de ocorrências para o abaixamento da vogal [e], isto é, 65%. Na pesquisa de Quara, a variante fechada na primeira faixa etária também foi a mais produtiva, no entanto, foi encontrado alteamento nesse grupo etário.

No *ALFAMA*, no que se refere à realização da vogal média pretônica nos bairros investigados, temos em todos os bairros a predominância da vogal média anterior como fechada, como pode ser visto:

Gráfico 6: Realização da vogal média anterior pretônica – Diatópico



Fonte: Elaborado pela autora.

O Alvorada se destaca também por apresentar o índice de vogal aberta menor dos bairros, 29,86%. O São Raimundo é o bairro que mais apresentou a vogal aberta (37%), já a vogal alta se realizou quase de maneira igual nos quatro bairros, sendo o índice do Educandos um pouco abaixo dos demais, ele apresentou 20,69%. Em relação aos bairros em comum investigados por Quara (2012) e o *ALFAMA*, temos o abaixamento como predominância no atlas, enquanto que no trabalho da pesquisadora houve produtividade para a vogal fechada, como pode ser visto no quadro a seguir:

Quadro 19 – A realização da média anterior pretônica nos bairros investigados por Quara (2012) e pelo *ALFAMA*

Quara (2012)				ALFAMA			
Bairros	[e] [ẽ]	[ɛ]	[i] [ĩ]	Bairros	[e] [ẽ]	[ɛ]	[i] [ĩ]
São Raimundo	49,10%	28,30%	22,60%	São Raimundo	40%	37%	23%
Colônia Antônio Aleixo	40,70%	29,50%	29,80%	Colônia Antônio Aleixo	42%	35%	22%

Fonte: Elaborado pela autora.

7.1.2 Vogal média posterior

Correa (1980) verificou o alçamento do [o] e abaixamento do [u] em contexto de tonicidade. No *ALFAMA*, as cartas 51 (boto), 76 (proa), 78 (popa), 83 (canao), 85 (caboclo), 93 (roupa) mostraram-se categóricas ao realizarem a vogal média fechada [o].

Em relação ao vocábulo [u], houve também expressiva manutenção da vogal alta [u], com a exceção apenas de vocábulos que demonstraram seu abaixamento, são eles *burro*, *curral*, *muito* e *clube*. Tais casos ocorreram da seguinte maneira: no ponto de inquérito quatro, isto é, no bairro Colônia Antônio Aleixo, a vogal tônica abaixada [o] foi produzida por um informante do sexo masculino, manauara, pertencente à faixa etária dois (36 a 55 anos); no caso de *curral*, houve uma ocorrência em cada bairro, menos no Educandos, assim, no Alvorada uma mulher da faixa etária 2 o produziu, já no São Raimundo o abaixamento foi produzido por um homem da faixa etária 3, enquanto que na Colônia Antônio Aleixo houve duas ocorrências, uma mulher da primeira faixa etária e um homem da segunda; em relação ao vocábulo *muito*, ele foi igualmente produzido pelo informante da 3ª faixa no São Raimundo; por fim, *clube* teve o abaixamento apresentado por um informante homem da primeira faixa etária do Educandos. Tais dados podem ser observados nas cartas fonéticas do II volume do atlas, são elas: 106 - Burro; 112 - Curral; 121 - Muito e 139 - Clube.

No quadro abaixo, temos os percentuais gerais acerca da realização da vogal média posterior, vejamos:

Quadro 20 – A realização da vogal média posterior – ALFAMA

Carta Nº	Vocábulo	[o]\[õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]
5	Tomate	54,16%	29,17%	16,67%
38	Colheita	95,83%	4,17%	0%
42	Leiloeiro	76,19%	0,00%	23,81%
52	Botinho	100%	0,00%	0%
53	Notícia	91,66%	0,00%	8,34%
54	Obrigado	65,21%	34,79%	0%
55	Afogar	29,17%	70,83%	0%
57	Conversando	100%	0%	0%
58	Conheço	91,66%	0,00%	8,34%
59	Comer	82,60%	0,00%	17,40%
60	Mosquito	25%	0,00%	75%
61	Desovar	20%	80%	0%
62	Trovão	70,83%	0,00%	29,17%
64	Inocente	39,13%	56,52%	4,35%
65	Polvilho	93,33%	6,67%	0,00%
66	Chorão	0,00%	100,00%	0,00%
67	Morreu	83,33%	16,67%	0,00%
69	Soalho	69,56%	13,04%	17,40%
70	Coador	54,17%	0,00%	45,83%
72	Goiaba	41,67%	58,33%	0,00%
73	Proibido	86,37%	13,64%	0,00%
74	Oitenta	100,00%	0,00%	0,00%

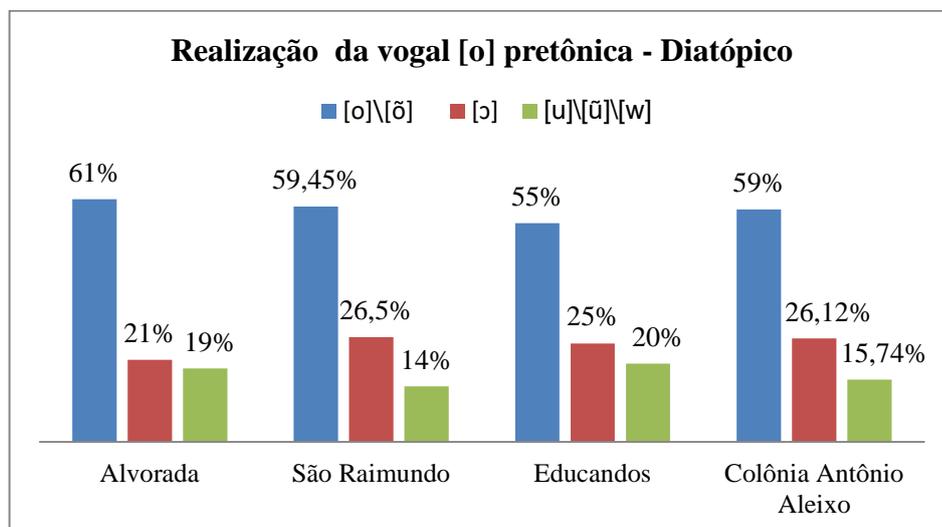
Carta Nº	Vocábulo	[o]\[õ]	[ɔ]	[u]\[ũ]\[w]
75	Magoado	70,83%	0,00%	29,17%
84	Canoinha	100,00%	0,00%	0,00%
99	Orelha	91,67%	0,00%	8,33%
100	Coração	0,00%	100,00%	0,00%
101	Joelho	16,67%	0,00%	83,33%
103	Comadre	47,83%	0,00%	52,17%
104	Bonito	16,67%	0,00%	83,33%
120	Assobio	56,52%	0,00%	43,48%
126	Soldado	0,00%	100,00%	0,00%
146	Advogado	8,34%	91,66%	0,00%
Médias percentuais		58,70%	24,23%	17,07%

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se pôde notar a partir do quadro acima, o *ALFAMA* apresentou predominância da realização da vogal média posterior em contexto pretônico como fechada (58,70%). Em seguida, teve-se a variante aberta (24,23%) e por fim o alçamento (17,7%). Resultados similares foram obtidos por Quara (2012). A pesquisadora apresentou os seguintes percentuais: 49,5% para a vogal fechada; 32,2% para a aberta e 17,8% para a alta.

Quanto às realizações da vogal média posterior nos bairros investigados pelo *ALFAMA*, podemos observar no gráfico a seguir que a vogal fechada é predominante em todos os pontos de inquérito investigados. Os percentuais para o abaixamento se mostram equilibrados também em todos eles, enquanto o alteamento é maior nos bairros do Educandos e do Alvorada, sendo neste a diferença com o abaixamento quase inexpressiva, conforme pode ser analisado no gráfico.

Gráfico 7 – Realização da vogal posterior pretônica em Manaus – Diatópico

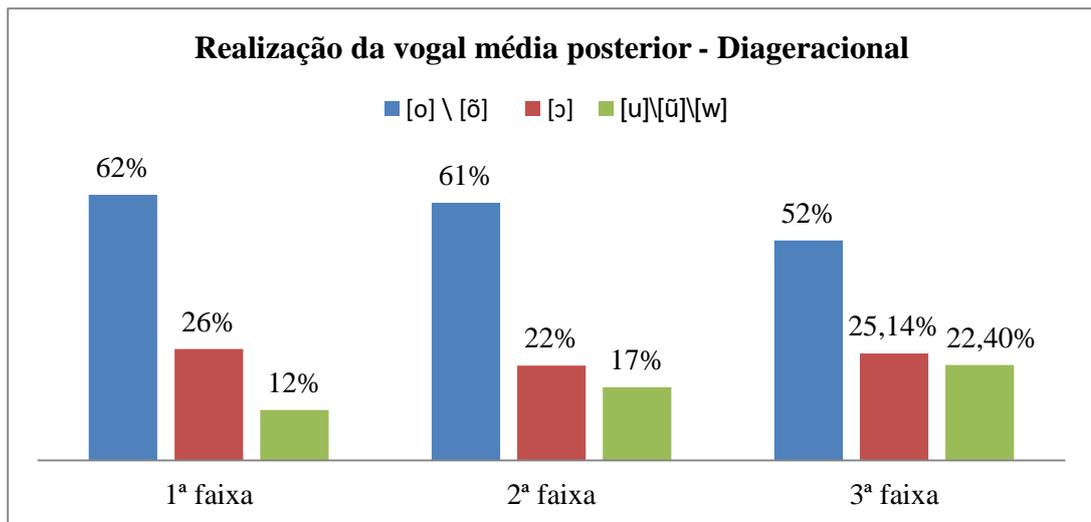


Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao trabalho de Quara, a pesquisadora também encontrou a predominância da vogal média fechada em todos os bairros, apontando o São Raimundo como o ponto que mais empregou a variante fechada (54,2%), ao passo que a Colônia Antônio Aleixo a produziu menos (47,1%), realizando mais, em contrapartida, o uso da vogal alta (33%). No *ALFAMA*, conforme podemos notar no gráfico acima, esse bairro produziu mais a vogal aberta e seu uso da fechada foi mais expressivo.

Em relação às faixas etárias, encontramos o predomínio para a vogal fechada nas três faixas etárias. No trabalho realizado por Quara, a pesquisadora igualmente apontou a predominância da vogal fechada nas três faixas etárias, apresentando a primeira faixa com o índice mais elevado para isso. A segunda faixa etária foi a que mais produziu o alçamento da vogal (26,2%). Em contrapartida, o *ALFAMA*, conforme pode ser verificado no gráfico abaixo, apontou a terceira faixa etária como a que mais produziu a variante [u], apesar de a segunda faixa etária tê-lo produzido também de modo significativo.

Gráfico 8: *ALFAMA* – A realização da vogal média posterior – Diageracional

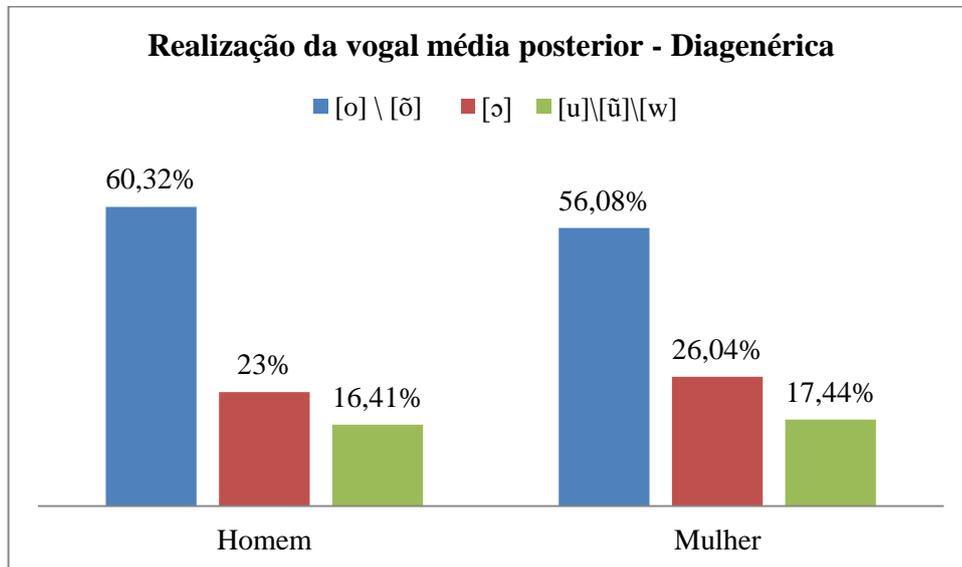


Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere ao emprego em relação ao gênero, a predominância da fechada é clara no *ALFAMA*, mas chama atenção também que as outras variantes se mostraram um pouco mais produtivas quando realizadas por mulheres. No trabalho de Quara, também houve resultados em consonância para a vogal fechada. A pesquisadora encontrou 49,4% dos homens entrevistados a produzindo, enquanto 50,1% das mulheres produziram tal variante. No entanto, os resultados para a vogal aberta e a alta foram distintos dos encontrados pelo *ALFAMA*, a pesquisa de Quara apontou a ocorrência do alçamento como segunda mais produtiva, tendo 32,7% dos homens a realizando e 32% das mulheres, ao passo que, no atlas,

a outra ocorrência mais expressiva foi para a vogal aberta (23% para homens e 26,04% para mulheres), como pode ser visto no gráfico abaixo:

Gráfico 9: ALFAMA – A realização da vogal média posterior – Diagenérica

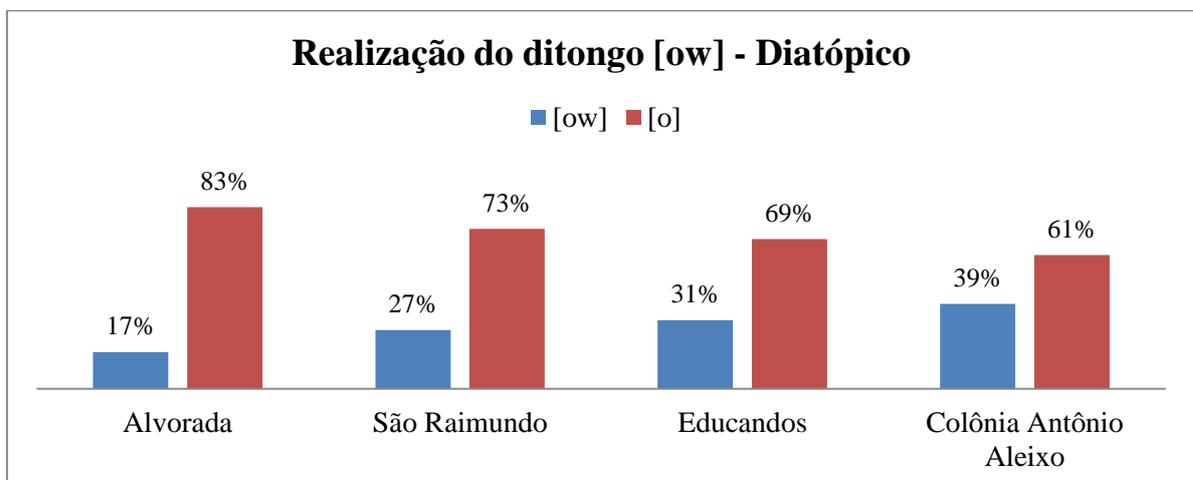


Fonte: Elaborado pela autora.

7.1.3 Realização do ditongo [ow]

Em Manaus, pode-se notar que a realização do ditongo [ow] atua em consonância com as demais pesquisas dialetológicas nos países, que apontam para o apagamento da semivogal [w], como se vê no gráfico a seguir:

Gráfico 10: ALFAMA – A realização do ditongo [ow] – Diatópico

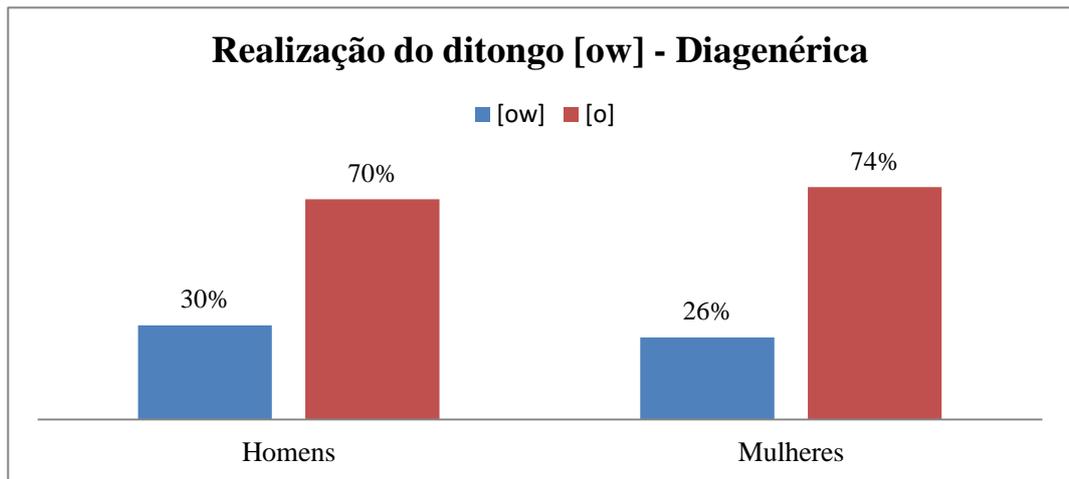


Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 10, também pode ser observado que o Alvorada foi o bairro em que a redução do ditongo foi a mais expressiva (83%), enquanto a Colônia Antônio Aleixo foi a que apresentou taxa mais relevante para manutenção do [ow], com 39% de realizações.

Em relação à variável sexo, vê-se, no gráfico abaixo, que homens e mulheres empregam expressivamente a redução do ditongo (70% e 74%, respectivamente), sendo os homens os que, quando há manutenção, empregam mais o [ow], com 30% das realizações.

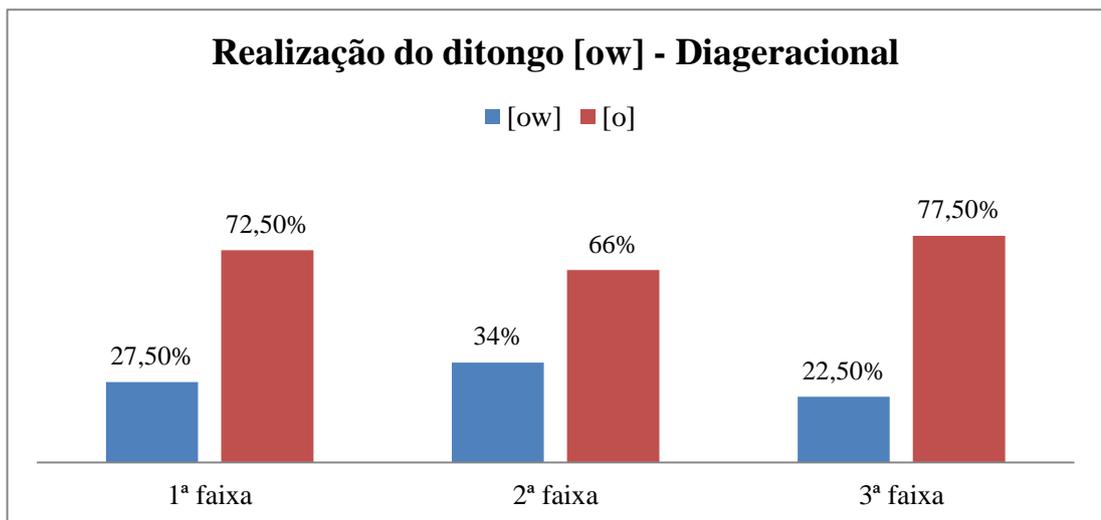
Gráfico 11 – ALFAMA – A realização do ditongo [ow] – Diagenérico



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação às idades e à produção do ditongo, observa-se que todas as faixas etárias o reduzem, com destaque para a terceira faixa etária, que produziu 77,50% de ocorrências.

Gráfico 12: ALFAMA – A realização do ditongo [ow] – Diageracional



Fonte: Elaborado pela autora.

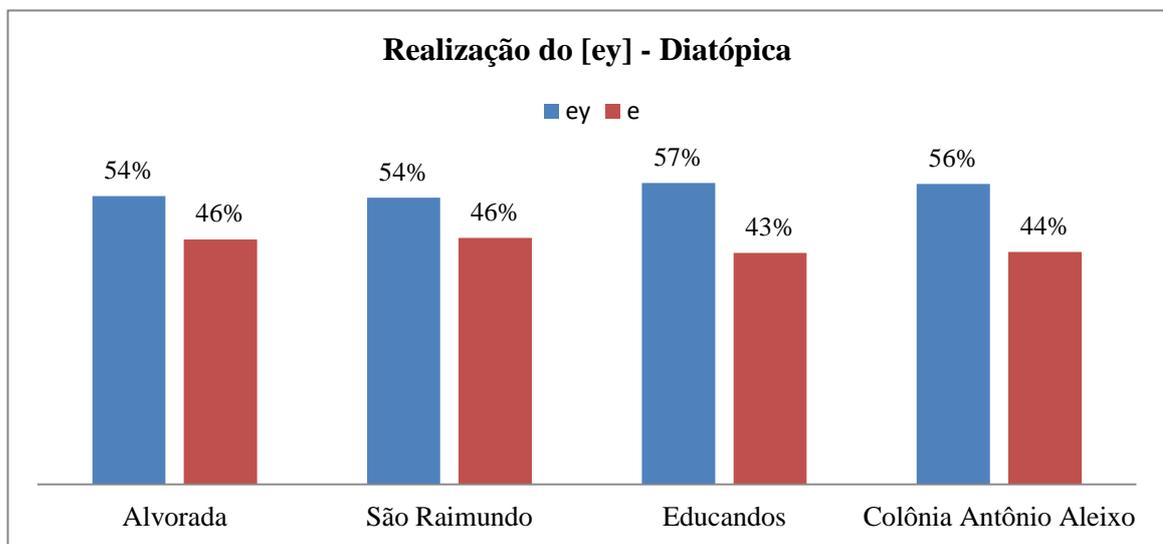
Chama atenção ainda que os dois outros grupos etários empregam a manutenção também, embora menos expressiva – levando-se em consideração os altos índices do

monotongo –, sendo a segunda faixa etária a apresentar maior tendência à manutenção da semivogal [w], com 34% das ocorrências.

7.1.4 Realização do ditongo [ey]

Em Manaus, pode-se notar que a realização do ditongo [ey] apontou para a sua manutenção em todos os bairros, especialmente Educandos e da Colônia Antônio Aleixo, 57% e 56%, respectivamente, conforme pode ser visto a seguir:

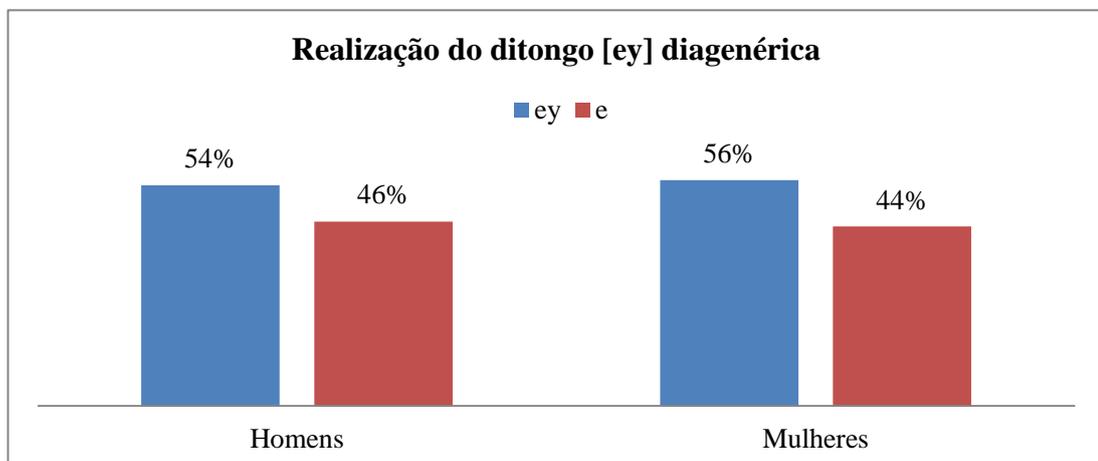
Gráfico 13 – ALFAMA: A realização do ditongo [ey] – Diatópico



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao emprego do [ey] realizado por homens e mulheres, observa-se no gráfico 14 que, na taxa de redução, os homens tendem a apagá-lo um pouco mais do que as mulheres, com 46% para eles e 44% para elas.

Gráfico 14 – ALFAMA: A realização do ditongo [ey] – Diagenérico

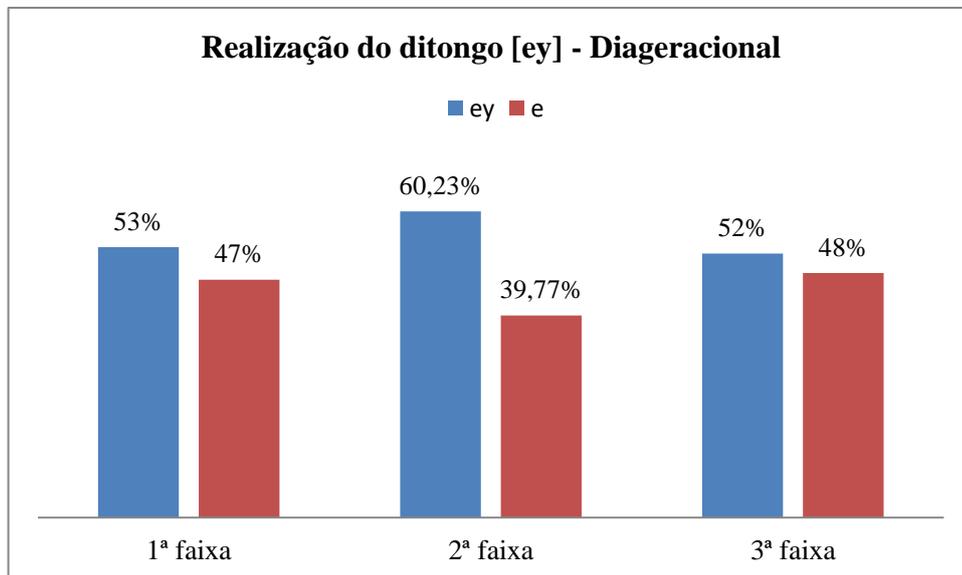


Fonte: Elaborado pela autora.

A título de comparação, em relação ao estudo diagenérico, os dados gerais de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro, municípios investigados pelo *ALFARiN* (JUSTINIANO, 2012), demonstram que as mulheres tendem a monotongar mais que os homens. Em Barcelos, outro município da região do Alto Rio Negro, anteriormente investigado pelo *ALAM*, os resultados mostram que as mulheres produzem com maior frequência o ditongo em questão (CARDOSO, 2014), sendo uma consonância seguida pelo *ALFAMA*.

Encerrando a breve análise do ditongo [ey] a partir do *ALFAMA*, observa-se agora a sua realização conforme as faixas etárias investigadas. Assim, tem-se em todas as faixas etárias a manutenção do ditongo [ey] com índices elevados, conforme se vê no gráfico:

Gráfico 15: *ALFAMA* – A realização do ditongo [ey] – Diageracional



Fonte: Elaborado pela autora.

Entretanto, há de se observar que as reduções apresentadas pelas faixas etárias dos mais novos e dos mais velhos são relevantes, com 47% das realizações do monotongo pela primeira faixa e 48% para a terceira, sendo a faixa etária intermediária, isto é, de 36 anos a 55 anos a que mais emprega o ditongo (60,23%) e a que menos o reduz (39,77%).

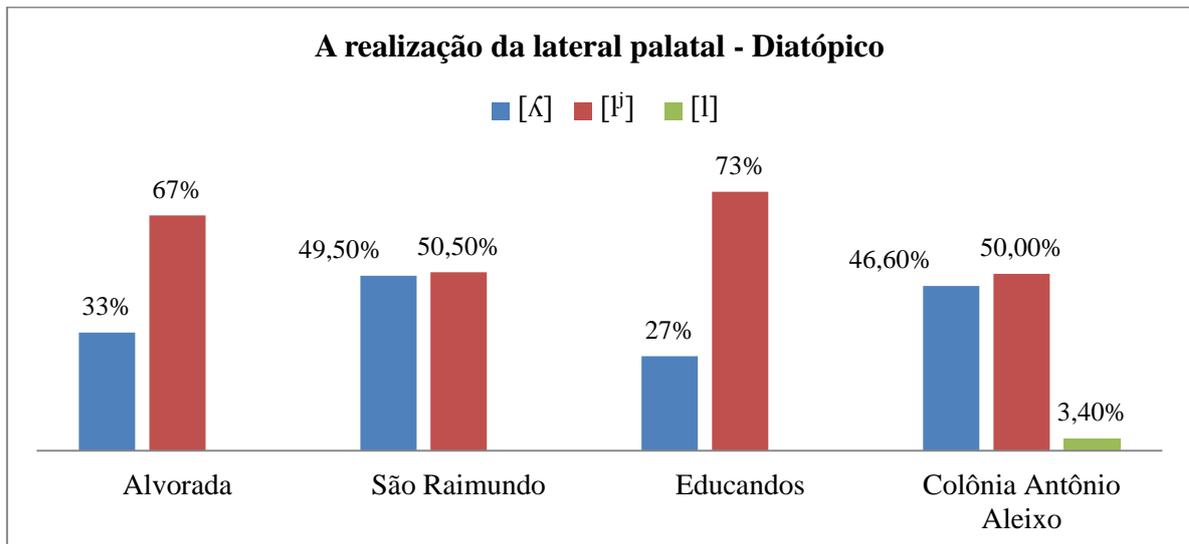
7.2 ASPECTOS DO CONSONANTISMO EM MANAUS

Nesta seção serão desdobradas as ocorrências referentes ao consonantismo e que já foram apresentadas, em termos gerais, no capítulo anterior, quando se realizou comparações com o *ALAM*.

7.2.1 Lateral palatal

Conforme se viu anteriormente, a lateral palatal mostrou realização expressiva com a variante [l̪]. Em Manaus, de acordo com os dados obtidos pelo ALFAMA, essa variante se realizou expressivamente nos bairros do Alvorada (67%) e Educandos (73%), enquanto nos outros dois bairros, São Raimundo e Colônia Antônio Aleixo, ela concorreu, apresentando taxas insignificante de diferença no primeiro bairro e quase 4% no segundo. A Colônia, também, foi a única dos bairros a apresentar a despalatalização, ocorrida por meio do vocábulo *colheita*. Tal fenômeno foi realizado por dois homens, um da segunda faixa e outra da terceira. O gráfico a seguir mostra os valores encontrados para a lateral palatal em cada ponto de inquérito.

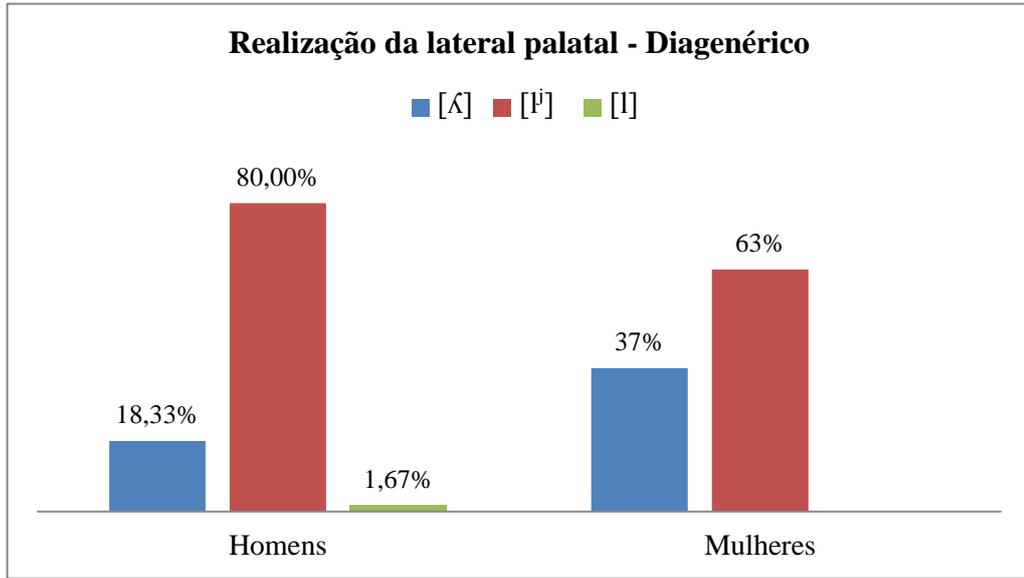
Gráfico 16: ALFAMA – A realização da lateral palatal – Diatópica



Fonte: Elaborado pela autora.

O próximo gráfico permite a visualização das ocorrências da lateral palatal de acordo com o sexo dos informantes. Percebe-se que a realização do [l̪] foi predominante em ambos os gêneros. Contudo, analisando apenas a palatal, será visto que ela tem possibilidades maiores de realização produzida por mulheres, cujo índice encontrado pelo ALFAMA foi de 37%, em oposição aos homens, que produziram 18,33% de ocorrências.

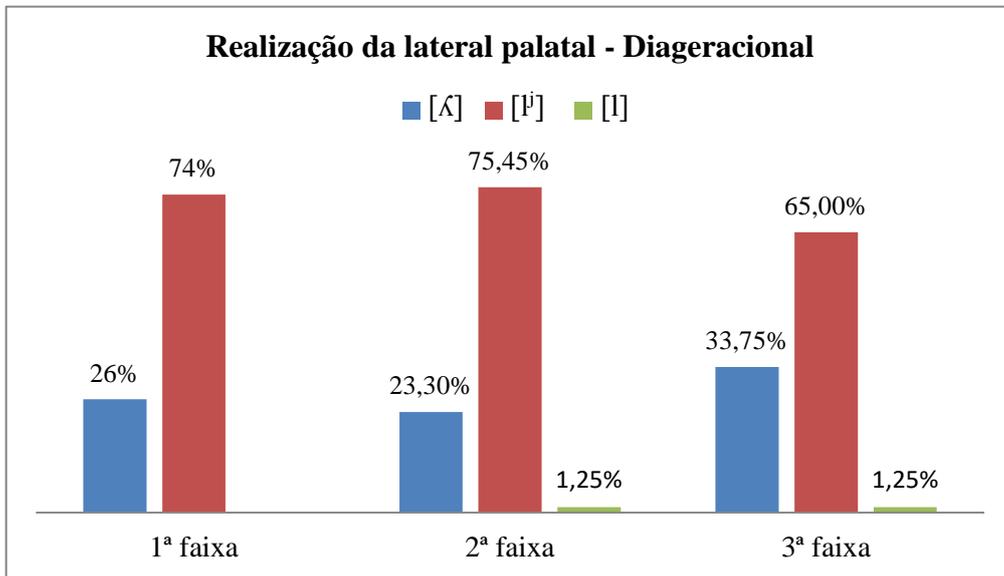
Gráfico 17: ALFAMA – A realização da lateral palatal – Diagenérica



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à realização da lateral palatal por grupo etário, observa-se que a terceira faixa é a que mais mantém a realização palatal, conforme pode ser visto no gráfico abaixo:

Gráfico 18: ALFAMA – A realização da lateral palatal – Diageracional

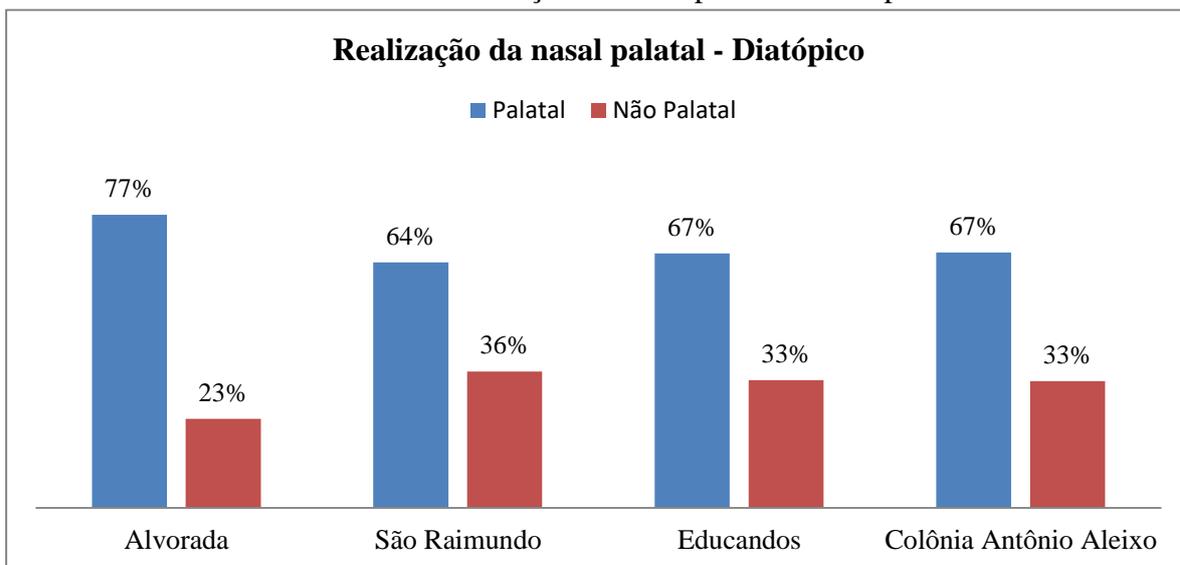


Fonte: Elaborado pela autora.

7.2.2 Nasal palatal

Como vimos no capítulo anterior, o ALFAMA mostrou a ocorrência predominante da nasal palatal, com 67,26% das ocorrências para a sua realização e 32,14% para a sua não realização. No gráfico a seguir, pode-se analisar isso a partir dos resultados encontrados em cada ponto de inquérito investigado.

Gráfico 19: ALFAMA – A realização da nasal palatal – Diatópica

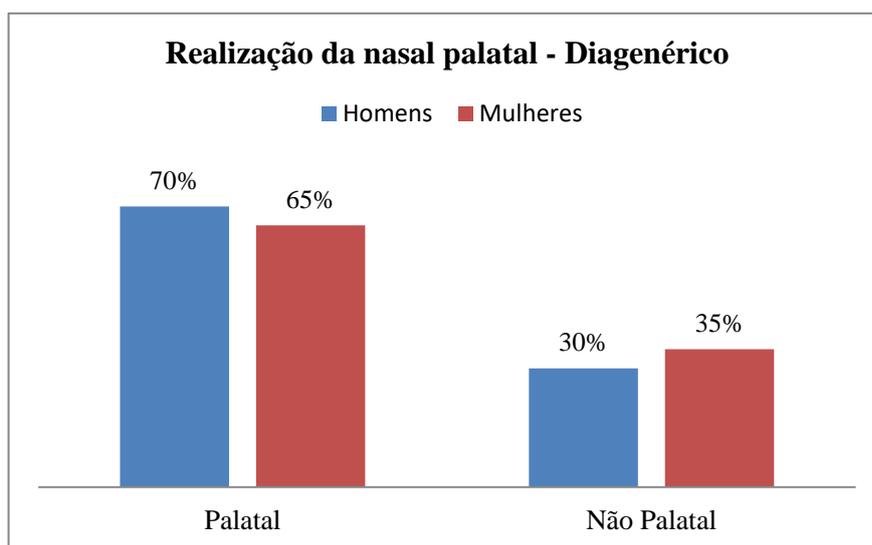


Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme pode se ver no gráfico, a palatal foi expressiva em todos os bairros. Apenas o São Raimundo, com 36%, apresentou índice de não ocorrência mais elevado que os demais, ao passo que o Alvorada é que mais produziu a nasal palatal, 73% de ocorrências.

Em relação ao uso feito por homens e mulheres, essas destacam-se um pouco mais quando da não realização da nasal palatal, porém, no geral, tanto elas quanto eles realizam tal variante expressivamente, conforme pode ser visto:

Gráfico 20: ALFAMA – A realização da nasal palatal – Diagenérica

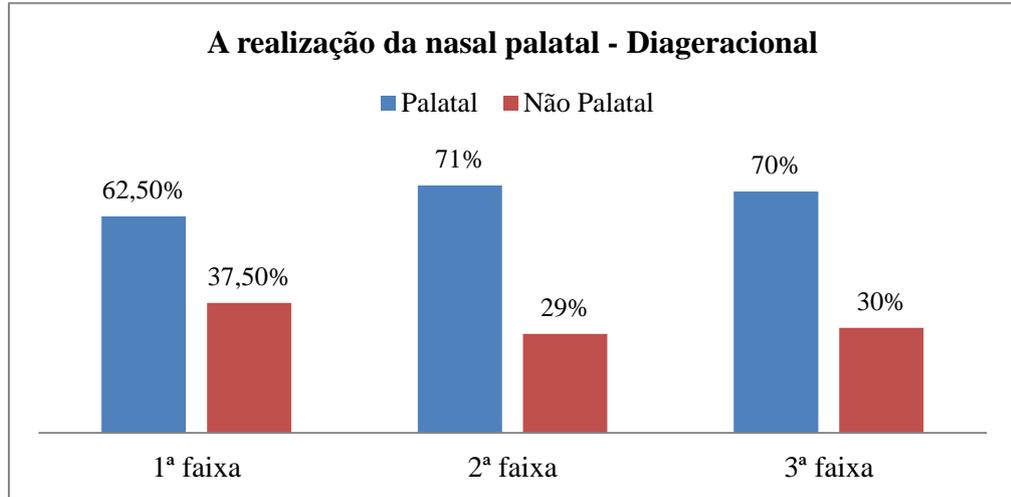


Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao grupo etário, observa-se que os três realizam predominantemente a nasal palatal. É na primeira faixa, porém, que a não ocorrência da nasal palatal apresenta índice

relevante, 37,5% de ocorrências em oposição a 62,50% da manutenção da variante, conforme se vê:

Gráfico 21: *ALFAMA* – A realização da nasal palatal – Diageracional

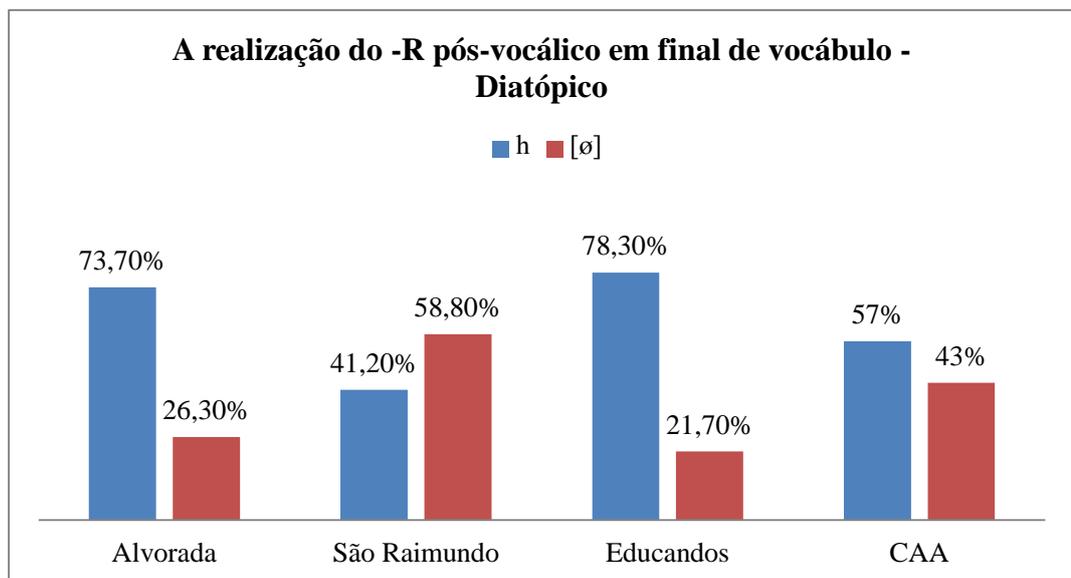


Fonte: Elaborado pela autora.

7.2.3 O -R pós-vocálico em final de vocábulo

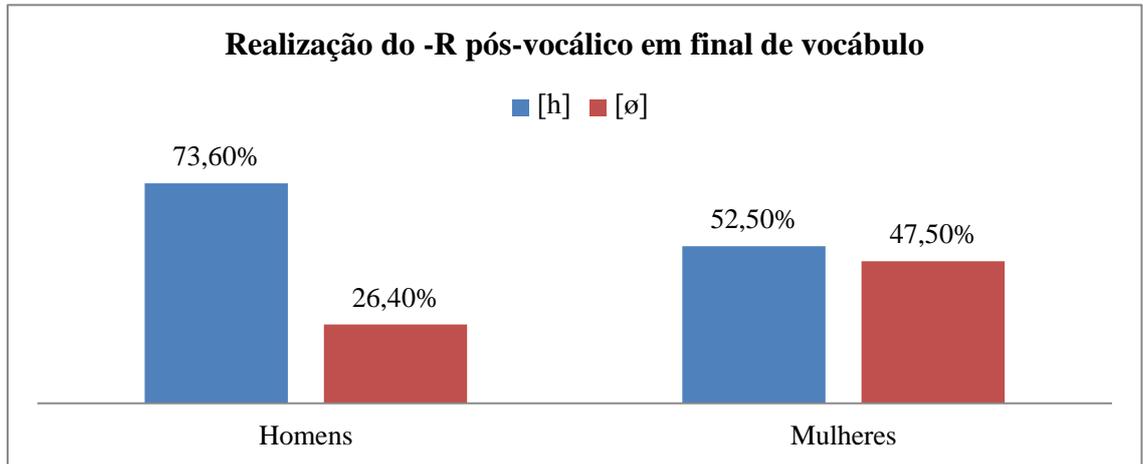
Neste momento, será analisado apenas o -R pós-vocálico em final de vocábulo. Conforme visto no capítulo anterior, ele apresentou índice para a manutenção, e não para o apagamento no *ALFAMA*. Em termos diatópicos, percebe-se no gráfico a seguir que o São Raimundo foi o único dos bairros a apresentar o apagamento como predominante:

Gráfico 22: *ALFAMA* – A realização do -R pós-vocálico em contexto final de vocábulo – Diatópico



Do ponto de vista diagenérico, observa-se que as mulheres apresentam menor discrepância no emprego das duas variantes, empregando muito mais o apagamento do -R do que os homens, com 47,50% das ocorrências em oposição a 26,40%, conforme se pode atestar no gráfico:

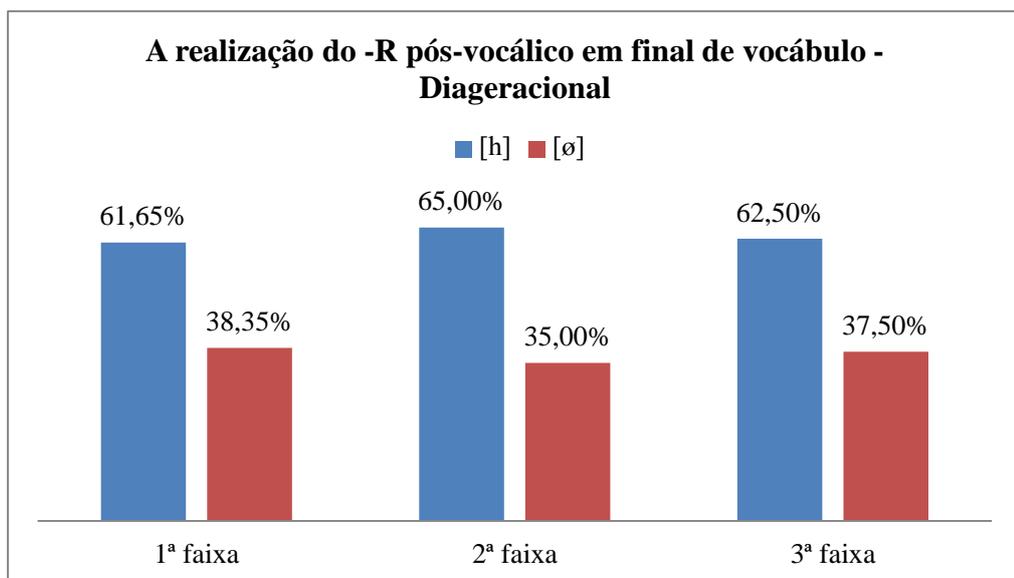
Gráfico 23 – ALFAMA: Realização do -R em final de vocábulo – Diagenérica



Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a faixas etárias, observa-se um equilíbrio nas ocorrências tanto para a manutenção do -R quanto para o seu apagamento, com a primeira e a segunda faixas etárias produzindo um pouco mais do apagamento que a segunda faixa etária, a qual apresentou índice maior para a manutenção do -R.

Gráfico 24 – ALFAMA: A realização do -R pós-vocálico em final de vocábulo – Diageracional



Fonte: Elaborado pela autora.

Aqui se encerram essas breves considerações sobre os falares de Manaus. Tem-se em conta que elas são apenas um apanhado geral, com alguns indicativos específicos, acerca dos fenômenos linguísticos ora apresentados e sobre os quais há, diversa e amplamente, estudos, discussões, trabalhos, direcionados a cada um deles, em que se preveem eixos intralinguísticos e suas influências para a manutenção ou redução do ditongo [ey] ou da lateral nasal, por exemplo. A finalidade do atlas é, ressaltar-se, destacar, apontar caminhos. Espera-se futuramente tomar cada fenômeno aqui investigado e ampliar o estudo de suas ocorrências nesta capital.

CONCLUSÃO

Em um congresso, Nelson Rossi afirmou que só poderia se aprender a fazer Dialectologia fazendo-a, isto é, indo a campo, coletando dados, elaborando projetos, empreendimentos linguísticos, criando eventos e debates, publicando atlas e depois trabalhos monográficos que os aprofundassem. Suzana Cardoso, em um artigo publicado em 2003, pela *Revista Letras*, ressaltou, no final do texto, a importância da participação de estudantes em pesquisas sobre falares, dando prosseguimento na vida acadêmica em programas de iniciação científica de pós-graduações.

O nascimento deste atlas está vinculado ao que esses dois ilustres pesquisadores afirmaram. Ele nasce no momento da graduação da pesquisadora, por meio do incentivo à pesquisa científica, em 2012, quando começou seus estudos na área dialetológica a partir do exame da realização do ditongo [ey] no Alto Rio Negro, tomando como base os atlas do Amazonas (*ALAM*) e o do Rio Negro (*ALFARiN*), além de, nos primeiros períodos da graduação, ter acesso a discussões sobre a fala manauara culta (por meio dos resultados do Projeto FAMAC apresentados em seus cursos de formação e durante as aulas de Linguística I e II). Mas que passado o primeiro estágio de contato com a pesquisa geolinguística, em que o encantamento e os desafios postos eram de resultados de um trabalho maior, de atlas ou de um projeto, agora teve como missão empreender sua própria pesquisa e aprender a *fazê-la fazendo*.

Como nada se dá no vácuo, ajudou a partir do questionário fonético-fonológico já aplicado pelo *ALAM*, bem como a delimitação dos fenômenos linguísticos para investigação. Mas, claro, houve outros desafios, por exemplo, ser uma pesquisa realizada em uma capital, na cidade em que se reside, o que poderia ser fácil, e até em certo ponto é, mas é complexa, por inúmeras razões como a falsa crença de que seria fácil encontrar informantes ou ter redes de apoio por meio de conhecidos nos pontos de inquérito investigados.

Soma-se a isso a realidade de ser uma capital, de onde vêm e partem muitas pessoas, onde é difícil encontrar informantes que possuam nível escolar baixo ou nulo conforme os critérios de seleção da metodologia dialetológica – pessoas que tenham nascido nos lugares investigados, sem terem se afastado mais que 1/3 de suas vidas deles, com os pais igualmente pertencentes aos mesmos locais e assim também os cônjuges. Foi preciso adaptar-se ao perfil social, histórico, econômico do espaço geográfico a que pertenciam os informantes. E essa adaptação só é obtida quando se pode ir finalmente a campo e entrar em confronto com todas as variáveis.

Manaus é o principal centro econômico da região Norte, até então não tinha um trabalho que reunisse um estudo acerca dos principais fenômenos vocálicos e consonantais ocorridos na fala. Com o *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA*, espera-se incentivar e contribuir com outras pesquisas geossociolinguísticas na cidade, como uma que se origine de informantes com nível escolar até o Ensino Médio.

Assim, os resultados encontrados por este atlas foram, no âmbito do vocalismo, no que se refere à vogal média anterior pretônica [e]:

- a) Em termos gerais, [e] se realiza predominantemente como fechada;
- b) Em contexto de vogal tônica aberta, o abaixamento [ɛ] é expressivo (60,12%);
- c) Em contexto antecedente ao -S em coda silábica, 69,02% das ocorrências foram para o alteamento da vogal;
- d) Em contexto de vogal tônica alta, apresenta a vogal aberta como principal índice (54,17%), seguida da vogal fechada (42,50%);
- e) Em contexto de vogal tônica alta, o alteamento é nulo na primeira faixa etária, enquanto a terceira faixa é a que mais produz a vogal aberta. O bairro São Raimundo apresentou a vogal aberta de modo significativo, o Alvorada produziu mais a fechada e o Educandos foi o que realizou menos a vogal alta;
- f) Em *mentira*, o *ALFAMA* teve predomínio da vogal média anterior (54,17%), ao contrário do *ALAM* que apontou para a vogal média nasalizada (43%);
- g) Em casos de vogal tônica fonologicamente nasalizada, o *ALFAMA* apresentou 91,67% como realização da vogal aberta em *presente* e apenas 8,33% para a vogal fechada. Já em *educação*, foi 65% para [e] e 34,78% para [ɛ].

No que se refere ao uso da vogal média posterior [o], tem-se:

- a) Em termos gerais, houve a predominância da vogal [o] como fechada em contexto pretônico. Porém, destaca-se que os bairros Alvorada e Educandos mostraram índices relevantes para o alçamento da vogal;
- b) Homens e mulheres empregaram a vogal fechada, entretanto, as mulheres se distinguiram por usar de forma mais expressiva as outras variantes, ao contrário dos homens;
- c) Em casos de vogal tônica aberta, houve 58,10% das ocorrências para a vogal aberta [ɔ];
- d) Em casos de vogal tônica fechada, o predomínio foi para a fechada [o];
- e) Em casos de vogal tônica alta, a vogal fechada se realizou em 64% das ocorrências;

- f) Em casos de hiato, houve predomínio do emprego da fechada (63,89%), distinguindo-se do que é comumente encontrado nas pesquisas dialetais, incluindo o *ALAM*;
- g) Em casos de tônica fonologicamente nasal, a predominância foi para a aberta, com 51,30% das ocorrências.

No que se refere à realização do ditongo [ow], tem-se:

- a) O apagamento da semivogal [w] é predominante;
- b) Do ponto de vista diatópico, observou-se que o Alvorada apagou mais a semivogal, enquanto a Colônia Antônio Aleixo reduziu o ditongo muito menos;
- c) Homens tendem a manter o ditongo mais do que as mulheres;
- d) A terceira faixa foi a que mais produziu monotongos. Nas outras duas faixas, é possível ver a manutenção do ditongo, especialmente na faixa dois.

No que se refere à realização do ditongo [ey], tem-se:

- a) A manutenção da semivogal foi predominante, com destaque para os bairros Educandos e Colônia Antônio Aleixo;
- b) Homens tendem a reduzir mais quando se analisa apenas as taxas de apagamento da semivogal;
- c) A segunda faixa etária foi a que mais empregou o ditongo, enquanto as outras duas o reduzem mais.

Quanto aos resultados encontrados por este atlas no âmbito do consonantismo, tem-se:

- a) /t/ e /d/ foram absolutos, e nos contextos de vogal alta [i] se realizaram como africadas;
- b) A lateral alveolar, em contexto pós-vocálico, se realizou de forma categórica como [w];
- c) Houve expressiva realização da lateral palatal como [l^j]. Ela se realizou expressivamente nos bairros do Alvorada (67%) e Educandos (73%). A Colônia Antônio Aleixo foi a única a apresentar a despalatalização. As mulheres, quando analisado apenas o contexto de realização, apresentam índice maior para a produção da lateral palatal. Destaca-se, ainda, que a terceira faixa etária produziu mais a manutenção dessa variante do que as demais faixas;
- d) A nasal palatal, diferente do que ocorreu no *ALAM*, realizou-se com a sua manutenção expressiva, principalmente graças à ocorrência categórica em vocábulos como “pamonha”, “conheço” e “amanhã”. Observou-se que as mulheres destacam-se um pouco mais quando da não realização da nasal palatal; Viu-se ainda que na primeira

faixa etária a não ocorrência da nasal palatal apresenta índice relevante, 37,5% de ocorrências em oposição a 62,50% da manutenção da variante;

- e) O -R pós-vocálico em contexto medial de vocábulo teve predominância como fricativa glotal surda, assim como no *ALAM*;
- f) No contexto final, o -R pós-vocálico mostrou-se com realização predominante para a fricativa glotal surda, com a exceção dos vocábulos “melhor”, “flor” e “devagar”. O São Raimundo foi o único dos bairros a apresentar o apagamento como predominante;
- g) O -S em coda silábica, no *ALFAMA*, teve predominância para as fricativas pós-alveolares, ao contrário do *ALAM*, cuja predominância foi das fricativas alveolares.

Assim, tem-se um panorama das realizações linguísticas investigadas em Manaus. Ressalta-se que os resultados não se encerram nem categoricamente traçam o perfil de falares presentes na capital, mas apontam ocorrências, abrem caminhos, e espera-se que, com isso, mais trabalhos geossociolinguísticos nasçam e ampliem os dados aqui mostrados, assim como os de outros atlas da região.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

ANDRADE, Bruno A expressão do futuro do presente na fala manauara culta: motivações linguísticas e variações. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português). UEA, Manaus, 2012.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os Estudos Geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB*. Simpósio “Olhando a Língua pelas Trilhas da Geolingüística”, Reunião Anual da SBPC, de 17 a 22 de julho de 2005, na Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/msocorroaragao1.htm#_ftn1>. Acesso em: 14/08/16.

_____. *Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil*. RRL, LIII, 1–2, p. 125–140, București, 2008. Disponível em: < <https://www.lingv.ro/RRL%201-2%202008%20Silva%20de%20Aragao.pdf>>.

_____. *Ditongação X monotongação no falar de Fortaleza*. Universidade Federal do Ceará – UFC, 2008. (Trabalho apresentado – projeto profala). Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/Trabalhos.htm>.

_____. O léxico da região Norte do Brasil. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 61., 2009, Manaus. *Anais...* Manaus: SBPC, 2009.

_____. Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil. *Graphos*, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 35-51, 2010.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – formação social e cultural*. 3. ed. Manaus: Valer/EDUA, 2009 [1999].

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). *Atlas Linguístico do Ceará*. Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese de Doutorado em Linguística.

_____. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BRANDÃO, Leandro D’Vinci Babilônia; MARTINS, Silvana. Andrade. *A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara*. *Guavira Letras*, 13(1), 2011. p. 49–60.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Variação e mudança no âmbito do vocalismo brasileiro. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo; CRUZ, Maria Luiza Carvalho. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: AGUILERA, Vanderci de. (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.

BRASIL. Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e Dispõe Sobre Seu Funcionamento. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, RJ, 22 de março de 1952.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BRITO, Roseanny de Melo. *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Manaus: UFAM, 2010.

CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 2011.

CAMPOS, Maria Sandra. *O açamento das vogais posteriores tônicas na fala de Borba*. Manaus: EDUA, 2011.

CALLOU, D. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n.41, p.29-48, jan.-jun. 2010.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002. 2v.

_____. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.

_____. Reflexões sobre a dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

_____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Letícia Pinto. *A realização do ditongo /ey/ em alguns falares do Alto Rio Negro: uma análise geossociolinguística*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade do Estado do Amazonas (UEA), 2014.

CAUDURO, Maria Heloisa Fialho et al. *Condições de vida e de saúde dos idosos de Manaus e Porto Alegre* – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em:

<<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/1468>>. Acesso em: 17/12/16.

CEZARIO, Maria Maura, VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La dialectologia*. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Haia: Mouton, 1957.

COSERIU, E. La geografia linguística. In: COSERIU, E. *El hombre y su lenguaje*. 2. Ed. Madrid: Gredos, 1991.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de. *O falar “caboco” amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1980.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC*. 2007. 772f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

CRUZ, Maria Luiza Carvalho. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008.

_____. As pesquisas dialetológicas no Amazonas. In: Congresso Internacional da Abralín, 2015, Belém. *Anais do IX Congresso Internacional da Abralín*. Belém: ABRALIN; PPGL/UFPA, 2015. v. 1. p. 1262-1273.

DUBOIS, Jean; et. al. *Dicionário de linguística*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo*. 2010. 741f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ESPÍRITO SANTO, Suzana Pinto. *Entoação das frases declarativas e interrogativas totais no português falado em Maués, no Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando as máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. *Um olhar lexical sobre a identidade de migrantes interioranos do Estado do Amazonas: um estudo geo-sociolinguístico*. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: UFAM, 2015.

IBGE. *Censo 2010: Indicadores de bairros – região norte*. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

JORNAL DO COMMERCIO. *Edição Comemorativa do Jornal do Commercio em homenagem ao 337º aniversário da cidade de Manaus*. Manaus, 24 de Outubro de 2006.

_____. *Edição Comemorativa do Jornal do Commercio em homenagem ao 338º aniversário da cidade de Manaus*. Manaus, 24 de Outubro de 2007.

_____. *Edição Comemorativa do Jornal do Commercio em homenagem ao 339º aniversário da cidade de Manaus*. Manaus, 24 de Outubro de 2008.

_____. *Edição Comemorativa do Jornal do Commercio em homenagem ao 340º aniversário da cidade de Manaus*. Manaus, 24 de Outubro de 2009.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. A realização do sujeito anafórico de 3º pessoa na fala culta de Manaus. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín Curitiba*, 2011. Acessado em 17/12/2015.

_____. *Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro - ALFARiN*. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: UFAM, 2012.

KOSSOSKI, Carolina. *Um estudo dos mecanismos de concordância de ‘nós’ e ‘a gente’ na fala culta manauara*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português). UEA, Manaus, 2012.

KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAIA, E. G.. *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2018.

MANAUS. *Lei n.º 1.401, de 14 de janeiro de 2010*. Dispõe sobre a criação e a divisão dos bairros da cidade de Manaus, com estabelecimento de novos limites, e dá outras providências. Lex: Diário Oficial do Município, Edição 2365, Manaus, quinta-feira, 14 de janeiro de 2010, pp. 1-7.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.

MARTINS, Silvana Andrade; MARTINS, Valteir. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, v. 3, p. 177-194, 2014.

MESQUITA, Otoni. *Manaus – história e arquitetura (1852-1910)*. Manaus: Editora Valer, 2006.

MOLLICA, M. C. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fundação de Manaus*. 4 ed. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice (Orgs.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador. Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, vol. 1, 1958. vol. 2, 1961.

PEREIRA, Maria das Neves. *Atlas geolinguístico do litoral potiguar*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2007. 2v. Vol I: 123p. mimeo. Vol II 189p. mimeo. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

PNUD. *Desenvolvimento humano em Manaus: atlas municipal 1991-2000*. v. 1. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/Atlas.aspx?view=atlasmanaus>>. Acessado em: 16/12/16.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer. 2000.

QUARA, Hariele; JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. Estudos dialetológicos no Amazonas. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça, SC*, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Hariele%20Quara.pdf>>. Acessado em: 13/12/13.

QUARA, Hariele R. Guimarães. *As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)*. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: UFAM, 2012.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald (1996). Nuevos caminos de la geolinguística románica: un balance. Tradução de Norma Díaz. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Hrsg.). *Neue wege der romanischen geolinguistik, Akten des Symposiums...* Heidelberg/Mainz, 1991. Kiel: Westensee. p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas lingüístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004.

RODRIGUES, Shanay Freire Berçot. *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. Dissertação (Mestrado em Letras). Manaus: UFAM, 2014.

ROMANO, Valter Pereira. *Atlas Geossolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. 2012. 366f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ROSSI, Nelson; ISENSEE, Dinah Maria; FERREIRA, Carlota. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ROSSI, Nelson. A dialectologia. In: *Alfa – Revista de Linguística*. v. 11. 1967. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/issue/view/270/showToc>>. Acessado em: 8/04/18.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas Lingüístico de Pernambuco*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2013.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira da. *Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

SILVA, Daniel Araújo da. *A influência das áreas verdes no clima da cidade de Manaus*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas Manaus: UFAM, 2009.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2ª ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

TAVARES, L. *Atlas Morfosintático da Microrregião do Madeira – AMSIMA*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2017.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (orgs). *Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes*. Bruxelles, 1986, p. 367-409.

_____. A Dialectologia pluridimensional no Rio de Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. *Estudos de variação linguística no Brasil e no cone sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 63-922.

TRUDGILL, P. *On dialect: social and geographical perspectives*. Oxford: Brasil Blackwell, 1983.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZÁGARI, Roberto L. et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977

ANEXOS



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido você a participar da pesquisa “Atlas Linguístico dos Falares de Manaus - ALFAMA”, sob a responsabilidade da pesquisadora Letícia Pinto Cardoso, que pretende identificar a maneira como os habitantes de quatro bairros de Manaus falam. Sua participação é voluntária e se dará através de respostas a um questionário.

Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa são possíveis preconceitos que serão evitados, já que estarei preservando sua identidade. Se você aceitar participar, estará contribuindo para fazer um registro do modo de falar dos manauaras.

Se depois de consentir em sua participação você desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora, através do telefone (92) (98271.3152), ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130 ou ainda com a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFAM – PPGL/UFAM, pelo telefone (92)3305.1181 ramal 2113.

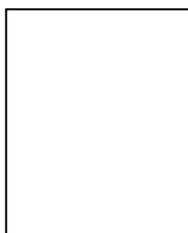
Eu, _____, fui informado (a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ___/___/___

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar



FICHA DO INFORMANTE

Código:

Nome:

Sexo: Faixa Etária: Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Morou sempre no local? () Sim () Não Onde?

Quanto tempo?

Outros domicílios:

Profissão:

Outras Atividades:

Aparelho Fonador: () Bom () Com problemas Qual?

Características Psicológicas: () Nervoso () Tranquilo () Espontâneo

Naturalidade da Mãe:

Naturalidade do Pai:

Naturalidade do Cônjuge:

Dispensado do serviço militar? () Sim () Não Onde serviu?

Viagens: () No Amazonas () Outros estados

Quê municípios do Amazonas conhece?

Quê outros estados conhece?

FICHA DA LOCALIDADE

Nome do lugar:

Número no mapa:

Área (Km2):

Bairros Próximos:

Vias de Comunicação:

Data de Fundação:

Nomes Anteriores:

Número de Habitantes:

Gentílico:

Padroeiro(a):

Dia do Padroeiro(a):

Atividades Econômicas:

Atividades Esportivas:

Observações: